

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO  
COMPANHIA ESPÍRITO SANTENSE DE SANEAMENTO

ESTUDOS POPULACIONAIS PARA CIDADES, VILAS E POVOADOS  
(CONVÊNIO CESAN)

PERFIL DOS POVOADOS DO ESPÍRITO SANTO

1500394  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

ESTUDOS POPULACIONAIS PARA CIDADES, VILAS E POVOADOS  
(CONVÊNIO CESAN)

PERFIL DOS POVOADOS DO ESPÍRITO SANTO

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO  
COMPANHIA ESPÍRITO SANTENSE DE SANEAMENTO  
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

ESTUDOS POPULACIONAIS PARA CIDADES, VILAS E POVOADOS  
(CONVÊNIO CESAN)

PERFIL DOS POVOADOS DO ESPÍRITO SANTO

DEZEMBRO/1985

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
Gerson Camata

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO  
Orlando Caliman

COMPANHIA ESPÍRITO SANTENSE DE SANEAMENTO

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES  
Manoel Rodrigues Martins Filho

## APRESENTAÇÃO

---

Pouco se conhece sobre a vida dos povoados do Espírito Santo, sua evolu  
ção histórica, suas especificidades, suas formas de inserção na economia,  
bem como seus aspectos demográficos e físico-espaciais. Desconsiderados,  
histórica e metodologicamente, para efeitos de análise, e de captação de  
dados, pela maioria das instituições de governo, são vistos como **zona ru**  
**ral**, muito embora, mais recentemente, reconheça-se estarem vinculados a  
um "**status quo**" urbano. Pertencem a uma mesma dinâmica de reprodução do  
grande capital hegemônico, estão inseridos no mesmo processo de massifi  
cação da cultura, onde hábitos e necessidades urbanas lhe são oferecidos,  
além de se constituírem em extensão de mercado, dentro dos espaços geo-eco  
nômicos.

Haveria, com base nessa ótica, a dicotomia urbano x rural? E, em caso  
afirmativo, qual seria o seu papel? Essas preocupações começam a ganhar  
importância, à medida em que se avança na investigação acerca das formas  
que assumem a nova divisão internacional do trabalho, notadamente no que  
se refere à cooptação desses espaços na reprodução do capital. Contudo,  
é de se reconhecer a exiguidade de informações existentes que permitam  
formar um amplo espectro de manifestações dessa realidade.

Com efeito, verifica-se que muitos povoados possuem atividades econômicas  
inexpressivas, constituindo-se em meros apêndices do meio rural. Entretan  
to, outros apresentam um volume de atividades e um nível de especializa  
ção que superam a situação de muitas sedes municipais. E por trás das re  
lações econômicas, há vidas em esperança e expectativas vividas.

Foram essas as preocupações ao se elaborar o presente documento. Aprovei  
tando o ensejo de coletar dados para a realização de uma projeção popula  
cional para o Espírito Santo, a equipe de Estudos Populacionais do IJSN  
resolveu ampliar a sua base de informações e buscou reunir o maior núme

ro possível de subsídios para elaborar o presente perfil. Pretende-se, com ele, iniciar um processo de reconstituição da historiografia desses povoados, espelhando a situação colhida, por cada pesquisador, procurando retratar as mutações sofridas por cada espaço ao longo do tempo.

Foram visitados cerca de 90 povoados, mantidos contatos com moradores mais antigos, analisados os espaços de ocupação, feito um levantamento fotográfico e analisada a carta do IBGE, com vistas a sua atualização, através de croquis de localização. Com base nessas informações, procurou-se elaborar, discritivamente, sua historiografia, analisar sua situação sócio-econômica e espacial, verificar as condições de equipamentos e infra-estrutura existentes, e descrever suas singularidades. Os resultados estão a seguir.

Contudo, a equipe não considera esse um trabalho acabado. Ao contrário, espera que seja ele apenas um início das atividades de recuperação e de registro da dinâmica existente. Uma série de outros estudos podem ser desenvolvidos a partir das informações obtidas, tanto para uso institucional como pelos próprios segmentos da sociedade capixaba. Acredita-se que ele subsidiará a melhor compreensão da própria dinâmica geo-econômica das regiões do Espírito Santo e, com isso, ampliar as bases de entendimento da própria realidade estadual. E, através de um maior conhecimento de suas especificidades, ampliar a visão atual desse contexto, encarado como simples segmento da zona rural, sem sujeito e sem predicados, simples objeto.

Há que se considerar, ainda, os resultados mais subjacentes dessa experiência. A partir do momento em que o IJSN aliou-se à CESAN, visando requisitar um contingente de técnicos para um trabalho de campo, estava deixando de lado a postura tecnocrática, assumida durante muitos anos. Dessa forma, o Estado passou a patrocinar a essa equipe uma oportunidade de sair dos gabinetes de trabalho, na Capital, para ir ver de perto um universo fora de seu cotidiano.

Não um universo de aglomerados que resguardam um prolongamento do meio de vida das grandes cidades, mas um ambiente estreitamente ligado ao meio rural: os chamados **patrimônios**. Esses locais são extremamente dependentes, débeis em relação às mudanças conjunturais e estruturais, e, por isso mesmo, desconhece-se os destinos que a maioria desses **embriões** de cidade tomarão, podendo, no futuro, vir a se tornarem sedes de municípios, talvez grandes cidades, setenciados à estagnação, desaparecimento ou mesmo engolidos por um grande centro.

No entanto, há que se partir de um fato inexorável: sua existência. A população desses núcleos está vivendo, trabalhando, lutando, buscando água em poço, capinando a terra, plantando e colhendo suas dádivas. Isso tudo sem receber quaisquer atenções de Governo, muitas vezes susceptível à inoperância, justificada através de um conflito de competências, nas diferentes instâncias de poder. Não desejam esses habitantes ser lembrados apenas nos períodos pré-eleitorais, mas em caráter permanente, como força de trabalho que engravida a terra e desejam apenas ser feliz.

O documento Perfis dos Povoados do Espírito Santo é um veículo de transmissão do pensamento e da palavra desses habitantes, que as externaram nas entrevistas levadas a efeito. Documentou-se sua luta quotidiana por melhores condições de vida, assumindo a equipe uma postura de absoluta fidedignidade de reprodução dos relatos e, por isso mesmo, passando a constituir mais um veículo de manifestação de suas reivindicações.

Ao publicar tais depoimentos, não se ofereceu nada a seus colaboradores, a não ser a própria oportunidade de disseminação do conteúdo manifesto, ratificado ainda através de um acervo fotográfico levantado nessas localidades. Nele estão resgatadas as imagens interioranas, suas formas, suas paisagens, seus legados históricos e sua paisagem natural, além, é claro, da imagem simples do homem do campo.

No entanto, muito há que resgatar, a partir da historiografia levantada. Pois, afinal, abrem caminho para novas interpretações acerca das relações

sociais existentes: quem conhece o **seu** João Neves, um dos desbravadores do interior de Nova Venécia, que abriu a primeira clareira onde existe, atualmente, extensões de terra plantadas com café? Quem conhece D. Dorothéia, que aglutinou e organizou os trabalhadores rurais de Santa Leopoldina num sindicato? Quem conhece os irmãos Isaias e Rafael Altoé, que fundaram, em 1951, a primeira Cooperativa de Cafeicultores de Jaciguá? Esses personagens constituem memória viva de um período que está prestes a perder seu registro, caso não venham a ser documentados. Ainda há tempo, enquanto essas fontes ainda vivem as informações. Basta atenda para as necessidades de as novas gerações conhecerem esse universo, evitando que elas venham a se sentir sem passado, sem história.

Por tudo isso, a equipe dedica esse trabalho a essa população e aos administradores públicos que tão bem saibam entender as revelações expressas no presente documento.

## SUMÁRIO

## PÁGINA

### APRESENTAÇÃO

1. INTRODUÇÃO .....	14
REGIÃO Ib - ÁREA DE INFLUÊNCIA DA GRANDE VITÓRIA .....	27
- Ib.1 - MUNICÍPIO DE LINHARES .....	28
Ib.1.1. Povoado: Juncado .....	28
Ib.1.2. Povoado: Comendador Rafael .....	31
Ib.1.3. Rio Quartel .....	34
Ib.1.4. Povoação .....	35
Ib.1.5. Povoado Farias .....	36
- Ib.2 - MUNICÍPIO DE RIO BANANAL .....	39
Ib.2.1. Povoado: São Jorge do Tiradentes .....	39
- Ib.3 - MUNICÍPIO DE ARACRUZ .....	43
Ib.3.1. Povoado: Jacupemba .....	43
Ib.3.2. Barra do Riacho .....	46
Ib.3.3. Barra do Sahy .....	48
Ib.3.4. Córrego D'Água .....	51
- Ib.4 - MUNICÍPIO DE IBIRAÇU .....	54
Ib.4.1. Povoado: Cavalinho .....	54
Ib.4.2. Povoado: Cristal .....	56
Ib.4.3. Povoado: Santo Afonso .....	58
Ib.4.4. Povoado: Piraqueçu .....	60

## PÁGINA

- Ib.5 - MUNICÍPIO DE SANTA TEREZA .....	63
Ib.5.1. Santo Antônio de Pádua .....	63
- Ib.6 - MUNICÍPIO DE AFONSO CLÁUDIO .....	66
Ib.6.1. Fazenda Guandu .....	66
Ib.6.2. São Francisco .....	67
Ib.6.3. São Luis de Miranda .....	68
I.7 - MUNICÍPIO DE SANTA LEOPOLDINA .....	69
I.7.1. Caramuru .....	69
I.7.2. Santa Maria de Jetibá .....	75
I.7.3. Alto Possmouser .....	82
- Ib.8. MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS .....	87
Ib.8.1. Povoado: Ponto Alto .....	87
Ib.8.2. Povoado: Perobas .....	90
- Ib.9. MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO CASTELO .....	93
Ib.9.1. Povoado: São João de Viçosa .....	93
- Ib.10 - MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM .....	97
Ib.10.1. Povoado: São José de Fruteiras .....	97
REGIÃO II - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM .....	100
- II.1. MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM .....	101
II.1.1. Córrego dos Monos .....	101
II.1.2. Samba .....	103
II.1.3. Gironda .....	106
II.1.4. Boa Esperança .....	110

## PÁGINA

II.1.5. Prosperidade .....	114
- II.2. MUNICÍPIO DE ITAPEMIRIM .....	119
II.2.1. Povoado: Gomes .....	119
II.2.2. Povoado: Graúna .....	121
II.2.3. Brejo dos Patos .....	124
- II.3. MUNICÍPIO DE ICONHA .....	128
II.3.1. Bom Destino .....	128
- II.4. MUNICÍPIO DE ATÍLIO VIVACQUA .....	131
II.4.1. Praça do Oriente .....	131
- II.5. MUNICÍPIO DE CASTELO .....	135
II.5.1. Estrela do Norte .....	135
- II.6. MUNICÍPIO DE DORES DO RIO PRETO .....	140
II.6.1. Mundo Novo .....	140
- II.7. MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY .....	143
II.7.1. Santo Eduardo .....	143
II.7.2. Jaqueira .....	145
REGIÃO III - BOM JESUS DO ITABAPOANA (RJ) .....	150
- III.1 - MUNICÍPIO DE APIACÁ .....	151
III.1.1. Bom Sucesso .....	151

## PÁGINA

REGIÃO IV - MANHUAÇU (MG) .....	154
REGIÃO V - COLATINA .....	155
- V.1 - MUNICÍPIO DE COLATINA .....	156
V.1.1. São João Grande .....	156
V.1.2. Divisa .....	159
V.1.3. Morello .....	161
- V.2 - MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA .....	164
V.2.1. Cristalino .....	164
V.2.2. São João da Cachoeira Grande .....	166
V.2.3. Santo Antônio do XV .....	169
V.2.4. Praça Rica .....	172
V.2.5. São Luiz Rei .....	176
V.2.6. Todos os Santos .....	179
- V.3. MUNICÍPIO DE MARILÂNDIA .....	184
V.3.1. Monte Sinai .....	184
- V.4. MUNICÍPIO DE LINHARES .....	188
V.4.1. São Jorge da Barra Seca .....	188
- V.5. MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA PALHA .....	191
V.5.1. São Roque da Terra Roxa .....	191
- V.6. MUNICÍPIO DE BOA ESPERANÇA .....	195
V.6.1. Santo Antônio .....	195
V.6.2. Sobradinho .....	198

## PÁGINA

- V.7. MUNICÍPIO DE BAIXO GUANDU .....	202
V.7.1. Mascarenhas .....	202
- V.8. MUNICÍPIO DE PANCAS .....	205
V.8.1. Monte Carmelo .....	205
REGIÃO VI - MANTENA (MG) .....	208
- VI.1 - MUNICÍPIO DE BARRA DE SÃO FRANCISCO .....	209
VI.1.1. Vargem Alegre .....	209
VI.1.2. Cafelândia .....	211
VI.1.3. Bom Destino .....	214
VI.1.4. Santa Luzia do Córrego Azul .....	218
VI.1.5. Monte Senir .....	221
- VI.2 - MUNICÍPIO DE ECOPORANGA .....	224
VI.2.1. Itapeba .....	224
VI.2.2. Muritiba .....	226
VI.2.3. Prata dos Baianos ou Vila Prata .....	227
VI.2.4. Santa Rita .....	229
VI.2.5. Santa Terezinha .....	231
VI.2.6. São Geraldo .....	232
VI.2.7. Ribeirãozinho .....	234
- VI.3.1 - CEDROLÂNDIA .....	236
VI.3.2 - Boa Vista .....	239

**PÁGINA**

- VI.4 - MUNICÍPIO DE MANTENÓPOLIS .....	242
VI.4.1. São José .....	242
REGIÃO VII - NANUQUE (MG) .....	244
- VII.1 - MUNICÍPIO DE MONTANHA .....	245
VII.1.1. Povoado: São Sebastião do Norte .....	245
- VII.2 - MUNICÍPIO DE MUCURICI .....	247
VII.2.1. Povoado: Ponto Belo .....	247
VII.2.2. Povoado: Água Boa .....	250

A história dos povoados capixabas se confunde com a própria história econômica que marca as relações sociais no Espírito Santo, desde a ocupação de seu território, até sua gradativa inserção na divisão internacional do trabalho. O nascimento, crescimento ou estagnação desses povoados sempre esteve ligado às grandes transformações sócio-econômicas que ocorreram no Estado.

Na fase de ocupação territorial, os povoados assumem um papel de apoio à produção primária, inicialmente participando do ciclo de desmatamento e, em seguida, participando diretamente na produção cafeeira e pecuária. Com a hegemonia do café, muitos desses constituíram-se em elos da cadeia de intermediação na comercialização dessa monocultura, ou mesmo na distribuição de bens e de serviços à população rural. Com a erradicação do café, o ritmo de crescimento desses povoados sofre uma reversão, pois o que os mantinha em ascensão era justamente a vinculação ao capital comercial, que perde a sua hegemonia.

Nesse período, a economia do Estado é sacudida pelo advento dos grandes projetos, pela consolidação de um grande pólo de produção, distribuição e consumo, na Grande Vitória, pelo crescimento acelerado do poder de atração desse pólo, pela emergência do capital agrário e industrial na economia capixaba, surgindo uma nova paisagem sobre a rede urbana do Estado.

Esses fatos vão provocar uma redefinição dos papéis dos aglomerados urbanos, por meio de um modelo que se constitui, ao mesmo tempo, concentrador e desconcentrador onde a mesma lógica pressupõe o inchamento da Grande Vitória e proximidades, ao mesmo tempo em que se verifica um verdadeiro pipocamento de pequenas aglomerações em áreas de produção e de consumo recentes.

A gênese e a evolução desses núcleos descreve um movimento pendular, ora se inserindo na rede urbana, através de suas diferentes armações, ao longo do tempo, ora excluídos, por sua inoperância, de acumulação do capital, pois a situação vigente é diretamente responsável pela combinação de fatores que determinam o crescimento, a estagnação e o declínio dos núcleos urbanos. Compreender essa realidade significa analisar as principais manifestações da dinâmica sócio-econômica e espacial, bem como as especificidades de cada povoado na região onde se insere.

As informações que são agregadas a nível de cada localidade subsidiarão a conformação de um Perfil dos Povoados do Espírito Santo, fornecendo elementos para melhor compreensão de como se rebate no espaço as principais transformações da realidade capixaba. No conjunto, as especificidades estudadas, a partir de cada povoado, não conformam um entendimento global dessa realidade, já que essa é maior do que o próprio somatório das partes. Entretanto, esse estudo possibilita alguns indicadores de como se espacializa a própria dinâmica dos subespaços econômicos, notadamente em relação à forma que assume o modo de produção capitalista onde se inserem esses povoados.

Infere-se paralelamente as formas que assumem os movimentos migratórios internos a esses subespaços, no qual cada um detém, a cada momento, parcelas maiores ou menores dessa dinâmica, em relação aos períodos de distribuição populacional interespaçial correspondente. Tais movimentos são indicativos das estruturas motoras, ligadas à massa de salários, valor de produção e pessoal ocupado, verificando-se que o incremento populacional está sempre relacionado à geração de valor, aos quais sustentam os pesos demográficos nos vários espaços do Espírito Santo.

Assim, as leis que determinarão essas atrações ou expulsões serão consequência do movimento geral da economia e do papel que cada espaço desempenha na reprodução dessa, bem como o papel que cada aglomerado ocupa na rede urbana. Com efeito, observa-se que essa dinâmica conforma um quadro geral de distribuição das especializações no espaço. O extremo norte do

Espírito Santo apresenta uma região rural especializada em pecuária de corte, enquanto que o extremo sul em pecuária leiteira, a Região I-b central, próxima a Grande Vitória, com tendências a especializar-se em olericultura e o litoral norte bem mais diversificado, que é a área de penetração das culturas ligadas à indústria moderna (cana e eucalípto).

O eucalípto, como matéria-prima para a Aracruz Celulose, o carvão vegetal destinado às siderúrgicas mineiras, e a cana, dentro do programa de expansão do Pró-álcool. Essa região apresenta, ainda, área de grandes fazendas de pecuárias e cacau, e de culturas modernas, como pimenta-do-reino, mamão etc., altamente rentáveis e produzidas sobre relações de produção tipicamente capitalistas, ou seja, pela utilização do assalariado.

Essa região apresenta transformações marcantes, com alto índice de concentração de terra, tendo se constituído aí um mercado de trabalho típico dessas culturas, ou seja, com base no trabalhador temporário, o que se reflete no surgimento de um grande número de povoados de bóias-frias ao longo da BR 101 e na **inchação** da cidade de São Mateus.

Segundo o documento Estudos Populacionais para Cidades, Vilas e Povoados, ao qual o presente estudo gravita, três momentos são específicos no processo que consolidou essa nova agricultura. O primeiro foi a erradicação dos cafezais e sua substituição pela pecuária, acompanhado por um forte êxodo rural, concentração da propriedade e da consolidação do capital agrário. O segundo momento é a entrada do capital agroindustrial (na região ao longo da BR 101 norte), através do eucalípto e da cana, e do capital agrário, através de culturas como a pimenta-do-reino, mamão, produzidas não pela relação tradicional, no Estado, ou seja, mão-de-obra familiar, mas, sim, pelo assalariado temporário. É uma forma de produção tipicamente capitalista, cujo objetivo da unidade produtiva é a acumulação.

O terceiro momento, é marcado pelo replantio do café, principalmente a partir de 1975, e já em 1980 o número de cafeeiros existentes no Espírito Santo se equipara novamente ao existente em 1960 (antes da erradicação). Não obstante a modernização do setor agrícola, é o capital industrial que

vai assumir o papel hegemônico. Visando a economia de escala, a espacialização desse capital se dá na região de Vitória e ao longo da BR 101. O capital comercial possui variantes com a entrada de capital forâneo, numa aproximação a economia nacional.

Assim, o conjunto de cidades, inseridas ou não na rede urbana, está, agora, vinculados à própria reprodução da economia modernizada, enquanto que a configuração espacial manifesta essa relação.

Assim é que a região central é a que mais se desponta nesse processo, crescendo encefalicamente e inibindo, ao mesmo tempo, o surgimento de novas aglomerações, dado o tipo de especialização que assume. Essa região consolida-se como centro industrial e de serviços especializados, tendo, em sua área de influência direta o surgimento de centros importantes, como São Mateus e Linhares, ao norte (que até 1968 não passavam de cidades locais), como mudanças marcantes.

Vitória e seus municípios limítrofes constituir-se-ão direção preferencial dos fluxos migratórios. Há um espaço, denominado área metropolitana, cuja reprodução é a reprodução do grande capital aqui instalado. Sua reprodução se dá sempre no sentido da especialização e diversificação, não sobrando espaço para outras cidades exercerem funções semelhantes.

A região central, em Linhares, deverá crescer em virtude da transferência de certos serviços e bens só possíveis na área central para Linhares, em virtude do mercado existente no norte. Nessa região, foram pesquisados 22% do universo, 25 povoados, número considerado significativo. Desses, 17 povoados, cerca de 70%, surgiram num período anterior à década de 70. Do total observado, repartem-se em igual proporção o número de povoados que apresentam um processo de urbanização ordenado, malha urbana adensada ou dispersa.

Cerca de 60% desses apresentam um processo de crescimento populacional vegetativo ou negativo. A economia desses em sua grande maioria, está liga

dos à produção rural, prevalecendo o café, como cultura dominante. Em relação à infra-estrutura e aos equipamentos observa-se uma situação paritária. A maioria das habitações, nesses povoados, são de alvenaria, possuem rede de água e de luz, sendo bem servidos de transportes. No entanto, a situação dos esgotos ainda é precária, prevalecendo o sistema de fossas ou eliminação de dejetos *in natura*. Em relação às comunicações, são bem servidos, tanto no que concerne à recepção de sinais das emissoras de rádio, de televisão, como pela rede telefônica.

A Região II - Cachoeiro de Itapemirim é constituída por um centro industrial e agroindustrial, localizado na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, ao lado de uma região rural a qual não mantém interação produtiva, onde predomina o leite, que passa a ser industrializado em seu parque industrial, já bem diversificado, e o café. É uma região que tende à manutenção do status quo. Os povoados pesquisados nessa região, num total de 14, cerca de 15% do universo, são anteriores à década de 60. Apenas a metade desses apresenta uma ocupação ordenada, assim como o número dos que apresentam uma malha urbana dispersa é praticamente igual ao número de povoados que apresentam malha urbana dispersa. Na maioria desses prevalecem habitações de alvenaria.

A maioria dos povoados situados na região de Cachoeiro, apresenta crescimento próximo ao vegetativo, poucos sendo aqueles que se despovoaram, em função da erradicação do café. Apresentam uma diversificação de culturas primárias, destacando-se a olericultura, a pesca, o abacaxi, a mandioca e o café (não de forma dominante). A extração do mármore está entre as atividades principais da economia de dois desses povoados.

Em relação à situação dos equipamentos, infra-estrutura e serviços, observa-se uma divisão paritária entre o número de residências servidas por rede de água e por captação individual, por meio de poços. Prevalecem, também, o número de habitações em alvenaria, sendo bem servidos por rede elétrica, mas insuficientemente servidos em relação à rede de esgotos. A maioria dos povoados adota o sistema de despejo de detritos sanitários

**in natura.** Em relação aos transportes, a maioria dos povoados é bem servida, mantendo linhas de ônibus que facilitam a acessibilidade aos principais centros do Estado, recebendo bem os sinais das emissoras de rádio e televisão da Capital. No entanto, os sistemas telefônico e postagens ainda são carentes, em relação aos serviços que prestam.

A Região V - Colatina mantém uma constituição clássica de configuração, sendo articulada por Colatina que polariza centros urbanos em sua região de influência, mas deles dependendo para reproduzir-se enquanto centro regional. A integração se dá via capital comercial, através da comercialização do café e, também, pelo capital industrial, que domina a produção de carne (os dois principais produtos da região). Essa centralização tanto na comercialização, quanto da industrialização desses produtos por Colatina se faz com que fique retido aí grande parte do excedente e isso lhe dá dinâmica de reprodução e diversificação, mas a torna dependente em relação ao entorno agrícola.

É bem diferente da forma como se estrutura a região de Colatina, pois essa é tipicamente industrial, não tendo vinculação direta com a produção rural. Observa-se que a região de Colatina mantém a mesma estruturação desde a década de 60, embora tenha havido um processo de especialização de funções dos centros maiores, diversificando funções entre Colatina, Nova Venécia e São Gabriel da Palha. Assim é que os povoados situados nessa região reproduzem o status quo vigente.

Dessa forma, a ocupação desses povoados é anterior à década de 60, sendo a maioria engajada num processo de crescimento positivo, e tendo no café o sustentáculo de sua economia, aparecendo, como atividade secundária, a pecuária ou a cana. As aglomerações são, em geral, em sua maioria, ordenadas, adensadas, predominando o tipo de habitação de alvenaria. Apresentam um crescimento positivo, lento ou rápido, em função da retomada do café, sendo bem servidas pelos transportes coletivos, de ligação a outros centros.

Em relação às condições ambientais, verifica-se que a maioria possui ca

rência de abastecimento de água, feito por meio de nascentes ou poços artesianos. A energia elétrica está presente na maioria desses, assim como a população da maioria dos povoados está ligada ao contexto nacional através das emissoras de rádio e de televisão.

Já a Região VI - Mantena é formada por núcleos urbanos que se ligam ao centro regional apenas por exercer funções de oferta de bens e serviços. Isso se dá pela proximidade dessa cidade com Colatina. No que se refere à produção econômica, pecuária e café, a subordinação se dá totalmente por Colatina. Barra de São Francisco, que já exerce função de cidade local para seu entorno, e por reter parte significativa do excedente da produção de arroz, tende a ganhar dinâmica e especializar-se e conformar-se como cidade local para essa rede de pequenas cidades. Nesse nível, Mantena não cumpriria mais o papel de complementar as funções dessa região e a ligação se daria com a cidade de Coaltina, a nível regional como já ocorre hoje.

Por isso mesmo a tipologia de ocupação, bem como a estrutura econômica se assemelha às características da região de Colatina. A maioria das aglomerações nasceu na década de 50, possui um tipo de ocupação ordenado e adensado, sendo suas habitações de taipa ou de alvenaria. A grande maioria possui um crescimento positivo, lento ou acelerado, de acordo com a entrada do café, embora em muitos deles predomine ainda a pecuária. Em relação às condições físico-espaciais, a maioria possui sistemas de iluminação elétrica, mas são carentes em relação à rede de água e esgotos. Predominam os sistemas de captação de água por nascentes ou por poços artesianos individuais. São deficientes em relação à situação sanitária, já que os dejetos são depositados in natura ou fossas.

São bem servidos por linhas de ônibus intermunicipais, assim como recebem bem os sinais emitidos por emissoras de rádio ou televisão. No entanto, são carentes em relação a serviços telefônicos e de postagens.

Em relação a Região VII - polarizada por Nanuque, há uma predominância das atividades pecuárias. Por tratar-se de grandes propriedades que tra

balham com o assalariado permanente, suas cidades têm pouca integração com o espaço agrícola e se apresentam com poucas especializações. A cidade de Montanha assume funções de cidade local para essa pequena rede de cidades, e serve ainda como ponto de primeira intermediação da carne, que tem como destino vários locais: Nanuque, Bahia, Colatina e Vitória.

Nesse sentido, não tem muita ligação com Colatina no que se refere a sua subordinação econômica. Os frigoríficos de Colatina não monopolizam a comercialização da produção desse espaço. Está situada na fronteira da agricultura capitalista moderna. A penetração do capital agrário, via cultura da cana deve acontecer, já que, por tratar-se de grandes fazendas de pecuária, nenhuma resistência oferece. De qualquer forma, a tendência é de constituir-se em mercado de trabalho, com base no assalariado temporário e de integração da dinâmica da região de São Mateus. A polarização para consumo pode continuar por Nanuque.

Nessa região, há poucos povoados pesquisados, num total de três, numa clara alusão à sua representatividade em relação ao universo estudado. Os três são anteriores à década de 60, sendo Ponto Belo, Água Boa e São Sebastião do Norte redutos tradicionais de pecuária que apresentam uma gradativa introdução da cana, como cultura alternativa. Em dois desses predominam, de forma absoluta, as habitações de taibá, onde se deduz o nível de renda baixo de seus habitantes. A aglomeração constitui sítio adensado, porém de forma desordenada, apresentando ritmo de crescimento dispare. Ponto Belo cresce aceleradamente, devido à influência de Mucurici, captado um comércio que se constitui mais diversificado do que da própria sede. Isso é favorecido pela topografia, pela capacidade de absorção de mão-de-obra nas farinheiras, além de se constituir em fator gerador de circulação de uma pequena massa de dinheiro, devido à massa de salários e a falta de importância da sede, Mucurici.

Água Boa ainda vive os reflexos da erradicação do café, por não ter encontrado alternativas econômicas, apresentando crescimento negativo. Já São Sebastião do Norte se reproduz de forma lenta, provocada pela própria reprodução da força-de-trabalho diarista, que trabalha na cana. O abaste

cimento de água é deficiente em dois deles, São Sebastião do Norte e Água Boa. Ponto Belo já dispõe de rede, enquanto os demais de apenas poços individuais de captação de água. A energia elétrica atende à demanda desses povoados, mas os esgotos são despejados em fossas. O sistema de transportes atende frequentemente à demanda, mas a telefonia e os serviços de postagens são deficientes. Apenas São Sebastião do Norte apresenta agência postal. Em relação à comunicação de massa, os sinais emitidos pelas emissoras de televisão e rádio da capital são bem recebidos em todos os povoados.

A última das regiões analisadas, a Região VIII - São Mateus, reúne 16 povoados, 18% do universo. Essa região apresentou mudanças significativas em sua economia. De uma região basicamente de economia de subsistência, sem muita integração com a dinâmica da economia cafeeira, passou a engajar-se ao atual processo de reprodução do grande capital, facilitado pela penetração do capital agrário e agroindustrial que a modifica radicalmente e num curto espaço de tempo.

As culturas de cana e de eucalipto e as usinas de álcool que aí se instalam passam a demandar uma massa de trabalhadores que não se constitui apenas pelos ex-proprietários e parceiros desapropriados. Atrai população, principalmente do sul da Bahia que passa a fixar-se tanto em São Mateus, como provocam o nascimento de uma série de povoados que outra função não têm além de servirem de mroadia para os **bóias-frias**.

A reprodução dos núcleos urbanos e em especial de São Mateus está embricada com a forma como se reproduz o capital agroindustrial. Por um lado concentra a propriedade da terra e cria um mercado de trabalho assalariado de baixa renda e, por outro, gera emprego para um pequeno número de funcionários altamente especializados e remunerados. Essas cidades não têm, portanto, nenhuma dinâmica própria de reprodução, no que diz respeito à geração de valor. O excedente retido se dá via consumo assalariados que viabiliza a reprodução do capital comercial e do terciário.

Em relação aos núcleos pesquisados, verifica-se que seu surgimento sempre é posterior à década de 60, estão vinculados à economia rural e tem no café, nos complexos agropecuários, no eucalípto, na cana e sua atividade maior. O nível das habitações é precário, pois a maioria dos povoados pesquisados apresentam construções de taipá ou madeira. A maioria possui ocupação dispersa e desordenada, crescimento populacional rápido ou lento, mas sempre positivo. São maus servidos, em relação à água, a maioria dispõe apenas de coleta de poços, individuais, sendo o sistema de esgotos o de fossas. Boa parte desses está situada junto à BR 101 e, por isso mesmo, são bem servidos, em relação à demanda de transportes coletivos.

Em relação às comunicações, a maioria recebe bem os sinais das emissoras de televisão e rádio da Capital, mas são carentes no que se refere à telefonia e serviços de postagens. Seis desses povoados pertencem a dois municípios recentemente emancipados: Pedro Canário e Pinheiro.

Alguns outros parâmetros podem ser traçados, em relação à conjuntura examinada, quando confrontadas às realidades encontradas. Em relação ao setor educacional, a situação somente se agrava em relação ao quadro estadual. No Espírito Santo, de cada 100 crianças matriculadas na primeira série do 1º grau, apenas 46 passam para a segunda série, 12 terminam a quarta série e nove concluem o 2º grau. Tais dados são sujeitos à revisão, já que um sistema de acompanhamento do aluno não permite uma análise concreta da situação, embora seja reconhecida a própria precariedade do sistema de ensino pela Secretaria de Educação.

Não são poucos os estudos acerca da questão da evasão escolar, bem como da repetência e analfabetismo. A repetência e a evasão escolar são um dos aspectos de destaque, atribuídos como produto marginal do sistema educacional, prova concreta de sua inadequação à sociedade. Essa evasão tem suas causas nas condições sócio-econômicas das famílias marginalizadas do processo de acumulação, onde crianças são ingressadas muito cedo no mercado de trabalho. A própria migração também acarreta reflexos no sistema

educacional, onde a mobilidade assegura explicações em relação aos altos índices de transferências.

A pesquisa elaborada pelos Estudos Populacionais para Cidades, Vilas e Povoados procurou analisar alguns dados coletados, sem que isso tenha significado a aplicação de rigorosos critérios científicos. Serviu mais como um pano de fundo para explicar a aplicação das equações, visando a projeção populacional do Espírito Santo até o ano 2.010. Por isso mesmo que o resultado serve apenas como um indicativo às análises mais científicas que venham a ser realizadas nesse campo. Além disso, o universo retratado diz respeito apenas aos povoados, sem que os dados coletados sejam passíveis de cruzamento com a situação encontrável em núcleos urbanos maiores.

A partir do levantamento de dados de matrícula e do aproveitamento escolar dos povoados incluídos no projeto, referente ao ano de 1984, verifica-se que a situação se aproxima à tendência encontrada a nível nacional, o elevado índice de alunos repetentes, matriculados na primeira série do 1º grau, índice esse que incide diretamente sobre a abertura de novas vagas.

É verdade que, se todas as crianças matriculadas na primeira série do 1º grau fossem aprovadas, regularmente, em cada série e não houvesse evasão escolar, o número de classes, em casa uma das séries mais avançadas seria igual aquele da primeira. Isso determinaria um acréscimo real de salas de aula para os alunos que completam a faixa etária de sete anos, a cada ano. Como a evasão alcança um índice elevado, 14% em média, para os povoados incluídos no levantamento - o expediente de se manter maior número de vagas na primeira série do 1º grau e número menor de salas nas séries seguintes, faz com que seja possível absorver, anualmente, a clientela esperada, formada por grande parcela de novos alunos que procuram matrícula e parte do contingente de reprovados e evadidos que retornam à escola.

Entretanto, dado o elevado nível de abandono e de reprovação, nos povoa

dos considerados no presente levantamento, muitas crianças permanecem fora da escola, dada a demanda excedente de matrícula na primeira série, representada pelos ingressantes que completaram 7 anos, pelos reprovados e pelos evadidos que retornam à escola. O índice de 62% aferido, para aprovação média, é ligeiramente superior à média nacional que, em 1984, foi igual a 50% na 1ª série.

Na tentativa de se encontrar possíveis fatores determinantes dos diferentes índices de reprovação, aprovação, abandono e transferência encontrados foram calculados os índices médios para diferentes regiões.

Com relação ao índice de aprovação, verificou-se que nos povoados situados na região de Cachoeiro, foi de 67%, índice superior ao da região de Linhares, que apresentou 61%. Os menores índices de aprovação encontrados foram na região de Barra de São Francisco, 58%, e Colatina, com 60%. Com relação ao índice de reprovação, os povoados da região de São Mateus tiveram os índices mais altos, 19%, e em 2º lugar Linhares, com 18%. As demais regiões tiveram índices de reprovação semelhantes, em torno de 16%.

O maior índice de abandono escolar verifica-se a maior incidência na região de Colatina, com 16%, seguindo-se as regiões de Barra de São Francisco, com 15%, e finalmente Linhares, com 13%, além de São Mateus e Cachoeiro, ambas com 12% de abandono.

Seria interessante analisar os possíveis motivos da reprovação e abandono expressivos, provavelmente ligados ao tipo de escola (unidoscente ou não), à produção econômica da região e a qualificação dos professores, além de outras.

Em relação às condições ambientais, observa-se um predomínio das terras utilizadas com pastagens, descanso ou improdutivas. As áreas que ainda abrigam matas naturais não chegam a constituir 2% do total, sendo inexpressivas as áreas com reflorestamento. Os povoados, de uma maneira ge

ral, estão localizados em sítios planos, são dispersos e não planejados, situando-se às margens dos rios. A tipologia de habitação varia de acordo com o tempo de existência desses núcleos, sendo melhores dotados, em relação à infra-estrutura, pela oferta de energia elétrica. A situação de esgotos é precária, mas em relação ao provimento de água, esses são resolvíveis, em sua maioria, de forma individual, pela instalação de poços artesianos. O sistema de coleta de lixo existe apenas em um pequeno número desses, quase inexistindo na grande maioria dos povoados pesquisados.

A grande maioria dos povoados não possui pavimentação das ruas, nem um sistema de drenagem adequados. O sistema de transportes coletivos atende à demanda, mas não de forma absoluta. As estradas variam de acordo com o grau de acessibilidade, já que muitos povoados apresentam dificuldades nos períodos chuvosos, devido às dificuldades provocadas pela ausência de pavimentação e de constituição dos sítios, muitos deles situados em região acidentada. Em relação aos equipamentos urbanos, há uma precariedade quase absoluta.

A igreja passa a ser um dos elementos aglutinadores na organização social. Geralmente é ela quem promove os principais eventos desses povoados, catalizando a maioria das populações residentes no meio rural. Possuem pouca representatividade política, em relação às bases eleitorais do interior do Estado. Não foram observados conflitos de terra, embora as informações acerca da organização social e suas formas de controle sejam insuficientes para formar um diagnóstico.

Em relação às perspectivas futuras, há que se acrescentar uma tendência futura de a economia estadual, consolidando a hegemonia do capital agroindustrial, estabelecendo especializações cada vez maiores dos espaços, mantendo a estrutura produtiva das regiões e inserindo a realidade desses povoados nas mesmas leis que regem o jogo combinado de fatores que determinam o crescimento, a estagnação e o declínio dos vários espaços ao qual estão inseridos.

REGIÃO Ib - ÁREA DE INFLUÊNCIA DA GRANDE VITÓRIA

---

**Ib - 1.****MUNICÍPIO DE LINHARES**

---

**Ib - 1.1. POVOADO: JUNCADO**

Este povoado está situado ao norte do estado, como também encontra-se na mesma posição em relação a sede do município, distando desta, cerca de 30km. O relevo desta região é totalmente plano e as possibilidades de expansão deste aglomerado não encontram nenhum entrave de ordem físico-geográfica. Devido as suas áreas planas, esta região apresenta fácil formação de lagoas e em consequência, deterioração da qualidade de suas estradas, o que, no período de chuvas (principalmente verão) vem dificultar circulação de automóveis e ônibus, atrapalhando assim o escoamento da produção e trânsito das pessoas residentes.

O sítio urbano é formado basicamente por uma rua principal que corta o povoado em toda a sua extensão, além de outras poucas ruas paralelas e transversais. No centro deste sítio está situada a igreja que tem a sua volta um largo campo gramado reservado para as festas e promoções da comunidade.

O histórico de Juncado data do início da década de 60, época em que a família Cezar Fornazier comprou uma área de um alqueire para plantio de milho e feijão, e exerceu estas atividades durante 2 anos; passado este período, a localidade tinha constituído um centro de rezas, o que atraía os moradores das áreas vizinhas, que lá se reuniam para exercerem seus cultos; com a consequente consolidação deste processo, o Sr. Cesar resolveu lotear a área (10% lotes) e construir uma igreja, devido a estes fatos e a facilidade de acesso a alguns serviços instalados, alguns colonos resolveram se instalar em Juncado, o que determinou definitivamente a instalação do aglomerado.

A atividade econômica predominante era a extração da madeira, o que originou 04(quatro) serrarias, das quais, atualmente, só resta uma e que não exerce muitas influências sobre a localidade.

Recentemente alguns pequenos proprietários tem constituído moradias em Juncado, deixando seus estabelecimentos sob a supervisão de trabalhadores, que passam a ocupar a antiga casa do patrão.

Tais fatos, por si só, não tem servido para fazer esta localidade se desenvolver, pois, apesar da chegada de alguns novos habitantes, outros têm saído para a sede do município ou então para outros estados (principalmente para Rondônia). Como consequência deste movimento, a vida comunitária, outrora bastante animada, encontra-se um tanto desagregada, sendo prova de tal fenômeno, o fechamento da igreja há aproximadamente 02 anos.

A dinâmica da economia é dada basicamente pela produção familiar de café, milho e feijão, que representam as atividades de maior agregação da mão-de-obra, utilizando em seus serviços, uma pequena parcela de parceiros e assalariados temporários.

Além destas culturas, destaca-se a presença da pecuária, exercida de forma extensiva mas que, ao nível interno de Juncado, não exerce muitas influências, pois utiliza pouca mão-de-obra e os proprietários não residem no aglomerado.

Ao nível da atividade industrial, aparece 01(uma) serraria, que utiliza 05 a 07 pessoas em seus serviços, mas que está, ano a ano, reduzindo sua produção, derivada da escassez de matéria-prima na região, que outrora fora uma abundante área para o fornecimento de madeiras de diversos tipos e que hoje encontra-se praticamente reduzida a reserva de Sooretama, como exemplo do passado.

A atividade comercial serve basicamente a satisfação da demanda por ali

mentos, e em caso de outras necessidades o fluxo é orientado para a sede de Linhares.

A infra e superestrutura estão caracterizadas da seguinte forma:

- Rede Escolar: Escola de 1ª a 7ª séries.
- Rede Bancária: Os serviços são executados em Córrego D'Água e na sede de Linhares.
- Rede Hospitalar: Atendimento na sede do município.
- Comunicação: Os únicos meios de comunicação existentes são o posto telefônico e a televisão, os quais funcionam regularmente.
- Água: utilizam cisterna.
- Esgotos: O lançamento é realizado em fossas.
- Coleta de Lixo: não existe.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: não existem.
- Transportes coletivos: dois horários/dia para Linhares.

As evidências verificadas para o povoado de Farias levam a crer que a nível populacional está tenderá a descrever, pois sua população nos últimos 05 anos passou de 492 habitantes em 1980 para 424 em 1985, assim, se não houver uma inversão dos fatores ora existentes, com uma respectiva maior dinamicidade de sua economia, atualmente inserida na rede de Linhares, esta comunidade não logrará progredir.

## Ib - 1.2. POVOADO: COMENDADOR RAFAEL

O povoado de Comendador Rafael está situado ao norte do Estado, aproximadamente a 25km da sede do município de Linhares, as margens da Lagoa Juparanã - na parte final desta, partindo-se da BR 101 no sentido do interior do município e é cortado pela antiga estrada (de chão) que fazia a ligação dos municípios de Linhares, São Mateus, Colatina, Conceição da Barra e caminhava rumo a Bahia.

O sítio urbano é formado basicamente por duas ruas, nas quais situam-se algumas lojas de comércio e as residências, sendo que estas encontram-se também distribuídas pelos morros que conformam o perfil desta aglomeração.

O clima é predominantemente quente durante todo o ano e tal fato, aliado ao solo, torna esta região propícia ao desenvolvimento das culturas de feijão, milho, café e arroz.

A data de formação desta aglomeração remonta ao início do século XX, quando então existia, na região, um grande contingente indígena. Uma das famílias pioneiras na ocupação foi a família Gama.

Os atrativos principais de formação foram: a pesca, pois a Lagoa Juparanã, encostada no aglomerado, representava um farto celeiro de pescado (37km de extensão); extração de madeira, o que levou a constituição de 04(quatro) serrarias, as quais encontram-se atualmente desativadas e o grande fluxo de ônibus que ligava Linhares com o norte do estado, promovendo, assim, um grande incentivo ao comércio.

Enquanto estes três elementos formavam a base de sustentação da dinâmica local, o aglomerado exercia um papel importante na região, mas com a escassez de matérias-primas para as serrarias, dado o simples processo de desmatamento, e a constituição da BR 101, que passa ao largo do povoado, esta localidade passa então a conhecer, nos últimos 15 anos, um processo contínuo de esvaziamento populacional e perda da importância relativa do seu outrora florescente comércio.

Por sua vez, a pesca, que representava uma atividade muito mais centrada no próprio consumo do que no processo da comercialização, não representa, por si só, uma atividade capaz de sustentação da população residente, assim é que são introduzidas atividades de caráter como o café (principal atividade agrícola), feijão, mandioca, milho e arroz.

Dadas as novas características de utilização de mão-de-obra, onde esta se assalaria diariamente ou temporariamente, é comum encontrar, na maioria dos moradores, esta categoria de trabalhadores, que vivem num misto de atividades, entre a pesca e a agricultura.

O comércio, atualmente, só atende a demanda por gêneros de primeiras necessidades, sendo que o restante é suprido pela sede de Linhares.

A infra e superestrutura pode ser caracterizadas da seguinte forma:

- Rede Escolar: Escola Singular **Lagoa Juparanã**, que atende da 1ª a 4ª série e possui 03 professores e 04 salas de aulas. A escola que leciona a partir da 4ª série está localizada em Córrego D'Água, e devido a distância, é muito raro alguém sair para estudar fora.
- Rede Bancária: Todo o atendimento é realizado na sede de Linhares.
- Rede Hospitalar: Existe a sede do posto de saúde, mas não está funcionando, e, em casos de necessidades, desloca-se para a sede do município.
- Comunicação: Chegam, de forma irregular, jornais e revistas; recebem, normalmente, imagens de televisão e o posto telefônico funciona regularmente.
- Água: Atendimento da SAAE.
- Energia Elétrica: Boa qualidade.
- Esgotos: Lançamento a céu aberto, fossa negra ou então na Lagoa Juparanã.

- Coleta de Lixo: Não existe.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Não existem.
- Transportes Coletivos: Existem 6 horários que saem de Linhares, sendo 2 (dois) com destino a Jaquaré, e 1(um) para Colatina, São Gabriel da Palha, Tiradentes e Nova Venécia (todos eles cortam o povoado).

Este é um povoado que vem decrescendo, devido a sua perda de funções, pois sua população que era de 468 habitantes em 1980, passou para 313 em 1985, assim, dada a qualificação da dinâmica de sua economia, é de prever-se que este núcleo, atualmente ligado a região de Linhares, tende a continuar decrescendo nos próximos anos.

Ib - 1.3. RIO QUARTEL

Ib - 1.4. POVOAÇÃO

### 1.5. POVOADO: FARIAS

Situado numa região formada de pequenos morros, o povoado de Farias é cortado por uma várzea de dimensões aproximadas à 700 hectares, o que, de certa forma, representa um entrave a expansão ou aglomeração do sítio urbano. Esta área que está localizada ao norte do estado, recebe grandes influências da sede do município, devido a pequena distância que os separa, o que significa algo em torno de 18km. O clima quente, predominante ao longo do ano, permite decifrar as potencialidades econômicas oriundas do setor primário, ou seja, culturas como mandioca, feijão e milho estão diretamente associadas às condições climáticas e de solo da localidade.

O surgimento deste povoado deve-se à chegada da família Farias por volta da década de 40, período em que existia nesta região uma densa mata, a qual originou uma serraria de médio porte e que serviu para atrair outros moradores.

Com o deslanchar deste processo houve a instalação de um loteamento, o que consolidou em definitivo a ocupação da localidade. Com a afluência cada vez maior de pessoas, oriundas, principalmente do município de Aracruz (italianos), começou-se a cultivar a mandioca em escala comercial, que, no início, era enviada para Presidente Kennedy, e que, dado ao progresso desta atividade, resultou na criação de uma farinheira, e, a partir de então, a mandiocultura foi se expandindo, apresentando atualmente, 05(cinco) farinheiras instaladas, e com perspectivas de ampliação.

Apesar da predominância da mandioca, que através das farinheira, apresenta capital circulante na ordem semanal de Cr\$ 150.000.000 (cento e cinquenta milhões/semana), existem outras atividades agrícolas, de menor expanção, que são: café, milho, feijão e arroz, sendo que, os três últimos sofrerão um maior incremento a partir da drenagem de 700 hectares da várzea existentes próximo a localidade, o que virá a acrescentar maiores perspectivas econômicas ao povoado.

A mão-de-obra existente na localidade não é suficiente para atender a sua demanda, e a alternativa existente é ir buscá-la em Canivete, distrito vizinho, que fica a aproximadamente 7km de Farias, e que está localizada às margens da BR 101.

Canivete é um aglomerado típico de ocupação por **bóias-frias**, os quais suprem, praticamente, toda a região circunvizinha do distrito. Tão importante é a importância deste reduto de mão-de-obra, que só para Farias, ele fornece aproximadamente 250 trabalhadores/dia, em período de pico, e segundo a opinião de moradores locais **existe tanta oferta de trabalhadores que dá até para escolher.**

A farinha processada é comercializada em grande parte em São Paulo e Minas Gerais e em menor escala em Vitória e Rio de Janeiro.

Além das indústrias de farinha, destacam-se também a presença da LASA (Linhares Alcooleira S/A) que tem suas instalações industriais estabelecidas a 3km de Farias, e que, no contexto geral, não provoca grandes alterações no **locus** urbano do aglomerado.

O comércio de Farias atende basicamente ao consumo de gêneros de 1ª necessidade, sendo o fluxo maior no sentido de Linhares, onde compram-se televisões, geladeiras, carros, etc.

A infra e superestrutura existentes podem ser assim caracterizados:

- Escola: 1º Grau Prof. Efigênia Sizenando, a qual atende da 1ª a 6ª séries. A 7ª e 8ª não funcionam devido a falta de alunos e, garotos da 6ª série têm desistido de estudar devido a oferta de trabalhos. O horário de funcionamento é de manhã e de tarde.
- Bancos: Todo o serviço é realizado em Linhares.
- Rede Hospitalar: Existe um posto de saúde que se encontra fechado e os serviços de saúde são realizados em Linhares.
- Comunicação: Existe um posto telefônico que é insuficiente no atendimento

mento, pois a LASA praticamente o monopoliza. O restante dos serviços é realizado na sede do município.

- Água: Abastecido por rede da SAAE.
- Energia Elétrica: Boa qualidade.
- Esgotos: O lançamento de detritos é feito através de fossa negra e ao ar livre, o que propicia o surgimento de mosquitos e a proliferação de doenças.
- Coleta de Lixo: Não existe, o lançamento do lixo é realizado em matagais próximos.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Não existe drenagem e nem pavimentação.
- Transportes Coletivos: Existem 6 horários diários ligando Farias e sede do município.

De acordo com a dinamicidade da economia observada para o povoado de Farias, entende-se que este aglomerado apresenta perspectivas de desenvolvimento e crescimento, quer seja industrial-transformação de produtos primários (agrícolas) - bem como da sua população, a qual passou de 250 pesoas em 1980 para 644 em 1985. Aliada a tal perspectiva, destaca-se também a pequena distância da sede do município, que exerce enorme influência na localidade, cuja administração municipal tem efetivado algumas ações (drenagem de várzea) que intensificam ainda mais a economia de Farias.

**Ib - 2.****MUNICÍPIO DE RIO BANANAL**

---

**Ib - 2.1. POVOADO: SÃO JORGE DO TIRADENTES**

O povoado de São Jorge do Tiradentes está situado no norte do estado, e a extremo norte do município de Rio Bananal, próximo a linha divisória do município de Colatina, distando da sede de Bananal aproximadamente 15km, através de acessos em mau estado de conservação, que apresentam declividade ascendente de baixa altitude.

Esta é uma região de grande fertilidade, apresentando até bem pouco tempo uma densa mata que foi praticamente dizimada através da atividade carvoeira, a qual serviu de base introdutória a cafeicultura além de promover um grande fluxo de mão-de-obra necessária ao processamento do carvão.

O sítio urbano se caracteriza por apresentar um aglomerado situado através de uma longa rua, ao longo da qual, estabeleceram o comércio principal e os estabelecimentos residenciais. Esta rua; no sentido sul-norte, possui uma ladeira extensa, em cujo fim é cortada por um córrego, que divide o aglomerado; seguindo pelo acesso principal, após passar a ponte, chega-se a escola de 1º grau, além de algumas poucas residências, as quais determinam o limite final da aglomeração.

A localidade de São Jorge do Tiradentes é banhada por dois rios: São João e Tiradentes, de pequenos volumes d'água, e que não têm muita importância ao nível econômico desta área.

O processo histórico de formação deu-se através da existência de um armazém de secos e molhados, para onde confluíram moradores das cercanias. No princípio, devido a área ser cortada por um rio, cada uma das partes recebia um nome distinto, uma chamava-se São João do Tiradentes e a outra São Paulo.

Toda esta área era de propriedade do Sr. Luiz de Souza, residente em Campos (Rio de Janeiro), o qual conservava a propriedade com pura mata.

Com a chegada do Sr. Jorge Pereira Torres, começou o primeiro loteamento, em 1955, e estabeleceu-se definitivamente o nome de São Jorge do Tiradentes. A partir deste momento é deslanchado um processo efetivo de ocupação com a vinda de imigrantes, inicialmente de Campos, Minas Gerais, e posteriormente de Castelo, Iconha e outros municípios do sul do Espírito Santo.

Este fenômeno foi provocado devido as perspectivas de exploração da atividade carvoeira além da possibilidade de aquisição de terras a preços módicos.

Após a instalação do armazém, e com o adensamento populacional, seguiu-se a construção de outros estabelecimentos comerciais.

O café apresentava bons lucros na década de 50, e com isto São Jorge chegou prosperamente a possuir bares, padaria, 03 farmácias, 09 lojas (confeções e secos e molhados) além de uma série de outras atividades comerciais.

Com a erradicação dos cafezais, em meados dos anos 60, este quadro se inverte, e o que se vê é um processo de emigração populacional com destino a Rondônia, o que acarretou uma regressão no outrora próspero crescimento do povoado.

Atualmente o que se encontra é uma população apresentando um pequeno índice de crescimento, sendo atendida por uma farmácia e alguns poucos estabelecimentos comerciais, acreditando que a melhora dos preços do café possa trazer ao povoado o crescimento já experimentado anteriormente.

O café, milho, feijão e o arroz, constituem a base econômica de São Jorge, sendo que os três últimos apresentam uma produção mais voltada para a subsistência, enquanto que o café é a principal atividade comercial, e o

seu destino é para Vitória e Colatina, através de compradores locais.

Além destas atividades, destaca-se a carvoaria, que, ainda representa, no contexto geral, uma função intensificadora na utilização de mão-de-obra, e que serve para aquecer a dinâmica econômica local.

A indústria é representada por uma fábrica de aguardente, a qual, além de pequeno plantio de cana de reserva, tráz matéria-prima de Conceição da Barra e comercializa seus produtos em todo o Espírito Santo.

O comércio encontra-se formado por 01(uma) farmácia, 04(quatro) lojas de gêneros alimentícios e 04(quatro) bares, e atende a uma pequena demanda por parte da comunidade, a qual compra a maior parte de seus produtos na sede do município de Rio Bananal. Os comerciantes locais são, também, proprietários de terras na região.

A infra e superestrutura caracterizam-se da seguinte forma:

- Rede Escolar: Escola de 1º Grau Barra do Tiradentes atende da 1ª a 4ª séries e CENEC (Companhia Nacional de Escolas de Comunidades) de 5ª a 8ª séries.

A Escola Barra do Tiradentes tem mais de 30 anos de existência, e se encontra em péssimo estado de conservação, sendo que a comunidade é quem tem se encarregado de sua manutenção, através de meios próprios.

Um problema enfrontado pelo sistema educacional, é a evasão de alunos que nesta região representa aproximadamente a 25% de estudantes que não concluem o ano letivo.

Dois elementos podem ser caracterizados como os responsáveis por este fenômeno; um é a cafeicultura, que nos períodos de colheita, arregimenta, indistintamente, crianças e adultos, num processo competitivo, onde se remunera por área ou saco colhido diariamente, fazendo com que os pais, num artifício para elevar a renda familiar, retirem seus filhos da escola, inutilizando o ano letivo. Outro fator é a atividade carvoeira, que, em seu declínio, tem desempregado vários trabalhadores,

os quais partem para outras regiões em busca de trabalho, levando seus filhos, fazendo com que estes, numa consequência lógica, percam seus estudos do ano.

Vale ressaltar que tal fenômeno não é ocorrência exclusiva deste povoado, e sim de todo o estado, onde a sazonalidade da força de trabalho se impõe como imperativo ao fluxo migratório.

- Rede Bancária: Rio Bananal e Linhares (número maior de bancos).
- Rede Hospitalar: Atendimento médico uma vez por semana, na igreja. Hospital em Linhares.
- Comunicação: Tem posto telefônico, correio e televisão, com bom atendimento e funcionamento; existe uma biblioteca pública a cargo da administração municipal.
- Água: SAAE.
- Rede Elétrica: Atendimento precário.
- Rede de Esgoto: Poucas casas possuem fossas, o resto do despejo é na rua.
- Coleta de Lixo: É realizada 02(duas) vezes por semana, a cargo da Prefeitura.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Não existem.
- Transportes Coletivos: Existem 04(quatro) horários diários que saem de Linhares e vão para Colatina e vice-versa, além de um horário que sai do povoado para Linhares.

Uma avaliação rápida a respeito deste povoado, que está inserido na rede de Linhares, mostra que através do processo histórico a decisão de erradicação dos cafezais provocou todo um desarranjo estrutural no seu quadro econômico e populacional, que no primeiro momento decresceu, e só após quase 20 anos depois deste processo, volta a se equilibrar, com sua população, retomando timidamente um crescimento interrompido, pois o número de habitantes que em 1980 estava em 422, em 1985 encontrava-se em 470, e, caso não haja nenhuma alteração nas perspectivas vigentes, esta será a tendência de crescimento de São Jorge do Tiradentes.

Ib - 3.

MUNICÍPIO DE ARACRUZ

---

Ib - 3.1. POVOADO: JACUPEMBA

Caracterização da Vila de Jacupemba  
Distrito de Guaraná

Jacupemba está situado às margens da Rodovia BR 101, na divisa com o município de Linhares. É formado, basicamente por três aglomerados urbanos: Jacupemba, que é o núcleo central, aproximadamente 280 casas, o bairro São José, onde se localiza a fábrica de carrocerias Mambrini, que conta com 60 domicílios e o bairro de Nova Colatina, com 144 casas. Sua situação geográfica é a seguinte: região plana, sobre solos de **Formação Barreiras** e banhado pelo Rio do Norte e pelo Córrego São José. O sítio urbano apresenta uma área de grandes dimensões, que servirá para expansão, ao sul do aglomerado. Pelo asfalto está a 50km da sede do município. Há uma rodovia estadual não pavimentada que liga à Aracruz, via Córrego D'Água, com o percurso menor. Jacupemba tem muita facilidade no que se refere a transportes, pois há ônibus a todo instante passando pela BR 101, com destino aos grandes centros.

A população de Jacupemba apresenta os seguintes dados: 1980 = 2.475, 1985 = 2.420 e para o ano 2010, o número de habitantes chegará a 3.430.

Um dos fundadores do povoado é o Sr. Salvador Baioco. O relato do **velho desbravador** é cheio de emoção, pois ao chegar na região onde hoje situa o aglomerado, não existia nada, a não ser a mata rica em madeiras nobres. Fomos encontrá-lo às voltas com as crianças, com um cajado na mão, esbravejando, pois elas insistiam em **desapropriar** suas belas laranjas. Segundo o Sr. Baioco, o povoamento de Jacupemba, teve início por volta de 1950. Sua esposa também participou desse processo como professora da escola local por mais de 12 anos, enquanto o marido e outros pioneiros **da**

**vam conta da mata**, que circundava o embrião urbano.

Contam, que uma viagem até Vitória custava um dia inteiro e só tinha um ônibus, via Santa Cruz. Já a estrada que ligava a Linhares, passava dentro do logradouro, o que muito contribuiu para o desenvolvimento populacional. Com a retirada da madeira surgiram as serrarias e iniciou uma importante atividades econômica, no começo dos anos 60. Com o refugo dos desmatamentos e o aproveitamento das madeiras menos nobres, apareceram as carvoarias, que gerou uma nova fonte de trabalho na região. Na década de 70, com o asfaltamento da BR 101, o aglomerado cresceu ao longo da estrada e uma nova dinâmica econômica começou a se desenvolver.

As grandes propriedades rurais começaram a fixar seus trabalhadores diáristas no aglomerado. Hoje Jacupemba consolida sua condição de bolsão de **bóia-fria**, formado pelo contingente de trabalhadores das plantações de café, mamão (essa atividade é desenvolvida nas fazendas de Linhares, e, todo dia os caminhões chegam ao povoado para levar e trazer os trabalhadores), cana-de-açúcar, eucalipto para a Acesita, pecuária e na criação de porcos.

Algumas indústrias também se instalaram em Jacupemba. A BRASAGRO, que é uma fábrica de ração para porcos e emprega mão-de-obra local. A fábrica de carrocerias para caminhões MAMBRINI, onde se formou o bairro São José e um alambique, que conta com 20 empregados do povoado. Por ter essas qualificações, Jacupemba passa hoje por um processo de inchação populacional. Isso se deve por oferecer condições de fixação residencial, um atrativo para as populações que se movimentam em busca de trabalho e moradia; e claro, pelo fácil acesso ao aglomerado.

Há em Jacupemba quatro casas de comércio, vendendo basicamente gêneros de primeira necessidade, pois pela proximidade de Linhares, impede o surgimento de um comércio mais sofisticado. Conta ainda com cinco bares e alguns botequins sem registro. Segundo alguns moradores, o Posto de

atendimento do BANESTES, se prepara para atuar na área de financiamento. Como forma de organização social, o povoado conta com um Centro Comunitário, que exerce um papel muito importante para a comunidade. Além de ser um veículo para a população fazer suas reivindicações, é também a sede do Posto de Saúde, que tem uma enfermeira, que diariamente dá assistência aos habitantes. Três vezes por semana uma médica comparece ao Posto. A Igreja é quem controla a administração do Centro Comunitário. O aglomerado está ligado aos grandes centros através de um posto telefônico e um posto dos correios. A rede escolar conta com o ensino de 1º e 2º Graus, a Escola Dílio Penedo teve 770 alunos matriculados em 1984. Há também um curso de contabilidade em funcionamento em Jacupemba.

No tocante a infra-estrutura básica, o problema de maior relevância para os moradores, são o estado das ruas. Não existe pavimentação e quando ocorre a época de chuva, suas ruas ficam intransitáveis, pois não existe uma rede de drenagem pluvial. Jacupemba conta com uma estação de tratamento e distribuição de água, administração pela SAAE, que é considerada pela comunidade, satisfatório o fornecimento. Energia elétrica também atinge a maioria da população. Um equipamento que pode ser considerado raro nos aglomerados do interior, é o sistema de tratamento de esgotos, formado por 3 filtros anaeróbicos localizados estrategicamente em 3 pontos, mas que só atende o núcleo central. Também em Jacupemba, não tendo em Nova Colatina e Bairro São José, há coleta de lixo diariamente.

O processo de urbanização que vem se desenvolvendo em Jacupemba, já apresenta consequências demográficas e econômicas. O aumento da população disponível para o trabalho assalariado, um novo indicador social aparece: a formação de favelas às margens da rodovia, constituída basicamente por famílias dos trabalhadores diaristas na agricultura e pecuária. Esse aglomerado, conhecido como Nova Colatina, por causa dos primeiros moradores procederem desse município, conta hoje com 144 casas, sem nenhuma infra-estrutura, das quais, 28 casas nem luz elétrica possui. Por ter um crescimento reflexivo, é natural o aumento da população, pela atração de de **bóias-frias**.

## Ib - 3.2. BARRA DO RIACHO

SITUAÇÃO: Zona Urbana Isolada

### A - APRESENTAÇÃO

Aglomerado do distrito de Riacho, tinha, em 1980, 502 casas e 2.046 habitantes, número este atualmente reduzido para 468 e 1908, respectivamente, pois correspondia aquele, ao momento em que diversas obras da Aracruz Celulose e Florestal estavam em andamento. Situa-se no litoral, ao norte a 18km de Santa Cruz e a 5km de Barra do Sahy, pela ES-010, 10km ao sul de Riacho e a 25km a leste de Aracruz pela ES-257. Foi utilizada como área piloto para testagem da metodologia e treinamento da equipe; consequentemente as informações coletadas ficaram bastante pulverizadas.

### B - INTRODUÇÃO

Barra do Riacho localiza-se em área razoavelmente plana, e é cercada por plantações de eucaliptos, o que, com a foz do Riacho, dificulta sua expansão urbana. A 3km, onde era a praia, foi construído o pier de pedra que constituiu o remanso onde foi instalada a Portocell, de embarque de celulose semi-processada. O acesso ao porto se faz através de uma ferrovia que o liga diretamente à fábrica da Aracruz, localizada a cerca de 4km. O povoado, outrora longíngua aldeia de pescadores, pequenos proprietários e eventuais turistas, serviu de abrigo à mão-de-obra não especializada (aquela qualificada foi localizada em Coqueiral, projetada e instalada com essa finalidade) das empreiteiras, durante as obras civis de instalação da Aracruz Celulose e da Aracruz Florestal, adquirindo o caráter de acampamento livre, com todos os problemas sociais consequentes.

### C - APRESENTAÇÃO DO SÍTIO URBANO

Situado entre a barra e o eucaliptal, o povoado é cortado pela ES-010, que constitui sua rua principal, onde estão localizados o comércio, a escola de 1º e 2º Graus, a praça da igreja, o ponto inicial do ônibus, a

discoteca, etc. Nesta e nas paralelas imediatas, as casas são em alvenaria, todavia sua qualidade piora à medida em que se afasta, havendo mesmo um bairro de barracos e choupanas, no lado oeste. Na saída sul, há um bairro de aspecto abandonado, que se constituía na zona de prostituição, hoje praticamente desativada. Apenas as ruas principais são pavimentadas, nos trechos próximos ao centro; em todas as outras a conservação é precária. A drenagem pluvial se resume ao trecho pavimentado. Há energia elétrica, iluminação pública e abastecimento de água, todavia muitas famílias se abastecem de poços, provavelmente contaminados, pois não há tampouco sistema de esgotos. O lixo é recolhido uma vez por semana e lançado perto do cemitério, in natura e ao ar livre. Há ainda posto médico com atendimento 3 vezes por semana e escola de 1ª à 4ª série sendo que os níveis mais acima são cursados em Aracruz. Os serviços bancários são também realizados na sede, visto não haver agência no povoado, assim como as compras e serviços mais especializados. Há um posto telefônico e outro de correio, de pequeno porte. O transporte coletivo é feito pela Água Branca e pela Viação Caboclo Bernardo, empresa que já teve sua sede no povoado e que iniciou suas operações há cerca de dez anos, quando começou a fábrica. Há linhas para Vitória e para Aracruz, passando por outros aglomerados.

#### D - PERFIL DE DIAGNÓSTICO

Barra do Riacho tem aspecto do que realmente é: uma cidade que passou por um ciclo. Dizem ter chegado a abrigar 8 mil trabalhadores de empreiteiras, atraindo aventureiros, comerciantes e prostitutas. A população ainda tem aspecto amedrontado ao relatar fatos como a tentativa de invasão da escola, o desencaminhamento das filhas e dos filhos do local, a vida noturna. Tudo como numa noite de pesadelos que ainda não terminou, pois há ainda alguns trabalhadores de obras e muitos portuários, que ficam a vagar enquanto aguardam a chegada dos navios, e para os quais está sendo construído um alojamento pelo sindicato marítimo.

A atividade mais perene é a pesca, realizada de maneira não artesanal, utilizando barcos pequenos pertencentes a pequenos armadores. São cerca de 200 empregados na pesca e reparos de barcos, com uma produção de aproximadamente 1,5 toneladas por semana. As vendas são realizadas principalmente em Vitória, de onde é trazido o gelo. A atividade não tem se expandido, inclusive porque a barra não comporta barcos de maior porte. A Capitania dos Portos não dispõe de posto no local, apenas de um fiscal. Os empregos permanentes que foram gerados na indústria e no porto foram ocupados por trabalhadores originários de fora. As mulheres não trabalham ou o fazem como empregadas domésticas em Coqueiral ou para algumas poucas famílias de renda maior em Barra do Riacho.

#### E - FUNÇÕES, GRAU DE ESPECIALIZAÇÃO E VINCULAÇÃO À REDE URBANA

Verifica-se a impossibilidade de reprodução do capital no local, que serve como bolsão de reserva de mão-de-obra e de infra-estrutura urbana. Seu nível de atividades é residual, dependendo do nível de empregos e de remuneração do complexo da Aracruz. O surgimento de novas atividades é também uma possibilidade remota, pois as terras pertencem também à Aracruz. A única atividade não subsistente, a pesca, é dominada por grupos restritos de capital médio, com poucas possibilidades de expansão. Inse-re-se na rede urbana com a função de cidade embrionária, sob influência de Aracruz.

#### Ib - 3.3. BARRA DO SAHY

Caracterização do povoado de Barra do Sahy  
Distrito de Riacho

O povoado de Barra do Sahy está localizado na faixa litorânea norte do Estado do Espírito Santo. Para se chegar ao aglomerado existe dois cami

nhos: A Via BR 101 e a ES 257, que passa pela sede do município, Aracruz. Essa estrada é a ligação de Aracruz à fábrica Aracruz Celulose. Inclusive o bom estado de conservação da rodovia, que não é asfaltada, se deve ao interesse da indústria, pois a estrada singra as matas homogêneas de eucalipto e a produção da matéria prima é escoada por ela. O outro acesso é feito pela ES 010, litorânea, via Santa Cruz, onde a travessia sobre o Rio Pirquaeçu é feita por balsa. Aí está localizada a reserva indígena dos remanescentes dos Tupiniquins e Guaranis.

Barra do Sahy é um povoado **sui generis**. Por ser uma antiga colônia de pescadores, esta atividade, hoje, está colocada em segundo plano, já que a principal ocupação dos habitantes do aglomerado é oferecido pela Aracruz Celulose. Isto transformou radicalmente a atividade produtora pesqueira em trabalho nas plantações de eucalipto. A situação de balneário que se proclama para o povoado, choca com a proximidade da fábrica, localizada a menos de 4km do povoado (pode-se ver as chaminés do complexo industrial), pois é atingido periodicamente pela descarga de agentes poluidores, inundando o aglomerado, não só com um forte cheiro de **repolho azedo**, como também da presença da fumaça contendo elementos, que com a frequência em que a população respira, vai perdendo aos poucos a capacidade sensitiva desse olfato.

A ampliação do perímetro urbano, aumentou a área ocupada e hoje o povoado conta com 400 lotes na faixa litorânea e já está em andamento o dimensionamento de um conjunto habitacional, patrocinado pela prefeitura com mais de 240 casas, já dentro das matas de eucalipto que circundam o povoado.

A respeito da origem do povoado, as informações foram coletadas principalmente com o Sr. Cleris Matos, 68 anos, antigo pescador profissional e hoje trabalhando no departamento de águas e esgotos. Antiga colônia de pescadores na Barra do Córrego Sahy, o loteamento do povoado se iniciou há 13 anos, através do atual prefeito, cujas terras eram de sua propriedade. A intenção era fazer da localidade uma área de turismo, que pudesse receber os funcionários da Aracruz, os habitantes da cidade de Aracruz e também os funcinários da Vale do Rio Doce, que reisdem em João Neiva. Por

isso foi feito um investimento no povoado, o que não é comum na maioria deles por todo o estado. Para se ter uma idéia, o sistema de transporte, conta com várias linhas de ônibus, ligando o Bairro Coqueiral, à fábrica e a cidade de Aracruz, e também à vila de Santa Cruz.

Hoje a população de Barra do Sahy é de 398 hab., sendo previsto para o ano de 2010 um contingente de 923 hab. Por ter uma característica única entre os povoados do estado, o de ser balneário, Barra do Sahy conta com 158 domicílios de uso ocasional em 1985 e passará a ter no ano 2010, 273. Sua população flutuante, gira em torno de 247 visitantes em 85 e contará com 573 em 2010.

No povoado de Barra do Sahy não há qualquer atividade agrícola, pelo simples fato de não possuir áreas para plantio, no entorno. Isto se deve a total utilização do espaço para o plantio de eucalipto. Portanto a população é totalmente dependente de Aracruz, até **para adquirir um pé de alface**, como diz o Sr. Cleris. O povoado está localizado no complexo agro de eucalipto. A atividade pesqueira, que seria o principal meio de subsistência, conta hoje com apenas 04 barcos, num total de 20 pescadores. Os demais trabalhadores estão ocupados na Aracruz Celulose, ou na construção civil de casas de veraneio.

O comércio varejista conta com 04 vendas de gêneros de 1ª necessidade. O consumo superior é feito em Aracruz. Ainda apresenta uma rede de restaurantes especializados em alimentação à base de frutos do mar, que funcionam nos fins de semana e nos períodos de veraneio. A produção matéria-prima para esses restaurantes é quase toda vinda de Barra do Riacho, como atesta os informantes.

No que se refere a educação, existe apenas uma escola de 1º Grau, Escola de 1º Grau Povoação do Sahy, que atende da 1ª à 4ª série. O número de matrículas caiu muito nos últimos anos, passando de 90 em 1980, para 73 matrículas em 1984. Há promessa do prefeito no sentido de se viabilizar a construção ou ampliação da escola para atender também até a 8ª série.

O abastecimento de água é um dos melhores, em termos de povoado, pois conta com uma estação de tratamento, inaugurado em 1982, num convênio entre a FSESP/SAAE/PMA. Nesse período contava com 72 ligações e hoje já chega a 189, o número de domicílios beneficiados. Energia elétrica atende todo o povoado, porém há carência nos sistemas de esgotos e coleta de lixo. Suas ruas não são pavimentadas e não há drenagens pluviais. O posto de saúde, conta com um médico, que atende uma vez por semana, sendo necessário se dirigir a Aracruz para uma emergência. Há no povoado um posto telefônico, porém não conta com posto dos correios.

Da análise concluiu-se que Barra do Sahy não se insere na Rede Urbana do Espírito Santo, mas pela condição de balneário e por contar com uma bela orla marítima, com bonitas praias, uma infra-estrutura voltada para atender aqueles que ali procuram lazer, fatalmente o aglomerado se dimensionará dentro de uma rede turística do Estado e do País, já que há interesse da administração municipal pois o restante do município está comprometido com as plantações de eucalipto.

#### Ib - 3.4. CÓRREGO D'ÁGUA

##### Caracterização do povoado de Córrego D'Água Distrito de Guaraná

O acesso ao povoado se faz pela BR 101, até o entroncamento com a ES 124, próximo à Vila de Guaraná. Do trevo até o povoado são 3km de estrada não pavimentada, que segue ligando a Aracruz.

Ao chegar a localidade há um pequeno aclive onde desponta o sítio urbano. O casario concentra-se ao longo da estrada, com algumas ruelas - afluentes. A direita de quem chega, ergue-se a imponente Igreja de São José, símbolo de um passado de riqueza e prosperidade. A igreja está localizada no adro, característico de muitas cidades em que a igreja exercia grande influência na comunidade. Como todo patrimônio do Brasil, não falta um campo de futebol, que está atrás da igreja, e tem um gramado verdinho

e quando não há jogo, **a criação pasta solene**. Nesse conjunto encontram-se, ainda um campo de bocha, a parada de coletivos e o comércio local. Três riachos cortam o povoado: Córrego D'Água, Córrego Santo Antônio e Córrego Cuiabano. As fazendas que circundam o povoado, apresentam culturas de café, cana e, em dimensões maiores a criação de gado, que transformaram a paisagem fértil, em imensas pastagens. Córrego D'Água é servido por uma única linha de ônibus, que faz o trajeto Guaraná x Aracruz via ES 124, com um horário diário.

A população do patrimônio está muito dispersa, a impressão que se tem, é de uma cidade fantasma, já que todo mundo, inclusive as crianças, trabalham o dia inteiro nas fazendas. Nos últimos 5 anos o crescimento da população foi negativo, já que em 1980 o povoado contava com 200 habitantes e em 84 não passa de 165. Dentro desse quadro, a projeção populacional, diminuiu ainda mais, passando a contar com 132 habitantes no ano de 2010, conformando uma participação insignificante na distribuição percentual na população total do município.

As informações sobre a origem do patrimônio foram narradas durante uma conversa, na única venda do povoado, com o Sr. João Franchiotti, 64 anos, nascido no local, trabalhador do campo e hoje aposentado pelo FUNRURAL. Segundo ele, o movimento provocado pelos madeireiros, que chegaram para a extração a madeira, foi o principal motivo do nascimento do aglomerado. A medida que desmatavam, começaram a surgir as primeiras plantações de café, e os agricultores, então, se fixavam na região. Nesse período, surgiram os primeiros meeiros, que formaram o núcleo urbano. O povoado progrediu, chegando a contar com 7 casas de comércio de secos e molhados. Também se instalou uma carvoaria no entorno, gerando um contingente de trabalhadores que iam ao povoado gastar o dinheiro, movimentando os fins de semana de Córrego D'Água. Com a erradicação do café e o fechamento da carvoaria, o processo se inverteu e o povoado **deu prá trás**. Os pequenos proprietários venderam suas terras e juntamente com os meeiros foram embora, para o Pará, Paraná e Rondônia. Hoje a situação do povoado

é a seguinte: predominância de grandes proprietários no seu entorno, que empregam toda população economicamente ativa, inclusive as crianças, nas culturas de café e cana-de-açúcar; e na pecuária, predominando o sistema de diaristas. Córrego D'Água se insere nos complexos pecuários e de eucalipto. Esse quadro compromete por demais o meio-ambiente e proporciona um processo destrutivo, para a sobrevivência vital.

Sua conformação urbana e infra-estrutura são bastantes precárias. A energia elétrica abastece o aglomerado, sem contudo, proporcionar algo mais do que a iluminação. Somente 26 casas contam com água encanada. Utilizam fossa negra, pois não há qualquer sistema de coleta de esgoto, e nem tão pouco de lixo; este é o jogado nos fundos dos quintais ou na beirada dos córregos. A Escola Singular Alcidália Cardoso, é a única do povoado, e atende de 1ª à 4ª série do 1º Grau, e em 1984 obteve 31 matrículas, contra 44 em 1980. O posto de saúde está fechado e qualquer emergência é direcionada para a sede do município. Não conta com posto telefônico, nem correios.

O crescimento negativo detectado em relação a população chega a constituir um indicativo, dos motivos de não inserção do povoado na Rede Urbana do Espírito Santo. Caracterizando, assim apenas uma função pequena de produção, no complexo agropecuário da região, notadamente café, eucalipto, cana e pecuária.

Nessas pequenas comunidades nota-se um descansa das forças políticas e administrativas do município, em relação à ação dinamizadora em outras áreas de interesses oficiais. As reivindicações relatadas por seu João, não são diferentes de outras localidades do estado.

## Ib.- 4.1. POVOADO: CAVALINHO

Situado às margens da rodovia 259, que liga Vitória ao município de Colatina, no sentido norte do estado, cavalinho encontra-se encravado no meio de algumas elevações montanhosas de médio porte, e que em suas bases conforma um vale que é cortado pela estrada de ferro da CVRD, a qual divide o aglomerado em duas partes. O clima é típico da região mediana entre a capital e o extremo norte do estado, o que significa uma temperatura que varia de semi-temperado para quente-úmido, no decorrer do ano.

A História da localidade começou no final do século passado, com o processo de imigração italiana, em que os migrantes adquiriam pequenas glebas de terras com o intuito de cultivá-las.

Desta forma, a cultura do café, cedo implantada na região, fez com que a localidade prosperasse economicamente, atraindo e constituindo um comércio próspero e uma rede de serviços e infra-estrutura básica muito bem estruturada até meados da década de 60; como exemplo do que existia até então vale citar: indústria de móveis, posto do correio, padaria, restaurante e hotel, farmácia, açougue, consultório médico e odontológico, estação ferroviária, correspondente bancário (Banco do Brasil), grupo escolar (hoje escola singular), indústria de madeira e pila de arroz e café.

Além do destaque econômico, Cavalinho exerceu influências na política do estado, representado por um integrante da família Del'Caro, que exerceu mandato de senador da república no período auge da localidade.

Mas, por si só, nem o café nem a influência política foram suficientes para assegurar um processo consolidado de desenvolvimento, e o que ocorreu com o processo de erradicação dos cafezais, em meados da década de 60,

foi o início do processo de regressão, desaparecendo uma série de serviços e o fechamento de lojas comerciais.

Outro fator inibidor do crescimento de Cavalinho é o cercamento do sítio urbano, promovido por algumas famílias que são proprietários de estabelecimentos rurais (ex: Del'Caro, Favarato, Sfalsin e Castiglioni) que fazem fronteira com a área do aglomerado, e que não aceitam promover novos loteamentos, sendo comum ouvir-se comentários que estas famílias têm maior interesse em fazer de Cavalinho uma extensão dos seus pastos.

As linhas de ferro da CVRD se, para algumas localidades do estado, promoveu desenvolvimento, em Cavalinho não pode-se dizer que isto ocorreu, pois na época em que mudaram de João Neiva para Piraqueaçu as linhas de trem, o efeito em Cavalinho foi que o novo traçado separou o bairro Vila Nova do centro de aglomerado, impedindo, concretamente, que uma grande área intermediária se conurbasse. Em 1973, com a duplicação das linhas, a CVRD fechou a área, obrigando a se fazer o trânsito entre o bairro e o centro, através de uma grande volta, com retorno até o asfalto, o que prejudica em muito a comunicação entre ambos.

Através desta série de fatores que influenciaram negativamente no crescimento da localidade, constatou-se que a população vem decrescendo, tomando-se como exemplo os últimos cinco anos, onde, em 1980 existiam 98 domicílios (482 residentes) e passou para 78 em 1985 (384 residentes).

É comum ver-se casarões abandonados com a população está centrada na pecuária mista, café (pequena incidência) e nas empreiteiras da CVRD.

O processo de trabalho nas atividades agrícolas é através de contratos temporários e não mais de parceria.

O comércio local supre as necessidades por gêneros básicos sendo que a aquisição de outras mercadorias complementares é realizada em João Neiva.

A infra e a superestrutura local apresentam as seguintes características:

- Rede Escolar: Escola unidoscente de Cavalinho, atende de 1ª à 4ª séries, e a complementação, quando ocorre é em João Neiva.
- Rede Bancária: Atendimento em João Neiva.
- Rede Hospitalar: Existe um posto médico que atende regularmente e o restante dos serviços é em João Neiva.
- Comunicação: Só rádio e televisão.
- Água: No centro a distribuição é feita por encanamento, com algum tratamento, e em Vila Nova a água é de nascente, sem tratamento.
- Esgotos: Algumas casas possuem rede de esgoto ou então fossa, por isto, esta modalidade de serviço não apresenta grandes problemas.
- Coleta de Lixo: O destino é dado de forma individual.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Estes serviços encontram-se centrados na rua principal, sendo que nas outras ruas não existe nada.
- Transportes Coletivos: Grande frequência, principalmente os ônibus que circulam pela BR 259.
- Energia Elétrica: Bom atendimento.

A ordem econômica e estrutural relacionadas, apontam para um processo de estagnação do aglomerado, pois, sua população, que já não encontra meios de vínculos com a localidade, tem procurado migrar para outras áreas onde possa reencontrar as condições anteriormente existentes em Cavalinho.

#### Ib - 4.2. POVOADO: CRISTAL

Situado as margens da BR 101, distando cerca de 08km de João Neiva e 05km de Piraqueçu, o povoado de Cristal encontra-se ao norte da capital do estado, numa região geográfica de elevações montanhosas de médio porte, cujo clima varia do quente-úmido ao semi-temperado.

O processo histórico de formação do povoado deve-se ao Sr. Henrique Reca, que, a cerca de 20 anos, montou uma serraria no local, vendeu a área para a CVRD instalar um pátio de tratamento de dormentes (15 anos), idealizou e loteou a localidade.

O nome do povoado é originário de um cristal achado nas redondezas, que pesava 08 arrobas, além da descoberta de pequenas minas de águas-marinhas, ainda de pouco valor comercial.

Com o asfaltamento da BR 101 a localidade cresceu, possuindo, inclusive, áreas disponíveis para novos loteamentos e conseqüentemente novas ocupações, principalmente se houver, como está previsto, a instalação da Ferroeste, usina metalúrgica, produtora de Ferro Gusa, nas cercanias do aglomerado.

As atividades econômicas que caracterizam esta área ao nível do rural são alguns plantios de feijão, milho e arroz em regime de parceria a meia (cujos parceiros residem no povoado). No tocante as atividades industriais ou agroindustriais, existem residentes que trabalham na CIMETAL e FLORESTAL ARACRUZ; no caso da CVRD, ela possui seu próprio conjunto residencial que abriga seus empregados, apesar de este núcleo estar ligado a Cristal, há uma certa segregação segundo o tipo de residência e infraestrutura de um espaço em relação ao outro. Além destas, registra-se a presença de uma serraria, que emprega cerca de 12 pessoas. Os responsáveis pela serraria, residentes na localidade, são os que exercem maior influência sobre ela.

O comércio do povoado atende, basicamente, as demandas por gêneros de primeiras necessidades, sendo que, em caso de maiores necessidades, vai-se a João Neiva.

A infra-estrutura e a superestrutura é dada a seguir:

- Escola: Possui uma escola de 1º grau, que se encontra em boas condições físicas.
- Rede Bancária: Todas as transações são realizadas em João Neiva.
- Rede Hospitalar: Suprida por João Neiva.
- Comunicação: Somente rádio e televisão.
- Água: Existe um cano de 1.500m que puxa água do Rio Ribeirão de Cima, sem tratamento, apesar da população a considerar de boa qualidade. No verão é comum faltar água, devido a isto foi aberto um poço, mas que nos períodos de seca mais prolongados não consegue abastecer ao povoado.
- Energia Elétrica: Boa qualidade.
- Esgotos: Lançados ou a céu aberto ou então para um pequeno lago existente no extremo sul do aglomerado.
- Coleta de Lixo: O destino é dado individualmente pelos próprios moradores.
- Drenagem e Pavimentação das Ruas: Não existem.
- Transportes Coletivos: 03 ônibus ao dia que sae de João Neiva.

Cristal apresenta, atualmente, um povoado que, de acordo com suas características econômicas, possui grandes perspectivas de crescimento, principalmente de acordo com a instalação da usina de ferro gusa. Assim, o fato dele não se vincula a rede urbana diretamente, poderá ser inverter no futuro.

#### Ib - 4.3. POVOADO: SANTO AFONSO

Este aglomerado localiza-se próximo a João Neiva, às margens da rodovia que segue para Colatina, ao norte da capital do estado, e está numa região de baixa altitude cujas elevações se apresentam esparsas, com clima que varia de quente-úmido para semi-temperado, no decorrer do ano.

Através da exploração de uma pedreira, começa a história do povoado, que surgiu a cerca de 16 anos, com a família Denaide loteando áreas, sem os mínimos critérios legais, e vendendo lotes ao longo do caminho que leva va ao sítio da família, e que hoje representa a rua principal de aglomerado.

A maioria da população local é pobre, morando em barracos de madeira, o que caracteriza bem o nível de renda desta localidade.

Pode-se falar que a composição da população é de bóias-frias, empregados na CIMETAL, aposentados, trabalhadores da pedreira e outros na serraria (que funciona em Santo Afonso).

A dinâmica da economia do povoado, é dada devido às atividades que lá são exercidas (pedreira, serraria) ou então pela influência de algumas outras próximas (CIMETAL) e trabalhos agrícolas (pequena escala). Há uma perspectiva em relação à instalação da Usina de Ferro Gusa, Ferroeste, que exerceria influências no crescimento do aglomerado.

O comércio é totalmetne realizado em João Neiva.

A infra-estrutura, carente em todos os sentidos, tem as seguintes características:

- Rede Escolar: Escola de 1º Grau Santo Afonso, que atende satisfatoria mente ao pessoal do povoado, apesar das condições físicas do prédio se encontrar em mau estado de conservação. A complementação dos estudos é feita em João Neiva.
- Rede Bancária: Todos os serviços são realizados em João Neiva.
- Rede Hospitalar: Atendimento em João Neiva.
- Comunicação: Rádio e televisão, o restante em João Neiva.
- Água: A captação é via poços, sem nenhum tratamento.
- Energia Elétrica: Bom atendimento.

- Esgotos: O lançamento é nas ruas, a céu aberto, ou, em pequena frequência, nas fossas, que são construídas de forma rudimentar.
- Coleta de Lixo. O destino é dado pelos próprios moradores, de forma individual.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Não existem estes serviços, além do que, as ruas são muito estreitas, feitas sem nenhum critério técnico de normas.
- Transportes Coletivos: Circula de João Neiva para o povoado, 03 vezes ao dia.

O povoado de Santo Afonso, com sua população de baixa renda e casas de madeira apresenta uma curva de crescimento pouco dinâmico, passando de 50 domicílios em 1980 para 51 em 1985. As mudanças na região, de caráter reflexivo, podem vir alterar a realidade local, uma vez que não apresenta nenhuma resistência às mudanças. Assim, devido as suas características principais, ele não tem uma inserção efetiva com a rede urbana e não apresenta quaisquer especialização.

#### Ib - 4.4. POVOADO: PIRAQUEAÇU

O aglomerado de Piraqueaçu pertence ao distrito de João Neiva e está situado ao norte da capital do estado, às margens da BR 101, cercado de elevações montanhosas de médio porte, apresentando clima que varia do quente-úmido para o semi-temperado, ao longo do ano.

As origens deste povoado remontam ao início do século XX, quando um **preto** começou a residir no local. Alguns anos mais tarde o terceiro morador, César Spinassé (73 anos em 1984) resolveu fixar residência lá, o que perfaz atualmente 52 anos de moradia, trabalhando inicialmente, durante 14 anos, como parceiro a meia, até conseguir adquirir uma propriedade.

O primeiro nome do aglomerado foi Cavada, e era caminho de Vitória para Linhares, mas quando começaram a instalar a linha de ferro, que corta o aglomerado e passava dentro da propriedade do Sr. Cesar, desviando-a de João Neiva para esta localidade (por volta de 1941), a estação passou a chamar-se Piraqueçu, que atendia a toda a região circunvizinha, sendo que a partir desta data o povoado apresentou sinais de crescimento, o qual ficou restrito as próprias atividades da estação e alguns trabalhos agrícolas no entorno desta localidade.

O Sr. Cesar separou da rua principal para cima cerca de 40 metros, o que ficou como sua propriedade, representado assim um entrave para o crescimento deste povoado, que dista de João Neiva aproximadamente 03km.

Em termos econômicos, a população local está ligada direta ou indiretamente com a Companhia Vale do Rio Doce, ora trabalhando no pátio de manobras de trens, no povoado, com embarque de madeiras (existe muito movimento de carretas transportando madeira, puxando de São Mateus e embarcando para Minas-Flonibra) ora na oficina de João Neiva ou então na beneficiadora de Dormentes, logo acima, no povoado de Cristal.

A agricultura é realizada ao nível da subsistência, cultivando um pouco de tudo: milho, mandioca, feijão, café etc.

Todo o comércio, inclusive o de gêneros básicos, é realizado em João Neiva.

A infra-estrutura e superestrutura de Piraqueçu pode ser caracterizada da seguinte forma:

- Rede Escolar: Escola Unidoscente de Piraqueçu, 12 anos de existência, que atende a 1ª à 4ª séries do primeiro grau, sendo que a complementação do estudo é realizada em João Neiva. A escola encontra-se em péssimo estado de conservação.
- Bancos: Todo o atendimento é em João Neiva.

- Atendimento Médico-Hospitalar: Em João Neiva.
- Comunicação: Os acessos são possíveis somente ao rádio e a televisão.
- Água: O abastecimento é realizado por poços individuais, sem o mínimo critério de higiene para a sua instalação e localização.
- Energia Elétrica: Boa qualidade.
- Esgotos: Problema seriíssimo, é lançado a céu aberto, pelas ruas em val<sup>u</sup>letas, o que associado ao problema da água, provoca doenças de pele e alto índice de verminose, principalmente na população infantil.
- Coleta de Lixo: O lixo é amontoado em terrenos baldios, o que facilita a presença constante de moscas.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Praticamente só existe uma rua ao lon<sup>g</sup>o do povoado, que, mesmo assim, não é pavimentada.
- Transportes Coletivos: Circular de João neiva, que passa em Piraqueaçu, Cristal e Ribeirão de Cima, 03 vezes ao dia.

A organização político-cultural é totalmente dispersa, sendo o único re<sup>fe</sup>rencial de uma certa liderança local a família Spinassé, que devido a tradição de moradores mais antigos exercem alguma influência sobre a lo<sup>ca</sup>lidade.

Piraqueaçu devido a sua proporção não está inserido na rede urbana, sendo o seu crescimento limitado às atividades CVRD, mas o fato de proprietá<sup>ri</sup>os rurais não parcelarem o solo, impede que o povoado possa se expan<sup>di</sup>dir em termos físicos, além disto a proximidade com João Neiva é fator de coibição à expansão e especialização das atividades do aglomerado.

Ib - 5.

MUNICÍPIO DE SANTA TEREZA

---

## Ib - 5.1. SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

O patrimônio se localiza bem próximo de Santa Tereza, apenas 14km, na rodovia ES-080, via que liga Santa Tereza à Colatina. Esse trecho até o patrimônio, é realizado descendo o famoso Vale do Canaã o que faz do percurso uma viagem extraordinária, pela beleza plástica da paisagem. Está em andamento o asfaltamento desta estrada o que muito contribuirá para o desenvolvimento dessa região, muito importante para a economia estadual, pois está inserido no complexo cafeeiro. O povoado é muito próximo da Vila de São João de Petrópolis, apenas 3 quilômetros, o que colabora para o dimensionamento urbano da localidade. A área onde se ergue o patrimônio, é constituída de topografia acidentada, banhado pelo rio Cinco de Novembro. Seu traçado é irregular, tendo uma via principal e várias pequenas ruas que a cortam. O casario se espalha pelo sítio acompanhando o traçado, com imensos quintais arborizados. O número de prédios existentes é 290, que abrigam uma população em torno de 600 habitantes, número que precisa ser conferido, por causa que, Santo Antonio não entrou nos estudos de projeção, já que pela proximidade de São João de Petrópolis, pelo IBGE, os dois são tidos como um único aglomerado.

A origem do patrimônio, começa com a chegada dos imigrantes italianos, alemães e poloneses. Por isso, já nessa época, era conhecido por **Patrimônio dos Polacos**, por ser o primeiro ponto onde os poloneses se fixaram no estado. Havia muita madeira, e no lugar iniciou-se a plantação de café, base da economia, até nossos dias.

Hoje a economia de Santo Antonio gira em torno das plantações de café, que é escoada por Santa Tereza para Vitória. Por ser área de pequenos proprietários e colonos, não foi identificado a presença de mão-de-obra

diarista, somente nas épocas de colheita, chegam pessoas de fora, mas que não ficam no povoado. A produção agrícola se diversifica, com culturas hortigranjeiras, que está em ritmo de crescimento e é escoada para o CEASA de Vitória. Ainda existem duas serrarias, que processam a madeira local ou vindas de fora. Também conta com uma cerâmica, mas pequena em relação a São Roque, onde se concentra este tipo de indústria. O comércio é formado por 09(nove) estabelecimentos, que atendem as populações urbanas e aos produtores, com gêneros de 1ª necessidade, principalmente pela proximidade de Santa Tereza, que polariza o comércio mais especializado. Porém, pelo incremento da produção agrícola, Santo Antonio conta com duas casas que comercializam implementos agrícolas e, ainda tem uma farmácia.

O único estabelecimento educacional existente é a **Escola de 1º Grau Visconde de Inhaúma**, que atende da 1ª à 8ª séries. Bem perto, no distrito de São João de Petrópolis, há uma Escola Agrícola, que atende os alunos que desejam continuar seus estudos. Há no povoado um Posto Médico e um consultório, já que o médico reside no patrimônio e atende também São João.

Conta com posto telefônico e a agência dos correios fica em São João. O sistema de infra-estrutura urbana, deixa a desejar. A água consumida, é captada no rio ou em poços e distribuída à comunidade sem tratamento, e não tende satisfatoriamente. O esgoto só existe na rua principal, que depositado no rio. O lixo é recolhido por um funcionário da prefeitura, diariamente por um carrinho, e levado para fora do patrimônio. Somente a rua principal é drenada e pavimentada. A energia elétrica é um único serviço que atende a comunidade satisfatoriamente, somente algumas residências mais afastadas não contam com esse serviço.

Na parte de transporte coletivo, o povoado é servido pela linha de ônibus São Roque x Santa Tereza x Colatina, diariamente.

Um lado interessante, que não pode ser deixado de registrar, diz respeito a um proprietário rural do povoado, que suas terras chegam quase den

tro do patrimônio. Acontece que a 20 anos atrás, ele plantou centenas de pés de Peroba, que era natural por lá. Hoje estas árvores estão bem grandinhas, mais falta muito para serem aproveitadas. Corre boato no lugar que o sujeito, agora, tem interesse em derrubar a mata e plantar café. Alega ele que o retorno do empreendimento demora muito e que o café é mais rápido. É preciso uma conscientização do cidadão para não cometer esta besteira e deixar a matinha de perobas atingirem todo o seu esplendor.

Ib - 6.

MUNICÍPIO DE AFONSO CLÁUDIO

---

Ib - 6.1. FAZENDA GUANDU

Ib - 6.2. SÃO FRANCISCO

Ib - 6.3. SÃO LUIS DE MIRANDA

## I - 7.1 CARAMURU

Na parte central do município de Santa Leopoldina, numa região de relevo bastante acentuado, em que a altitude média chega a atingir 800m, situa-se o povoado de Caramuru, a 26km da sede municipal de Santa Leopoldina.

O aglomerado desenvolveu-se numa encruzilhada da antiga estrada que liga Jetibá a Santa Leopoldina, à partir de um ponto de tropeiros que se estabeleceram na época da colonização do município. Nesta encruzilhada afluem as estradas que levam a Alto Jetibá e Melgaço, este último no município de Domingos Martins, por onde se dava a ligação com Santa Leopoldina, porto onde realizava o escoamento da produção cafeeira. No entanto, o crescimento de Caramuru esteve sempre condicionado à presença dos rios Jetibá e Caramuru que correm próximo ao povoado, já que nos períodos de chuva, a inundação de suas várzeas impedia o assentamento de famílias. Nem mesmo a instalação da rede de energia elétrica em 1975 favoreceu a ocupação do loteamento do Sr. Augusto Pagung, antigo proprietário da região.

Segundo D. Dorotheia Hartwig, uma das mais antigas moradoras de Caramuru, quando ali chegou com seu marido vindo de Recreio, a cerca de dezenove anos, só existia uma casa e um sobrado. Sua propriedade foi comprovada ao Sr. Augusto Pagung.

Dona Dorotheia é hoje uma espécie de **cacique** da região de Caramuru - Em sua propriedade, na parte situada dentro do povoado, além do bar e de uma farmácia localizados no térreo de seu **casarão**, se encontram instalados a Escola Estadual e o Mini-Posto de Saúde que atendem a população local e da área rural próxima.

Ligados à políticos influentes e ao próprio governo do Estado. D. Dorothéia conseguiu junto ao Sr. Elcio Alvares que, em 1979 fosse (o que facilitou) dragado o rio Jequetibá, de forma a permitir a ocupação de suas margens.

Este parece ter sido o fator impulsionador do crescimento de Caramuru, já que, a partir de então, para o povoado afluem famílias, pequenas proprietários em busca de algum conforto que o aglomerado podia oferecer.

Mesmo assim, o problema ocasionado pela presença dos rios não foi de todo solucionado, na medida que para o rio Caramuru não foi executado o mesmo serviço de drenagem, observando-se ainda em suas margens o mesmo problema. No entanto hoje a maior dificuldade encontrada pela população é a inexistência em Caramuru de rede de abastecimento de água, fato inibidor da instalação da população rural no povoado.

Reflexo desta situação, constituem hoje o sítio urbano de Caramuru apenas 30 prédios, sendo que, entre eles, quatro são granjas. Os dados da FIBGE para 80 citam 41 domicílios para Caramuru. Esta diferença pode ser entendida pela presença, no entorno do povoado, de diversas granjas que podem ter sido compreendidas pela contagem da referida Fundação.

E assim que, entre os moradores de Caramuru, encontra-se um grande número de proprietários, em cujos estabelecimentos, à mão-de-obra familiar se juntam meeiros, para o trabalho na lavoura. São todos descendentes de imigrantes alemães e parceiros, em cujos proprietários o café é uma cultura tradicional.

No entanto, na época da colheita a mão-de-obra é complementada por diaristas que se deslocam para as propriedades com suas famílias, residindo neste período. Vem gente de São Gabriel da Palha, Pancas, Barra de São Francisco e Afonso Cláudio, que na entressafra retornam aos seus locais de origem ou vão para outras localidades. Isto, porque o povoado não consegue reter mão-de-obra, pela inexistência da possibilidade de trabalho permanente.

Ao lado do café, a olericultura é desenvolvida nas propriedades, ocupando principalmente as várzeas dos rios. Também significativa, a avicultura é percebida pela presença de inúmeras granjas localizadas junto ao povoado.

Em Caramuru é feita a primeira intermediação da produção local. Que adquire assim a função da coleta. O café já foi seco e pilado indo a maioria da produção para Santa Tereza onde é adquirida por cerca de oito atacadistas locais. Outra menor parte é vendida diretamente a um atacadista de Vitória. Existe ainda em Caramuru, um comerciante, proprietário de um dos bares do povoado, que compra café e revende em Vitória, na Giacomini, trocando a produção por mercadorias a serem vendidas no povoado.

Também a produção de hortifrutigranjeiros é intermediada em Caramuru, de onde sai através de caminhões, diretamente para CEASA. Segundo depoimento de D. Dorotheia e suas filhas, saem em média 5 caminhões por dia de olerícolas. Já os frangos são comercializados de uma a duas vezes por semana, também em caminhões que partem de Caramuru.

Desta forma, Caramuru consegue reter parte do excedente gerado da comercialização da produção local, o que tem incentivado o pequeno comércio local. Mesmo que restrito a três vendas, o comércio de Caramuru atende a população rural, que lá encontra gêneros de primeira em qualidade e mesmo quantidade. Este é complementado na sede municipal e Santa Maria de Jetibá, em menor escala.

O estreito vínculo do povoado com a sede é realizado pela linha Pagung uma empresa de ônibus particular que realiza este trajeto três vezes por semana, (2<sup>as</sup>, 4<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup>) indo e voltando no mesmo dia.

Esta mesma empresa, nas terças feiras, faz linha para Santa Maria de Jetibá e nas quintas feiras, para Santa Tereza, passando por Rio Bonito. Em ambas, o ônibus vai e volta, também no mesmo dia.

Em Santa Leopoldina a população de Caramuru, bem como da área rural, tem acesso, além do comércio mais especializado, a diversos serviços como, bancário, para obtenção de créditos agrícola, de postagem e telefonia, todos inexistentes no povoado.

Também o serviço hospitalar existente na sede polariza o povoado, na medida que lá a população encontra além do hospital-fundação, um Posto de Saúde e também, a sala de consulta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais onde é feito o atendimento médico e odontológico, junto a sede do mesmo.

Este sindicato tem como presidente D. Dorotheia Hartwing, de Caramuru, sendo atualmente sua intenção transferir sua sede para o povoado. Percebe-se com isto uma tentativa de aumentar seu controle sobre os produtos rurais na medida que pretende construir o prédio da nova sede dentro de sua propriedade, junto ao mini-posto de saúde e à escola, que já se encontrava sob seu domínio.

O mini-posto funciona através de um convênio da Secretaria Estadual de Saúde com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais que, além da limpeza, remunera o atendente que realiza o atendimento diário. Isto porque o médico, que é de Santa Leopoldina, só vem no povoado uma vez por semana.

A influência de D. Dorotheia no povoado também se faz presente na Escola Unidocente de Caramuru, quando ao se aposentar como professora da mesma, foi substituída por duas de suas filhas.

A escola tem entre seus alunos, muitas crianças residentes na área rural, filhos de proprietários e meeiros que residem distantes do povoado. Desta forma, muitas crianças pela pouca idade deixam de ir à escola, em função do deslocamento diário que teriam que realizar.

Esta dificuldade encontrada pela população pôde ser percebida quando, com a instalação de uma escola numa fazenda próxima, ocorreram casos de

evasão da escola de Caramuru. A mudança de famílias por ocasião da época de colheita é outro fator de transferência ou mesmo evasão de alunos.

Politicamente, D. Dorothéia é, enfim, uma pessoa de grandes influências no povoado, tendo por muito tempo interferido na tomada de decisões. Esta situação se altera, em parte, na administração de Helmar Potrato, seu adversário político.

Exemplo disto encontra-se na decisão de se asfaltar a ligação Santa Maria de Jetibá/Santa Leopoldina que passa por Rio Bonito, ao invés da antiga estrada, que passa por inúmeras pequenas propriedades, o que não favoreceu o escoamento da produção da região de Caramuru, provocando um descontentamento que junto aos produtores.

Esta situação de domínio político e econômico de D. Dorothéia e sua família, ao mesmo tempo que é percebido pelos produtores da região e mesmo moradores do povoado, gera um conflito que, mesmo que não muito acirrado é percebido claramente por quem chega em Caramuru.

Mas tudo isso sob muito controle, muito no jeito dos pomeranos, extremamente fechados e de certa forma pacatos, pelo próprio isolamento cultural em que vivem.

A igreja protestante parece ser a maior aglutinadora social, conseguindo reunir seus adeptos e mesmo **conduzí-los** a uma participação política mais eficaz. Segundo seu Florencio, um pequeno produtor da região de Jetibá, as igrejas protestantes se dividem como cabo eleitores dos partidos, incitando a população a uma participação questionável, na medida que esta se dá alienada, sem reflexões por parte da comunidade.

Fato que chama atenção em Caramuru é a existência de igrejas, sendo a população local assistida pela igreja luterana localizada em Barra do Jetibá, a cerca de 5km do povoado, na estrada para Jētibá.

Ainda assim Caramuru atrai a população rural pelo seu pequeno comércio assim como, por ocasião de festas que ocorrem no povoado.

Estas costumam durar todo o dia. Por ocasião da visita à Caramuru, a inauguração do bar do Sr. Darli Rosa seria comemorada com uma destas festas, com sanfoneiro e muito forró. Vinha gente de muito longe para a festa.

Seu Darli, além de comerciante, é proprietário de uma pequena fábrica de móveis, cuja produção é feita sob encomenda. A matéria prima utilizada vem das matas da região, passando antes, pela serraria que funciona junto à fábrica. No total, estas geram cinco empregos no povoado.

Existe ainda em Caramuru uma outra indústria, uma fábrica de farelo, toda montada mas fechada, já que a região não é produtora de milho. Localizada dentro da propriedade de D. Dorothéia, resta saber porque e como foi montada esta indústria.

A dinâmica da população residente no povoado, bem como da área próxima permite que se preveja um crescimento futuro para Caramuru. Existem perspectivas de que cada vez mais aumente o número de habitantes no povoado, tendo em vista as possibilidades que hoje são apresentadas.

Na parte baixa do sítio, as várzeas dos rios Jequitibá e Caramuru vão sendo ocupadas, requisitando cada vez mais que se ampliem as condições de conforto físico das populações.

Isto porque de todos os serviços urbanos, o único existente é o abastecimento de energia elétrica que ainda assim, apresenta falhas constantes.

Para solucionar a falta de um sistema de abastecimento d'água, alguns moradores captam de nascente e outros de cacimba. Solução

inviabilizada também é dada ao esgotamento sanitário, através de uso de fossas, assim como à coleta de lixo.

Como se vê, o pequeno sítio urbano de Caramuru que hoje é formado por uma única rua em torno da qual se distribuem seus domicílios, pode crescer e precisaria para tanto, que se dêm condições para tal.

#### I - 7.2 SANTA MARIA DE JETIBÁ

Novembro de 1984, o Sr. Francisco Dettman fala pouco, como bom pomerano que é. Um dos primeiros moradores de Santa Maria de Jetibá seu Francisco chegou ao povoado por volta de 1932 quando apenas três famílias ali residiam.

O seu Francisco nos conta também que o local onde hoje se localiza o povoado fôra outrora um ponto de tropeiros, a partir do qual o povoado teria se desenvolvido. Mas isto já faz muito tempo e neste período muita coisa mudou em Santa Maria de Jetibá que hoje supera a própria cidade sede do município de Santa Leopoldina, no qual se localiza. E isso se dá tanto nas suas dimensões físicas quanto em relação às funções urbanas que desenvolve. Este fato originou o processo de transferência da sede do distrito de Jetibá para Santa Maria que, quando tiver sido concluído, elevará o povoado à categoria de vila. Mas voltando ao processo de formação do aglomerado, a família Berger dominou por muito tempo o comércio em Santa Maria de Jetibá e que hoje encontra-se relativado, pela presença de outros, na medida que o aglomerado ganha significativo impulso, atraindo muitas pessoas. No entanto, mantém-se forte a presença/influência dos Berger em Santa Maria que, além de muitas propriedades na região, são donos de muitos estabelecimentos de comércios da fábrica de ração e do Pomerinho.

Localizado na região centro-oeste, o aglomerado de Santa Maria de Jetibá tem seu acesso feito através da ES-355 que a partir da sede municipal se

liga à ES-259 no trecho entre Santa Tereza e Itarana. A ES-355 está sendo asfaltada, o que irá facilitar em muito a comercialização da produção local, que se realiza diariamente na CEASA, no município de Cariacica, que faz parte do abastecimento alimentar da população de toda a Grande Vitória.

A região de Santa Maria é marcada pela acentuada acidentalidade do relevo, onde a altitude média alcança 700m. O revestimento vegetal que outrora tanto dificultou a ocupação dos imigrantes hoje encontra-se substituída, em grande parte, pelas culturas cafeeira e de hortifrutigranjeiros que dominam na região.

Ocupada em fins do século 19, esta é uma região de colonização européia em que aos alemães vieram se juntar aos pomeranos, que hoje predominam em toda a parte oeste do município de Santa Leopoldina.

Estes são conhecidos tanto pelo caráter extremamente fechado de suas relações quanto, pela intensa dedicação no trabalho com a terra. Toda a família pomerana participa e divide os trabalhos na lavoura, sendo a mão-de-obra familiar a base produtiva utilizada nas propriedades pomeranas. Estas são em sua grande maioria pequenas propriedades, cujas dimensões oscilam entre 0 e 50ha basicamente. No entanto, hoje, a meia encontrou-se disseminada entre as formas de relação de produção em contradas no cultivo do café e dos hortifrutigranjeiros.

A cultura cafeeira desenvolvida nas propriedades pomeranas não apresenta, entretanto, preponderância no volume total da produção da região, que tem sua economia calçada fundamentalmente na cultura olerícola e na ovicultura.

Enquanto o café é vendido em coco não beneficiado através de intermediários, a produção de hortifrutigranjeiros tem no CEASA o local de sua comercialização. Em ambos os casos a intermediação se faz presente.

Os hortifrutigrangeiros chegam a CEASA através de caminhões, kombis, de alguns proprietários que passam pelas propriedades, adquirindo toda a produção, já numa primeira intermediação. Muitos dos produtores têm que se submeter a isto pela impossibilidade de aquisição de um meio de transporte próprio, bem como para não afasta-se de suas propriedades que exigem cuidados frequentes pela intensa pericuidade dos produtos olerícolas.

Ainda assim, outra intermediação se faz presente na CEASA na compra da produção por alguns poucos comerciantes que a monopolizam, encarregando em demasia os produtos até que estes chegam as mãos do consumidor.

Outro produto de significativa importância local é o alho que em Santa Maria é utilizado pela Pomeralho, uma fábrica de temperos de alho e cebola. No entanto, a maior parte do alho consumido pela Pomeralho provém do Distrito de Garrafão, que detém a maior produção de alho do Estado.

O sal utilizado na fabricação do tempero, vem de Vila Velha, da Salinas.

O produto final é comercializado diretamente em supermercados de Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. A Pomeralho gera oito empregos dentro do aglomerado.

Em Santa Maria uma outra fábrica, de ração,, abastece toda a região sendo toda a produção consumida pelas inúmeras granjas da região.

De maior importância para o aglomerado é, no entanto, a COPEAVI (Cooperativa dos Avicultores) que congrega, além de produtores do município que constituem 93% do total de associados, produtores de Santa Tereza, Afonso Cláudio, Fundão, Cariacica, Domingos Martins, Itaguaçu e Vila Velha, totalizando 350 associados.

No entanto, cerca de 90% do total da produção, a comercialização dos associados ainda é feita, em grande parte individualmente. Apenas uma pequena produção própria desenvolvida em duas propriedades da Cooperativa é comercializada através da mesma. Nestas propriedades os principais produtos são: milho, feijão e café. Estes são comercializados diretamente em Vitória sendo o lucro distribuído proporcionalmente entre os associados de forma a aumentar o capital dos mesmos.

A cooperativa tem também uma fábrica de rações, cuja produção é consumida totalmente dentro do município de Santa Leopoldina. Um grande problema enfrentado pela cooperativa é a competição desleal dos intermediários que carregam impostos, vendendo os produtos mais baratos.

Além da geração de 54 empregos diretos e significativo número de indiretos, a COPEAVI reverte-se de grande importância para o aglomerado, na medida que, com ela aumenta o volume de negócios, força a instalação de serviço e equipamentos urbanos, como por exemplo, o posto telefônico que foi instalado devido à pressão exercida pela Cooperativa.

Paralelamente à retenção de excedente geradora da comercialização da produção local, desenvolve-se um expressivo comércio em Santa Maria. Este caracteriza-se por sua expressiva especialização e diversificação, encontrando-se já filiais de lojas de Vitória, como por exemplo de confecções. De atendimento local, o comércio de Santa Maria absorve parte da renda gerada por pequenos proprietários, constituindo-se assim, um centro de compra e lazer para pomeranos residentes nas adjacências.

O comércio varejista está em sua maioria nas mãos de **imigrantes**, provenientes de municípios próximos como Itaguaçu, Afonso Cláudio, Vitória, Itarana e Colatina, que para lá se dirigiram com a viabilidade de uma ampla demanda de consumo.

Já o comércio atacadista, principalmente de adubos, rações, máquinas e equipamentos agrícolas está nas mãos de proprietários locais que diversificaram o capital, propiciando sua reprodução.

O volume de negócios efetuados pelo comércio de Santa Maria é muito expressivo, sendo ele efetuado tanto pela população do distrito de Jetibá quanto da sede municipal.

Segundo depoimentos, já não se faz necessário recorrer ao comércio de Vitória ou melhor, de Campo Grande, como era comum até pouco tempo, quando ao virem comercializarem sua produção, os pomeranos aproximavam para fazer suas compras. Esta situação se alterou na medida que Santa Maria hoje se conforma como polo de comércio e escoamento da grande parte da produção agrícola da região oeste do município de Santa Leopoldina.

Juntamente com o comércio, amplia-se em Santa Maria de Jetibá a rede de serviços urbano de atendimento às necessidades básicas da população residente, hoje de cerca de 1330 habitantes. Para o ano 2010 preve-se que este número irá se triplicar o que exige, ainda mais, que o aglomerado se prepara para atender minimamente esta população.

No último período, (80-84) acentuou-se o ritmo de crescimento do povoado que apresenta potencialidades para sua expansão física. Tanto é que em São Luiz, numa área próxima cerca de 1km de Santa Maria já se delinea, através da concentração de granjas, uma área a ser cornubada, juntando-se a Santa Maria.

O sítio Urbano de Santa Maria, acompanha o Rio São Luiz, adquirindo forma linear, no sentido norte-sul, num baixo formado entre quatro **morros** que enquadram os limites do sítio, num pequeno vale.

A quase totalidade das edificações que conformam o sítio de Santa Maria se localizam predominantemente nas partes baixas. Importante ressaltar que destas, praticamente 30% são de uso comercial e de serviços, o que vem a confirmar a importância que este setor adquire dentro da economia urbana de Santa Maria.

Da população residente em Santa Maria, 80% é proprietária, sendo que 35% tem apenas a posse da terra, faltando regularizar esta situação.

A expressividade do comércio em Santa Maria se rebate no percentual de pessoas envolvidas nesta atividade, residentes no aglomerado, que chega a alcançar 50%. O restante da população é composta por proprietários que, tendo em vista o conforto que a **cidade** passou a oferecer nos últimos anos, acabam por ali fixar residência.

Concretamente, a população de Santa Maria de Jetibá conta hoje com um posto telefônico, recentemente instalado, de correio e rede de TV, no que diz respeito à comunicação. Para o fornecimento de crédito agrícola, uma agência do BANESTES faz o atendimento bancário aos produtores, comerciantes e a população em geral.

Com relação ao atendimento escolar, a população residente em Santa Maria e área rural mais próxima conta com a Escola de 1º e 2º Graus Graça Aranha, que oferece também a pré-escola e supletivo.

Esta escola é muito antiga, funcionando aproximadamente desde 1935, quando ainda era ministrada pelos pastores, em alemão, que tentavam assim que os colonos mantivessem seus estudos.

Atendendo satisfatoriamente a demanda, a escola de Santa Maria, teve em 84, matriculados um total de 500 alunos. A evasão é um problema também enfrentado pela escola resultante da mudança de famílias por ocasião de colheita. Em muitos casos, os alunos acabam por perder o ano já que a mudança ocorrendo em outubro ou novembro inviabiliza a transferência para outra escola.

A falta de interesse em continuar os estudos é outro sério problema enfrentado pela escola. Segundo a supervisora, muitos pais preferem que seus filhos se dediquem à lavoura, não vendo na escola um **futuro** para eles.

Exemplo disto, o curso supletivo oferecido pela escola que teve em 84 alunos matriculados.

O serviço médico é resolvido de forma satisfatória já que no povoado a população conta com um Posto de Saúde, mantido pelo Estado, onde o atendimento médico-odontológico é realizado diariamente por um médico e quatro auxiliares que não são, entretanto, suficientes para atender a toda a demanda. O atendimento é complementado pela assistência médico-odontológica prestada pelo Sindicato Rural. E para quem pode pagar, uma clínica-maternidade oferece também o atendimento médico. Ainda assim, em casos mais graves a população tem que se dirigir a Santa Tereza ou Vitória.

Com relação às condições de infra-estrutura urbana estas estão respondendo satisfatoriamente quantitativa, qualitativamente à população residente em Santa Maria.

A iluminação pública e residencial são atendidas por rede de energia entretanto apresenta pequenas quedas de tensão tendo em vista o aumento considerável da demanda que não foi acompanhado pela oferta.

O serviço de água que é realizado pela CESAN atende satisfatoriamente a população, através de rede que abastece todas as 504 unidades residenciais, industriais, comércio e serviço que compõe o sítio urbano de Santa Maria de Jetibá.

Já o esgotamento sanitário apresenta situação diferenciada no aglomerado apresentando ruas com rede de esgoto misto (esgoto e drenagem pluvial) que é lançado diretamente no Rio São Luiz. Existiam outras ruas em que ao esgoto e águas pluviais se juntam as águas residuais e ainda outras ruas em que inexistente rede de esgoto.

Em todos os casos entretanto, este é lançado no Rio São Luiz, indiscriminadamente.

Para manutenção da limpeza urbana é feita a coleta domiciliar, varrição e transporte do lixo que é depositado às margens da ES-262 onde é simplesmente queimado.

A posição geográfica relativamente isolada de Santa Maria na rede de cidades do Espírito Santo é minimizada pela facilidade de deslocamento da população residente no aglomerado e adjacências pelas várias linhas de ônibus que passam diariamente em vários horários, por Santa Maria, ligando Vitória à Baixo Guandú, Itaquaçu e Itarana. Este deslocamento assim como o escoamento fará significativas melhorias com o asfaltamento do trecho Santa Maria x Santa Leopoldina que nos períodos de chuvas ficava intransitável, dificultando e até mesmo impedindo que esta se dessem.

Com esta melhoria pode-se prever que o crescimento observado nos últimos anos em Santa Maria tenderá a se intensificar, respaldando a elevação do povoado a categoria de vila.

### I - 7.3 ALTO POSSMOUSER

O povoado de Alto Possmouser, no município de Santa Leopoldina, situa-se numa região de colonização pomerana, sendo sua população formada basicamente pelos Berger, descendentes do Sr. Lourenço Ernesto Berger. No início eram apenas seus familiares que ali residiam, junto ao Corrego Possmouser, nas propriedades resultantes do desmembramento da terra do Sr. L. E. Berger entre seus filhos, genros, etc.. Este contínuo desmembrar dá origem a uma série de pequenas propriedades que aos poucos começa a atrair trabalhadores da terra, meeiros, que aos Berger se juntam constituindo hoje a população de Alto Passmouser. Muitos meeiros conseguem comprar através do excedente gerado na comercialização um pedaço de terra, subdividindo ainda mais a propriedade.

Mas fica todo mundo junto, as casas são construídas bem próximas umas das outras, que é para sobrar mais terra para plantar. E tudo que eles

plantam fica bonito, deve ser pelo carinho e dedicação no trabalho, ao seu produto, que é muito a vida deles... dos pomeranos.

O milho brilha verde e mais adiante tem o chuchu, o repolho, o feijão, tudo verde. Verde também são os morros cobertos pelo café e pela mata, que por lá resiste... ainda. Tudo limpo, lá se sente o cheiro do verde, que vem prá Grande Vitória, na CEASA ser consumido.

Mas o que mais chama atenção em Alto Possmouser são as casas, que seguem praticamente **modelos**, muito parecidas. Todas elas apresentam um **oráculo** pra ventilação e varandas frontais. Elas são coloridas e limpas, também. Caberia um estudo para saber de onde vem a tradição no construir, como é passada entre os pomeranos, porque é uma tipologia rural bem conhecida mas que ali é preservada, num conjunto que emociona e por toda a área rural elas se repetem, de Santa Maria de Jetibá à Garrafão, marcando a paisagem.

Quem quiser conhecer Alto Possmouser vai para Santa Maria de Jetibá, pela ES-355, de onde, uma estrada vicinal leva ao povoado. São 16km que atravessando uma região de topografia acidentada, em que, em alguns pontos a altitude supera 1000m. Toda a estrada passa por propriedades, são pequenas propriedades plantadas nas encostas cobertas por plantações que nunca acabam. Os pomeranos trabalham a terra como ninguém, não existe pedaço de chão que não seja cultivado.

Acompanhando, o Rio Maria, a estrada leva à Alto Possmouser. Antes de alto Possmouser existe o aglomerado de Possmouser, também localizado às margens da estrada. Seguindo, de longe se avista a igreja luterana de Alto Possmouser, à esquerda, numa pequena elevação à beira da estrada. E as casas que eram esparsas se tornam cada vez mais próximas, até que, no povoado se aglomeram entre as hortas que em cada quintal vedejam.

Chegando em Alto Possmouser a coisa fica difícil para quem quiser se comunicar com os moradores do povoado, principalmente com os mais velhos.

Muito fechados, os pomeranos se resguardam e até mesmo se recusam a conversar com **visitantes**. Obter informações sobre a formação do povoado e sua história, aspectos culturais e outros tornou-se impraticável na medida que a viúva do Sr. Lourenço G. Berger se recusou a conversar com a equipe pesquisadora.

O que se conseguiu nos foi transmitido por uma das filhas do Sr. Lourenço. Assim ficamos sabendo que a formação de Alto Passmouser é recente, apresentando seu crescimento um ritmo acelerado nos últimos cinco anos, não constando inclusive da lista de localidades do Estado do Espírito Santo do FIBGE de 1980.

Surgindo do desmembramento das terras do Sr. Lourenço, que, a cerca de 20 anos era o único proprietário da região, o povoado constitui-se hoje de 69 edificações, sendo destas, 52 para fins domiciliares.

Estes distribuem-se, em sua grande maioria, numa única rua, que é a própria estrada que leva a Garrafão. Atravessando o Córrego Possmouser chega-se a Escola Unidocente de Alto Possmouser localizada próxima à um grupo de casas que constituem um **apêndice** do sítio urbano, que assim fica definido. Extendendo-se na baixada do Córrego Possmouser, o povoado se beneficia da presença de terras férteis, propícias ao plantio de olerícolas, base da economia local, seguida pelo café.

Não obstante o significativo número de habitantes, Alto Possmouser carece ainda de serviços e de infra-estrutura urbana que venha a favorecer o incremento populacional observado nos últimos anos e ainda permite que este tenha continuidade. O impulso resultante da instalação da rede de energia elétrica a cerca de 7 anos denota o grau de importância que estes fatores representam para a ocupação do povoado. Segundo os moradores, o povoado vem crescendo tendo em vista a possibilidade de trabalho que se apresenta nas propriedades que são em número significativo, o que não esta sendo acompanhado de uma melhoria das suas condições físicas.

Assim, tanto o abastecimento d'água, quanto o esgotamento sanitário e a coleta de lixo são solucionadas pela própria população, quase sempre individualmente. Apenas para a água foi dada uma solução que consegue satisfazer um maior número de pessoas. A presença de nascentes próximas ao povoado permitiu que a água fosse canalizada para uma caixa d'água de onde é distribuída, sem tratamento. Este fato é amenizado pela salubridade da água da região.

Em contrapartida, o Córrego Passmouser é utilizado como destino final dos dejetos.

Com relação aos serviços à população de postagem, telefonia, bancário, hospitalar, todos são satisfeitos principalmente em Santa Maria de Jetibá que já se encontra bem servido destes equipamentos. Apenas o atendimento escolar é satisfatório em Alto Passmouser através da escola Unidocente de 1ª a 4ª Série, onde estudam filhos de proprietários e meeiros, residentes no povoado e/ou na área rural. Em algumas turmas, principalmente nas 3ªs e 4ªs séries, a maioria dos alunos moram fora do povoado, nas propriedades. Ao todo, em 1984, eles somaram 91 alunos matriculados no início do ano, tendo este número aumentado no final para 97.

Em Alto Passmouser são os bares e vendas que satisfazem às necessidades imediatas da população complementadas em Santa Maria de Jetibá onde um comércio varejista especializado e bem variado já existe.

Em Santa Maria também são adquiridos os implementos, utilizados nos cultivos das olerícolas e do café bem como rações para as granjas, já que a região também produz ovos e frangos.

Todos estes produtos são comercializados diretamente pelos produtores, sem a intermediação. De Alto Passmouser saem caminhões que trazem para a CEASA, em Cariacica. Os Berger têm um **truck** que uma vez por semana leva parte da produção para a CEASA do Rio, onde é entregue a

um comerciante. Só mais tarde é que ele manda a nota fiscal para os Berger, em Alto Passmouser. A ausência de intermediação na comercialização da produção permite que Alto Passmouser retenha grande parte do excedente gerado da mesma o que resulta num dinamismo para a economia local.

Ib - 8.

MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS

---

Ib - 8.1. POVOADO: PONTO ALTO

Distrito de Paraju

O município de Domingos Martins é cortado em toda sua extensão pela BR 262, que liga Espírito Santo/Minas. O acesso à sede do município é feito pela variante ES 376. Para o povoado de Ponto Alto, deve-se deixar a BR 262 na altura do Rio Fundo a direita pela ES 470. São 20km, passando pela Vila de Praju, distante 5km do povoado. Ao se aproximar do aglomerado, que fica no ponto mais alto da estrada, o visitante tem uma agradável surpresa pela beleza do lugar. Cercado por colinas, o sítio urbano se forma no vale provocado pelo Rio Jucu (Braço Norte), quase na nascente, bem diferente do rio que chega à foz, na localidade de Barra do Jucu, pois lá em cima, mais parece um córrego, com águas cristalinas e limpas.

A origem do patrimônio data do início da década de 50, quando chegou a localidade a família Hans, de origem alemã. Seu Oscar Hans, filho dos pioneiros, foi quem loteou a fazenda e proporcionou o povoamento. Nessa época, conta Oscar Hans, havia atividades mineradoras de ouro no leito do Rio Jucu. A extração era feita no cascalho por garimpeiros que vinham de regiões longínquas, para a época, como Rio de Janeiro e Minas Gerais. Contam que, inclusive, o leito do rio foi alterado em função do garimpo. Mas a mola motora da economia local, sempre foi o plantio de café, que persiste até hoje, quando não há mais ouro. Um detalhe curioso diz respeito ao topônimo Ponto Alto. Segundo alguns moradores, o nome original do povoado deveria ser **Ponto do Auto**, pelo fato do aglomerado ser o último ponto de ônibus da região, para se chegar a sede do município e a Vitória. Depois, à revelia da comunidade, a administração do municípios alterou sua denominação, que ficou até nossos dias.

Localizado na região serrana, onde se concentra a população imigrante europeia, a colonização da região deve muito a esse aspecto, influenciando no modo de produção e relação entre os moradores, produtores e trabalhadores. Com um clima relativamente frio topografia acidentada, de difícil acesso, um solo de boa qualidade, formam um quadro favorável a um desenvolvimento produtivo e ocasionalmente de bem estar para quem ali reside ou trabalha. O sistema viário, já descrito, se acrescenta com algumas estradas vicinais que ligam o povoado a outros aglomerados e estabelecimentos agropecuários. Estas estradas, juntamente com as estaduais, hoje estão sendo conservadas pela prefeitura, pois do estado não há algum interesse, como atestam alguns moradores. O atendimento de transporte coletivo, se faz 3 vezes ao dia, para Peroba, Paraju, Marechal Floriano e Domingos Martins. Recentemente foi construído pela prefeitura uma ponte de concreto Incospal, sobre o Rio Jucu, ligando por linha vicinal, Ponto Alto a Rio Ponte e Santa Maria de Jetibá, em Santa Leopoldina.

Hoje a população da localidade caiu em relação a 1980, segundo estudos recentes, já que naquela data, contava + ou - com 307 hab., e em 85 com 256. Nesse mesmo estudo se fez uma projeção para os anos seguintes: 1990 = 247. 1995 = 245, 2000 = 242 e 2010 = 240. Quer dizer, o povoado tende a se esvaziar. As causas desse fenômeno, está relacionado a dinâmica populacional da região, que faz parte desse estudo.

A conformação econômica de Ponto Alto apresenta no setor primário, isto é, na agropecuária, a seguinte estrutura: sua produção se identifica no complexo cafeeiro do estado, na região serrana. A estrutura fundiária é basicamente de pequenos proprietários, que também produzem milho, feijão. Está acontecendo que esses proprietários estão deixando o campo e se fixando no povoado, onde constroem novas residências, e deixando a sede para ocasionais meeiros. Aparece também no entorno, alguns grandes estabelecimentos, como é o caso da Firenze (Pão Gostoso) de Vitória, que, inclusive utilizam de mão-de-obra diaristas, alguns até vindos da Bahia, para o plantio e colheita de café. Essa produção da região é escoada diretamente para Vitória, via BR 262, é considerada a maior do distrito de Paraju. Informações prestadas pelos moradores, de que os Nemer de Caste

Lo constantemente vão a Ponto Alto para comprar café em coco. Há no povoado uma máquina de beneficiamento de café e um projeto para instalação de outra. Esta máquina pertence ao maior produtor da região, e foi adquirida em 1982. Emprega 5 trabalhadores do povoado. Existe também uma indústria, pertencente a prefeitura, que fabrica manilhas para esgoto, que emprega 11 pessoas do povoado, sendo 3 empreiteiros, 5 fichados e 3 contratados. Essa fábrica atende a todo município.

Ponto Alto conta com 5 armazéns-bares e recentemente foi instalada uma farmácia, proveniente de Campo Grande, Cariacica. O consumo superior é feito em Marechal Floriano, Campo Grande e Vitória.

Por causa da colonização alemã há no povoado 2 Igrejas Luteranas, uma delas apresenta uma arquitetura peculiar e majestosa, construído com a formação arquitetônica simples do povoado. Completando, há ainda 1 igreja Católica, 1 Batista e 1 Maranata.

No setor de infra-estrutura urbana apresenta na parte de abastecimento de água, um sistema administrado pela prefeitura, que consiste em captação em nascente até o reservatório, distribuição sem tratamento por declividade, as casas. Os que não são atendidos, se viram com poços ou nascentes próprias. A comunidade é toda servida por energia elétrica. Esgoto, só na rura central, e em construção nas transversais, aproveitando a fábrica de manilha. Depois é despejado no rio. Não há coleta de lixo, nem drenagem pluvial ou pavimentação das ruas.

Equipamentos comunitários: é servido pela **Escola de 1º Grau de Ponto Alto**, que atende da 1ª à 8ª série, com 180 alunos. Está em construção a ampliação da escola, serviço executado pela prefeitura, que duplicará a capacidade da escola. Conta com um Posto Médico que atende 2 vezes por semana e a farmácia, recentemente aberta.

Não tem telefone e nem correios, quando necessitam os moradores se dirigem à Vila de Paraju. A televisão pega muito mal e o único lazer identificado no local foi um campo de futebol no terreno do Sr. Hans.

É notório a intervenção da prefeitura em benefício do povoado, fato pouco encontrado nos restantes dos povoados do Estado, isto se deve, como foi apurado no local, pelo fato do prefeito de Domingos Martins ser casado com a filha do Sr. Oscar Hans.

Ib. - 8.2. POVOADO: PEROBAS

Distrito de Paraju

O acesso para o povoado de Perobas é realizado pela BR 262, rodovia que liga Vitória a Belo Horizonte, até o encontro com a ponte sobre o rio Fundo, quando há o cruzamento com a ES 470, que vai para o distrito de Paraju, daí até o povoado são pouco mais de 5km. O aglomerado é dimensionado na área compreendida em frente a igreja local, onde se estende o casario, em número de 94. É todo cercado por colinas, visivelmente plantadas de café, que se estende até o sítio urbano. É banhado pelo Córrego Perobas, e muito próximo corre o rio Jucu (Braço Norte), que irriga boa parte do entorno.

Perobas foi fundado pela família de Nicolau Erlacher no período 1936/40. Antonio Francisco Erlacher, herdeiro das terras da família, foi quem doou a área para o patrimônio, isto é, os terrenos para construção da Igreja de Cristo Rei, para a escola e para o galpão, usado para festas e jogos de bocha, muito difundido no povoado. Nosso informante, Sr. Joaquim Tesch, foi quem loteou e aterrou. Nessa época, 1945, foi aberto o comércio e só moravam 20 pessoas e Perobas, que basicamente, ainda retiravam as madeiras nobres e começavam a plantar café. Sr. Joaquim foi por duas vezes prefeito de Domingos Martins, nas décadas de 60/70. Ele é casado com dona Helena Lemke Tesch, que foi professora por + de 30 anos e é uma figura incrível, que tem uma grande memória, e segundo ela tem muita vontade de escrever sobre a história, não só de Perobas, mas do município de Domingos Martins, pois como professora e esposa do prefeito, sempre acompanhou o desenvolvimento histórico da região. Cronologicamente os equipamentos comunitários foram sendo construídos assim: 1948, a escola;

1957, quando existia apenas uma capela, foi construída a imponente Igreja Católica e em 1970 o galpão e o ginásio, que foi encampado pelo Estado, que passou a administrar e pagar os professores.

A população do povoado, como foi dito, em 1945 contava com 20 **almas**, em 1980, orbitava em 230 hab, estudos populacionais em Perobas, dão conta que hoje a população oscila em 226, e na projeção para o ano de 2010, passará a ter 366 habitantes.

Sua estrutura econômica de produção, se insere no complexo cafeeiro do Estado. Basicamente todos os estabelecimentos produzem lavoura de café, cana, feijão e milho. Esses estabelecimentos são de pequeno porte, e a força de trabalho é quase toda formada por colonos, ocasionalmente empregados diaristas, requisitados no local mesmo. Não aparece o trabalhador bóia-fria, classicamente conhecido. A produção de café é escoada diretamente para Vitória.

Um dos proprietários possui uma pequena máquina de beneficiar café, que não tem capacidade de atender a demanda. Existe ainda um alambique de cachaça, Moreninha, antiga Perobinha, que emprega mão-de-obra local e só funciona periodicamente.

O comércio é formado por 3 estabelecimentos que vendem gêneros de primeira necessidade, sendo o consumo superior atendido em Paraju, Marechal Floriano, Domingos Martins e Campo Grande.

No tocante a infra-estrutura urbana, Perobas é servido por abastecimento de água captada em duas nascentes próximo ao aglomerado, retida em caixa d'água e servida a comunidade sem tratamento. O serviço é considerado satisfatório pela população. O mesmo acontece com o fornecimento de energia elétrica, que atende a maioria das habitações. Já serviço de esgotos não existe, sendo o mesmo depositado em fossas pelos moradores. Não conta com coleta de lixo, cabendo aos habitantes dar um fim no referido, seja queimado nos fundos das casas ou depositando nos arredores do povoado. Não há drenagem pluvial nem pavimentação das vias de Perobas,

constituindo um problema a mais para a comunidade, principalmente nas ocasiões em que as precipitações de chuvas são mais intensas.

Na área de transportes coletivos, o atendimento é feito diariamente pela mesma linha de ônibus que atende ao povoado de Ponto Alto, ligando-os à Vila de Paraju, Marechal Floriano, Domingos Martins e Vitória.

Na parte de equipamentos comunitários, o povoado conta com um estabelecimento, **Escola de 1º Grau Emir de Macedo Gomes**, que atende da 1ª à 8ª série. Esta escola foi inaugurada em 1948, como já foi dito, em terreno doado por Antonio Francisco Erlacher, que funcionou como grupo escolar até 1970, quando foi aberto o ginásio, que passou a atender a toda região. Isso vinha acontecendo até pouco tempo, quando o prefeito de Domingos Martins ampliou o ginásio de Ponto Alto, o que ocasionou uma super-oferta de vagas nas duas escolas, não aproveitadas pelo baixo número de alunos.

O posto médico local atende 2 vezes por semana, pelo mesmo médico que serve Ponto Alto. O nosso informante, Sr. Joaquim Tesch, mantém um consultório dentário em Perobas, fazendo o atendimento permanente a toda região. O serviço de comunicação é bastante carente, sendo telefone e correios satisfeitos em Paraju. Há um número considerável de aparelhos de rádios e televisões. Nesse ponto, D. Helena Lemke Tesch, tem uma história peculiar. Segundo consta, o primeiro aparelho de TV de Perobas foi trazido pelo jovem Gerson Camata, muito amigo da família na ocasião, só que ao ligarem o aparelho só apareceu chuvisco, pois ainda não pegava transmissão em Perobas, **só deu chuvisco**, como diz D. Helena.

**Ib - 9.****MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO CASTELO**

---

**Ib - 9.1. POVOADO: SÃO JOÃO DE VIÇOSA**

O aglomerado de São João de Viçosa, situa-se numa região de elevada altitude em relação ao nível do mar, no sul do estado, sendo, portanto, cercado de elevações montanhosas de médio porte, o que lhe caracteriza o clima temperado.

Os principais núcleos urbanos que satisfazem as demandas por serviços e comércio são a sede do município, distante cerca de 12km, e Venda Nova (principal) situada a 08km da localidade, que está às margens da BR 262.

A ocupação da região deu-se, inicialmente, por famílias de imigrantes italianos, que, no início deste século, estabeleceram 02 ou 03 pequenos comércio à beira da estrada que liga Vitória a Belo Horizonte.

Em 1965, aproximadamente, iniciou-se o primeiro loteamento, na margem do rio São João de Viçosa, o que só foi possível depois da dragagem do mesmo. O loteamento, hoje já bastante modificado, por ser de baixo custo em relação a Venda Nova, foi aos poucos atraindo pessoas de poucos recursos monetários, que, em São João, encontravam condições de se estabelecerem.

A população local é constituída, em sua maioria, por trabalhadores sem vínculo empregatício, o que caracteriza um bolsão de bóias-frias, que trabalham em agroempresas locais.

A dinâmica da economia local é ditada pelas atividades agrícolas, tendo no café seu principal produto, com destino a comercialização, e o milho e o feijão, representam cultivares destinados ao consumo local e para subsistência.

Os pequenos proprietários, que residem no povoado, utilizam a mão-de-obra familiar, uma vez que os bóias-frias estão alocados nos grandes projetos agroempresariais (que coletam, diariamente, três caminhões, cheios de trabalhadores) tais como:

- Brasil Nova - Empresa de construção civil, situada em Venda Nova, que constrói casas, muros, postes etc., de capital local, e que encontra-se em franca atividade.
- Ave Nova - Empresa no ramo de produtos granjeiros, formada por capital local.
- Agroindústria Pindobas Ltda - Projetos agropecuários (pecuária bovina, em regime de confinamento, café e suínos), é a empresa que utiliza maior contingente de trabalhadores do aglomerado, sendo, inclusive, uma fonte de emprego em constante expansão. É um projeto de grande porte e um dos mais sólidos do município, tendo a frente o empresário Camilo Cola, cujos investimentos se intensificam em todos os setores da economia.

No setor industrial existe uma indústria de pequeno porte, situada no local, constituída de 02 empregados, com capital forâneo, cuja finalidade é a transformação de palmito **in natura** para conservas. O fornecimento de matéria-prima tem origem em florestas próximas ou então em alguns plantios. Esta indústria constitui-se em projeto recente (ano e meio) que não provocou modificações na estrutura do aglomerado. A geração de serviços indiretos é da ordem de 15 a 20 pessoas, as quais trabalham na extração e transporte de matérias-primas.

No aglomerado só existem 03 estabelecimentos de pequeno porte comercial, os quais servem para abastecimento de variedades alimentícias.

A infra e a superestrutura local podem ser caracterizadas da seguinte forma:

- Escola: O atendimento local satisfaz ao ensino até 8ª série do 1º grau, atraindo alunos de localidades distintas (Bicuíba, Alto São João de Vi

çosa, Viçosinha, Cachoeirinha Alegre e Camargo) o nome da escola é Atílio Pizzol.

Os principais problemas surgem em épocas de colheitas, onde as crianças de maior porte evadem-se para trabalhos rurais.

O ensino de 2º grau é realizado em Venda Nova, mas poucos continuam os estudos após a conclusão da 8ª série.

Em pesquisa realizada pela prefeitura municipal, o setor de ensino acusou São João com o maior índice de analfabetos do município.

- Bancos: Todos os serviços bancários são supridos por Venda Nova (principal) e Conceição do Castelo. A vinculação com a economia local se dá via repasse de crédito para as culturas locais.
- Rede Hospitalar: O atendimento médico-hospitalar é realizado em Venda Nova, existindo perspectivas de inauguração de um posto médico.
- Comunicação: Existem 02 terminais telefônicos pertencentes a particulares, com os serviços de atendimento ao público sendo realizados em Venda Nova.
- Água: Todos têm água e a captação é realizada por gravidade, sem tratamento.
- Energia Elétrica: Funcionamento normal.
- Esgoto: Existe projeto de rede a ser executado pela prefeitura.
- Coleta de Lixo: Recolhido pela prefeitura 02 vezes por semana, sendo que a maioria do lixo os moradores se encarregam do seu destino.
- Drenagem e Pavimentação de Ruas: Não existem.
- Transportes Coletivos: Ônibus de 02 em 02 horas entre Conceição do Castelo e Venda Nova que cruza o aglomerado. Por estar as margens da BR 262, o povoado é servido pelas linhas que por lá circulam.

- Loteamento: Existem 02 antigos, aprovados, mas de traçado totalmente irregular, com ruelas muito estreitas e lotes e construções completamente irregulares.

As maiores carências do povoado, hoje, são iluminação pública e subdelegacia, já que são muitas as desordens de fins-de-semana, conforme comentários dos moradores locais.

O povoado tem crescido nos últimos anos, passando de 103 domicílios em 1980 para 139 em 1985, e o entorno do aglomerado apresenta espaços suficientes para expansão, lembrando que as atividades econômicas da região indicam para este crescimento.

São João está inserido na região de influência da Grande Vitória, exercendo a função de coleta, com ligação direta para Venda Nova.

**Ib - 10.****MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM**

---

**Ib - 10.1. POVOADO: SÃO JOSÉ DE FRUTEIRAS****Distrito de Vargem Alta**

Situado no eixo da ES 164, São José de Fruteiras, é o último aglomerado urbano, na região norte do município de Cachoeiro de Itapemirim. Em direção a BR 262. A estrada atravessa o povoado ao meio, perfazendo a rua principal do mesmo. O sítio urbano é todo limitado por plantações de café, que chegam dentro do aglomerado. De topografia acidentada, as ruas em aclave, não obedecem as curvas de níveis. O solo é de ótima qualidade com grande produção agrícola, basicamente café. Sua origem está ligada ao surgimento de outros povoados, como Prosperidade, Boa Esperança e as vilas de Jaciguá e Vargem Alta. De colonização Italiana, que ali chegaram para implantar uma colônia agrícola e desmatar as florestas cheias de madeiras de lei, onde começaram o plantio, principalmente o café. Sua população se expandiu com o incremento da produção, chegando a ter em 1980 228 hab., passando para 366 em 1985 e chegará a 2010 com efetivos bem superiores. É banhado pelo rio Fruteiras, que abastece o aglomerado de água. O sistema de transporte é privilegiado pela posição geográfica, já que se situa na estrada, todos os ônibus que ali trafegam, beneficiam o povoado, tendo condução para Cachoeiro e Venda Nova diariamente. Inclusive já iniciou o asfaltamento da ES 164 o que vai incrementar ainda mais o desenvolvimento regional.

A conformação econômica, se baseia quase que totalmente na produção agrícola, não tendo nenhuma indústria, nem de mármore, que nessa região não existe mais desse produto. Com predominância de pequenos e médios estabelecimentos agrícolas, aparece porém algumas propriedades de grande porte, para a estrutura fundiária da região. Nesse sentido o maior estabelecimento apresenta 80 alg., com 40 plantados de cafezais e o restante, o proprietário reservou a mata existente. Nessa propriedade estão insta

lados 26 colonos, que é a relação de produção predominante. Fruteiras é considerado o maior produtor de café do município, sendo a maior parte vendida a comprador local, que revende o produto diretamente em Vitória. Esse escoamento é feito pelo norte, via BR 262. Na época de colheita, acontece o reforço no trabalho, quando aparecem bóias-frias, que no entanto não se fixam no povoado. Segundo a população, regularmente aparecem novas famílias tentando se estabelecerem como meeiros, dada a fama produtora de Fruteiras. Pela dificuldade de acesso, antigamente no auge da produção de café, acontecia que várias vezes os produtores queimavam o café por não ter como escoá-lo. Após a erradicação, na década de 60, a pecuária de gado leiteiro começou a aparecer e progrediu, até a retomada do café, que novamente tomou a prioridade produtora. A Cooperativa de Cafeicultores de Boa Esperança/Jaciguá, mantém um armazém que atende os produtores, acessorando em técnica e vendendo artigos de consumo e implementos agrícolas. Outro armazém, Irmãos Milanezzi, atende também aos produtores, como intermediário, como dito acima.

A nível comercial, Fruteiras tem 7 vendas-bar, 1 açougue, 3 armazéns e a cooperativa. O atendimento é basicamente de gêneros de 1ª necessidade. Necessidades de consumo superior são satisfeitas diretamente em Cachoeiro.

Os serviços de infra-estrutura urbana, contam com, na parte de fornecimento de água, com a SAAE, que atende a São José de Fruteiras, com água de boa qualidade, tratada e com rede. Energia elétrica abastece a maioria das casas e é satisfatório. O esgoto é drenado para o rio, percorrendo o povoado por valas e pequenas redes particulares. Não há coleta de lixo, ficando cada domicílio responsável pelo **sumiço** do refugo do lar. Também não há drenagem pluvial nas ruas e as mesmas não são pavimentadas.

Pelo incremento da produção cafeeira, existe no povoado um Posto de Serviços Bancários e Caderneta de Popupança BANESTES, o que demonstra o montante de circulação de capital, já que é um povoado. Segundo os moradores, a caderneta de poupança bateu o recorde do sul do estado. Quem poupa chega lá. Este posto mantém linhas de crédito agrícola, com cadastro feito na agência de Cachoeiro de Itapemirim.

São José de Fruteiras conta com uma escola de 1º grau. **Escola de 1º Grau Pedro Milanezzi Altoé**, que atende da 1ª à 4ª série. O restante do curso, normalmente, é concluído na escola e no ginásio de Vargem Alta. O número de matrículas em 1984 foi de 56.

Na área de saúde o povoado conta com um posto médico, com atendimento 3 (três) vezes por semana, de um médico vindo de Cachoeiro de Itapemirim. As urgências são realizadas no Hospital de Boa Esperança e no hospital de Venda Nova. O mesmo acontece com a necessidade de ligação telefônica que deve ser feita em Vargem Alta, pela ausência do mesmo. TV e rádio pegam bem no povoado, e diariamente chega o jornal estadual.

OBS.: Além do povoado acima descrito, podemos observar o nascimento de um novo aglomerado urbano ao norte de Fruteiras, não identificado pelo IBGE. Esse aglomerado começou a aparecer em função de uma lanchonete as margens da rodovia ES 164. Hoje, a população de Fruteiras, difere os dois aglomerados como São José de Fruteiras de Baixo e de Cima. Esse núcleo já conta com 27 moradias, 02 comércios. A tendência é a conurbação dos dois. Isso só não aconteceu, porque são separados por uma propriedade rural, cujo dono resiste no lotear ou vender a área. Isso acontecendo, como dizem os moradores dos dois aglomerados, certamente serão emendados, ocasionando a expansão do povoado. A população residente em Fruteiras de Cima, é formado basicamente de famílias que chegam a trabalhar como colonos nas fazendas de café.

REGIÃO II - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

---

## II - 1.

MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

---

## II - 1.1. CÓRREGO DOS MONOS

Caracterização do Povoado de CÓRREGO DOS MONOS  
Município de CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Córrego dos Monos se localiza ao sul de Cachoeiro de Itapemirim, às margens da rodovia ES-489, a uma distância de 13 quilômetros, dos quais 10km sem pavimentação. Essa rodovia faz a ligação entre Cachoeiro e a BR-101, via Atílio Vivácqua. O aglomerado desponta numa paisagem bucólica, de relevo plano cercado de colinas não muito altas, mas despontando no conjunto uma pedra mais elevada. Nesse quadro, para completar, aparece o curso do Córrego do Sossego, que mansamente banha o povoado. Há ainda na redondeza mais dois córregos; o Córrego dos Monos e o Serra Dourada, que formam uma rede hidrográfica, que fazem do solo uns dos mais férteis da região, fato comprovado pelas sadias culturas de legumes, verduras, frutas, etc.

Para resgatar o processo histórico do povoado, foi entrevistado o Sr. José Tavares, 73 anos, comerciante, ex-agricultor e madeireiro, nascido em Bom Jesus do Norte, veio para Córrego dos Monos com 7 anos de idade, onde cresceu e acompanhou a vida e o desenvolvimento do local. O povoamento começou com a ação dos madeireiros que chegaram para a extração das madeiras nobres, como Jacarandá, jequitibá, etc., das matas da região. Por essa época o local ficou conhecido como por Córrego dos Macacos. A essa altura do relato, seu Zé abre um parenteses para contar uma interessante história sobre a origem do nome. Os madeireiros iam ao córrego para apanhar água e normalmente, deparavam na margem oposta com um bando de maca

cos que ali também iam beber da pura água do rio. Depois, parece que identificaram os macacos como sendo os Mono-carvoeiros, e até hoje a população guarda com carinho esse topônimo. Nesse período, Córrego dos Monos era distrito de Marapé que ao se emancipar, tornando município de Atílio Vivacqua, ficou no município de Cachoeiro, o que contribuiu para uma nova dinâmica em relação à sede do município. Junto com os madeiros vieram os agricultores, que plantaram as primeiras roças de café, no lugar da mata abatida. Esses camponeses se agruparam em pequenas propriedades no entorno do aglomerado, influenciando o início das atividades produtivas e comerciais do povoado. Ao passar do tempo, veio a erradicação do café, Córrego dos Monos sofreu um grande impacto negativo e quase se extinguiu, pois muita gente foi embora, inclusive seu Zé, que ficou muitos anos fora da região.

#### RETOMADA DO DESENVOLVIMENTO: Uma Solução Doméstica

No início da década de 70, quando o café começou a retornar em quase todo o Estado, Córrego dos Monos, através de sua base agrícola, tomou outro caminho produtivo. Os antigos cafeicultores passaram a cultivar outras lavouras como milho, tomate, feijão e outras olericulturas, aproveitando o bom solo da região. Nessa ação o povoado encontrou o seu destino econômico. Hoje esses pequenos proprietários comercializam sua produção no CEASA, na Grande Vitória. O que não segue para lá é comercializado em Cachoeiro. Para conseguir isso os produtores se uniram dividindo o transporte e as despesas, como uma cooperativa, mas nada oficializado. Dessa produção destaca-se o tomate como a maior produção e melhor qualidade. A mão-de-obra, constitui-se basicamente de meeiros, que se estabelecem no povoado em lotes desmembrados das propriedades rurais. Também existem os diaristas, mas em menor escala, pois só trabalham no plantio e na colheita. Nessas propriedades há também a atividade pecuária, mas como os estabelecimentos são pequenos (em média 2 a 12 alq.) e a atividade principal é agricultura, ela é secundária.

O comércio local apresenta apenas 3 vendas, que comercializam generos de primeira necessidade, pois a proximidade com Cachoeiro e Atílio Viváqua, impede um incremento dessa atividade.

A rede escolar conta com um único estabelecimento, a Escola de 1º Grau **Amélia Tolêdo do Rosário**, que atende da 1ª a 4ª Série. É desejo da comunidade a implantação do restante de séries, pois fica muito oneroso estudar em Cachoeiro ou Atílio Viváqua. Como a maioria dos alunos trabalham com suas famílias na agricultura, após a aula, quando terminam a 4ª série, poucos alunos continuam os estudos noutra lugar. No prédio antigo da escola, hoje funciona o Centro Comunitário, porém sem expressividade na comunidade. O Posto de Saúde, é relativamente bem montado, e atende 3 vezes por semana, com a vinda de um médico de Cachoeiro. O serviço de correios é feito pelo ônibus diariamente que deixa as correspondências na venda do Sr. José Tavares. Na parte de infra-estrutura urbana, o povoado conta com uma estação de tratamento de água, administrada pela SAAE, que atende a boa parte do povoado. A energia elétrica abrange todo o patrimônio e é satisfatória, como atestam os moradores. Porém, não existe coleta e tratamento de esgotos e nem coleta de lixo, sendo o primeiro despejado no córrego e o segundo queimado nos fundos das casas.

## II - 1.2. SAMBRA

Caracterização do Povoado de SAMBRA

Município de CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

O povoado de SAMBRA é novo, sua formação tem início em 1960, quando se iniciou a exploração do mármore, na região de Cachoeiro de Itapemirim. Está situado a poucos metros da ES-164, rodovia que liga a sede do município à rodovia BR-262, a esquerda da localidade conhecida por Salgadinho. O povoado fica a 600 metros da Vila de Saturno, e como dizem os moradores só **não emenda** por causa da fazenda do Sr. Enock Moreira, que não quer lotear sua propriedade para conurbação. A estrutura física do povoado é

formada por uma rua principal, que é a continuação da estrada. A seguir aparece uma área aberta onde se destaca a escola local e o comércio; tem uma primeira rua que corta, onde se situa a Igreja, de um lado; e o clube social e esportivo, que conta com um campo de futebol e a pracinha do outro lado. Há mais duas ruas transversais e, continuando o eixo central, aparece a indústria de beneficiamento de mármore Samba. Todo o sítio urbano é contornado por várias propriedades, que basicamente exploram a pecuária e o café, também realizam explorações de mármore. E a malha urbana apresenta 117 construções, entre casas, comércios e equipamentos comunitários. Com o crescimento econômico causado pela indústria de extração mineral, o povoado está se expandindo, aparecendo novos loteamentos e conjuntos habitacionais. Um loteamento aparece na propriedade do Sr. Angelo Cilote, a leste do povoado, outro loteamento também está sendo viabilizado, logo na entrada do povoado. Dentro do aglomerado, uma indústria de mármore mantém um pequeno conjunto de 40 casas, para seus empregados.

Para contar a história do povoado nesses seus 25 anos de existência, foi ouvido o Sr. Waldir, que redide a 17 anos no povoado. A origem de Samba está diretamente ligada ao nome, i.é, o aparecimento do núcleo urbano aconteceu em função de uma indústria de exploração de mármore, calcita e moagem de calcário. Esta indústria chamada de Samba, S/A Mármore Brasileiros, foi quem viabilizou o povoamento. Nessa época a região era formada por pequenas propriedades produtoras de café e pecuária. Com o tempo outras empresas se instalaram no entorno, serrarias de beneficiamento de mármore, que atraíram muitos trabalhadores a se instalarem no povoado. A empresa Samba, de capital inter-estadual, foi comprada por um empresário cachoeirense, que mudou o nome da empresa para MARBRASA, que significa Mármore Brasileiros S/A, como se vê, apenas foi feita uma troca de lugar das palavras; o que não aconteceu na designação do aglomerado, que a comunidade soube preservar o topônimo original.

O sistema viário e transporte de Samba é formado pela rodovia que liga à ES-164, fazendo o acesso para Cachoeiro de Itapemirim e para a BR-262; e por pequenas estradas vicinais, que ligam o povoado às minas de mármo

res, e ao povoado de Gironda, onde trabalham uma fração da população de Samba. A distancia da sede do município é de apenas 14km, destes, apenas 3 não são pavimentados, esse trajeto é percorrido três vezes ao dia por ônibus.

Nos quase 25 anos de existência do aglomerado, a população evoluiu, juntamente com o desenvolvimento econômico da região. Em 1980 a população era de 509hab., passou para 658 em 1985 e contará com 2.075 em 2010.

A população economicamente ativa do povoado, quase toda trabalha nas indústrias de extração e beneficiamento de mármore. A Marbrasa é a maior em produção, a que emprega maior número dos habitantes, e a única que faz o beneficiamento, i.é, corta e comercializa as chapas de mármore e granito. A empresa também recebe 30% do granito que é utilizado no beneficiamento de outros estados. A Marbrasa também é proprietária de terras na região, e mantém um conjunto de casas, que é utilizado por seus empregados, que atende a 40 famílias.

As atividades agropecuárias no entorno, ficam em segundo plano, na conformação econômica de Samba. Pequenos proprietários de terras se dedicam a produção de café, milho, pecuária e algumas fazendas de criação de cavalos para corte. Contudo, não chegam a empregar mão-de-obra do meio urbano, já que esses contingentes estão voltados às atividades de marmoraria.

Pela proximidade de Vila de Saturno e de Cachoeiro do Itapemirim, o povoado apresenta um setor comercial reduzido, apenas um armazém de produtos de primeira necessidade, que comercializa basicamente comestíveis e bebidas. Há também um bar, típico destas localidades, onde os trabalhadores se reúnem depois do expediente para beber, conversar, jogar sinuca, etc. A necessidade de consumo superior é satisfeita em Cachoeiro do Itapemirim.

No que se refere à infraestrutura urbana, o povoado conta apenas com a rua principal com pavimentação de paralelepípedos, sendo as outras ruas de terra, o que ocasionam sérios problemas nas épocas de chuva; pois não

conta com drenagens pluviais. Uma parte da água consumida no povoado é administrada e distribuída pela SAAE, que faz o tratamento, considerado razoável pela comunidade. A outra parte da população, ligada a empresa Marbrasa, esta é quem faz a distribuição, mas não é tratada. Não tem rede de esgoto, sendo este acondicionado em valas ou, por redes particulares jogado nos córregos. Não há coleta de lixo em Samba, o mesmo é atirado nos fundos dos quintais ou queimado.

Para a educação das crianças do povoado, funciona a **Escola Unidoscente André Leandro Cilote**, que atende da 1ª à 4ª série do 1º Grau, e teve 96 matrículas no ano de 1984. O restante do 1º Grau é realizada na Vila do Saturno, a 600 metros do povoado. Segundo a professora, é por isso que não há oferecimento das restantes séries em Samba. O mesmo acontece no setor de saúde, não contando com posto médico, pela proximidade da vila. O mesmo acontecendo com os equipamentos de comunicação, não havendo posto telefônico e nem de correios.

No aspecto de meio-ambiente, o povoado carece de área verde dentro do sítio urbano, como quase todos visitados pelo projeto. Nesse caso, pelo fato de existir atividades industrial e de extração mineral, o que ocasiona uma descarga de pó de pedra no local, merece uma preocupação maior nesse sentido, para evitar possíveis danos à saúde dos habitantes de Samba.

## II - 1.3. GIRONDA

Caracterização do Povoado de GIRONDA

Município de CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

O povoado de Giranda está localizado ao pé da Serra do Itaoca, onde se encontra a maior jazida de mármore e calcita do município. Para se chegar ao patrimônio, segue-se pela rodovia ES-164, que liga Cachoeiro do Itape mirim à BR-262, passando pela região de Vargem Alta. Mas, para Gironda, na altura da localidade conhecida como Salgadinho, deve-se deixar a estrada à esquerda, rumando em direção a Vila de Saturno, daí até o povoado

são 5km. Nesse caminho, avista-se algumas fazendas e serrarias de mármore, que utilizam o mármore de qualidade inferior para a produção de pias, roda-pés, pisos e revestimentos para paredes. Em uma dessas fazendas, fomos informados da criação de cavalos para corte, já que o normal é criação de gado leiteiro na região.

Ao chegar ao sítio urbano, tem-se uma agradável surpresa pela beleza natural do lugar, com destaque para a imponente Serra do Itacoa. A malha urbana se estende por uma área dividida em dois segmentos habitacionais, separados por uma grande fazenda de criação de gado e lavoura de hortaliças. Esse quadro se completa pelos cursos dos Córregos Salgado e Jacaré, responsáveis pela fertilidade do solo, pelo abastecimento de água ao povoado e, ainda servem de depósito do esgoto. Mais afastado do aglomerado, no rio Fruteiras, aparece a Usina Hidrelétrica de Fruteiras.

Para se conhecer a história e a vida de Girona, o Sr. Jerônimo Moreira Vieira, proprietário da fazenda acima descrita, e um dos mais antigos residentes do povoado, é a pessoa certa para dar as informações precisas. A colonização da região foi feita por portugueses, de quem o Sr. Jerônimo descende. Eles chegaram à região, com a intenção de extrair as madeiras nobres e explorar a agricultura, e se fixaram onde hoje ergue-se o povoado. Também foram os portugueses que deram o nome a Girona, em homenagem à terra natal. Com a descoberta das jazidas minerais, as terras super-valorizaram, mais ou menos no início da década de 60, e foram vendidas à empresas de Minas, São Paulo e Rio, que tinham condições de explorar estas reservas minerais. Isso mudou fundamentalmente a face econômica da região, não só de Girona, mas de todo o município.

O sistema viário da localidade é constituído por duas estradas principais que fazem a ligação do povoado com Cachoeiro e Vitória, e por várias vicinais que unem os núcleos urbanos às minas de mármore. As estradas principais, uma já descrita no início do texto, que é a ligação à Cachoeiro e a BR-262. A segunda faz o trajeto à Cachoeiro, subindo pela Serra do Itacoa, passando pela Vila de Itacoa, onde se concentra a administração das empresas que exploram as atividades mineradoras.

No setor de transporte coletivo, a empresa de transporte Marapé detém o monopólio de atendimento à comunidade, e é considerado insatisfatório o serviço prestado por essa empresa, com constantes reclamações da população. Já o transporte dos operários para as minas, é feito por ônibus particulares das empresas, que também utilizam caminhões nessa atividade.

O crescimento populacional de Gironde se deve muito pelo incremento da exploração das riquezas minerais. Apesar do êxodo provocado pela venda das terras as empresas exploradoras, esta mesma atividade atraiu muitos trabalhadores autônomos, que foram morar no povoado. Com isso a população local teve um salto na curva de crescimento, passando de 200hab. em 1980, para 465 em 1985 e contará com 2.781 no ano de 2010. Dessa população ainda existe uma parte que trabalha na lavoura e pecuária, que tem uma produção não muito expressiva no município. A principal cultura desenvolvida no entorno é café, predominante em quase todos os estabelecimentos, assim como o gado leiteiro, atividade que demanda pouca mão-de-obra nas fazendas. Estas ainda mantêm uma relação de parceria para a cultura do café, absorvendo mão-de-obra de outras regiões na época de colheita. O leite produzido em Gironde é escoado para Cachoeiro e o café, para o norte, Jaciguá e Vargem Alta, até Vitória, pela BR-262. Mas o grande vetor da economia local, fica por conta da extração o beneficiamento de mármore e calcita, que faz parte de todo um conjunto industrial, talvez um dos maiores do Brasil. Esta atividade está vinculada ao mercado de Cachoeiro, interligados com mercados nacionais e internacionais. O trabalho nas minas apresenta algumas peculiaridades, como por exemplo: o número crescente de viúvas, já que o exercício de profissão oferece altos riscos, e constantemente acontecem acidentes, e não poucas vezes fatais, como foi testemunhado pela equipe do projeto, em visita a área de exploração. Imensos blocos de granito são demembrados das pedras através de explosões e depois, os trabalhadores munidos apenas com uma alavanca de ferro, fazem esses mesmos blocos se deslocarem das montanhas, numa ação muito perigosa. O risco acontece principalmente pelos operários não usarem equipamentos de segurança. A Serra de Itaoca, por causa da extração, apresenta grandes fendas, comprometendo a formação das montanhas e automaticamente o meio ambiente, pois as explosões espalham muito pó

de pedra na atmosfera, e é comum a comunidade reclamar de problemas respiratórios. Na produção foi observado que a exploração passa por várias fases e apresenta diferentes produtos finais. Num primeiro estágio a produção visa os blocos de mármore, que vão de caminhão das minas para as serrarias (cada caminhão carrega apenas um bloco, que pesa aproximadamente 10t.). Nas serrarias os blocos são serrados, numa grande máquina chamada **tear**-que a divide em placas, que variam de 3 a 6cm. de espessura. Na mina, também se retira o pó de calcário, usado na agricultura. Esse complexo industrial apresenta uma grande especialização no que se refere ao uso de equipamentos chegando a ter uma linha particular de telefone, que passa dentro de Gironda e não atende a comunidade. Toda esta estrutura mudou radicalmente a vida do povoado e influenciou diretamente o comércio, com o surgimento de um estabelecimento de grande porte, que vende produtos de 1ª necessidade; bem como, a presença de 4 bares e um clube dançante, que os operários utilizam nos fins de semana. As principais empresas operando na região são as seguintes: Capixaba, Cermagraf, Ricamar, Rochedo e Permagrama. Há um grande movimento, como atestam os moradores, no sentido de expandir a malha urbana, com algumas construções surgindo em áreas ainda não utilizadas, como o sítio do Sr. Jerônimo, que tem a nítida intenção de explorar suas terras dentro do povoado, na implantação de um loteamento para satisfazer o grande contingente de trabalhadores que diariamente se dirige ao povoado, para trabalhar nas minas e não tem onde morar.

Na parte de infra-estrutura, o povoado não conta com serviço de tratamento e abastecimento d'água. A população é servida por poços e águas de nascente; o esgoto é escoado por redes particulares drenadas para o córrego; não há coleta de lixo e as ruas não são drenadas nem pavimentadas. Só contam com energia elétrica, que atende a quase totalidade dos 97 prédios existentes no patrimônio.

O nível de atendimento escolar, atinge o Pré-primário, com 50 alunos matriculados, e o 1º Grau, da 1ª a 4ª Série, com 102 matrículas, dados de 1984. Funcionam, os dois cursos, na **Escola Unidoscente de Gironda**, que conta na 4ª Série com 22 alunos. O restante do 1º Grau, i.é, da 4ª à 8ª Série, só existe na Vila do Soturno, distante 5km do povoado

do, e é comum ver as crianças se dirigindo a pé para a Vila para estudar. Dos 22 estudantes acima citados, apenas 5 terão condições de completar os estudos em Soturno.

Por ser bem próximo de Soturno, Gironda não conta com serviços de saúde, nem posto médico, e qualquer necessidade o cidadão terá que se dirigir a Soturno ou a Cachoeiro.

Dentro destas qualificações, Gironda apresenta uma dinamização econômica positiva, e por isso merece, das administrações, uma preocupação maior, pelo menos na parte de infra-estruturas básicas, pois daí saem grandes riquezas naturais, que geram grande capital, mas que não tem nenhum retorno para o povoado.

#### II - 1.4. BOA ESPERANÇA

##### Característica do Povoado de BOA ESPERANÇA MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

O município de Cachoeiro do Itapemirim encerra, em sua área, diversificada produção, iniciando pelo mármore e passando pelo café. A região Vargem Alta, é uma das mais importantes do Estado, pela sua produção de café, mármore e olericultura. O povoado de Boa Esperança, distrito de Jaciguá, está localizado nessa região, às margens da ES-164, rodovia que liga Cachoeiro à BR-262. Muito próximo de Jaciguá, apenas 2km, localiza-se o povoado que, não obstante a proximidade possui vida e equipamentos próprios.

A área de Boa Esperança é bastante acidentada. O sítio urbano, no entanto, se situa numa faixa plana, contornada por colinas muito altas. O povoado é composto por 2 ruas principais, paralelas, e por 4 perpendiculares, onde se erguem 66 construções, sendo 58 domicílios de construções de boa qualidade.

Boa Esperança teve seu início colonizador por volta de 1880, com a chegada dos irmãos Altoé, imigrantes italianos, que desembarcaram no porto de Benevente, hoje Anchieta. Naquele local adquiriram as terras, que pertenciam a fazendeiros de Virgínia, hoje Jeciguá. Estas informações, foram colhidas com os Srs. Isaías Altoé e Rafael Altoé, irmãos e descendentes diretos dos primeiros que chegaram a localidade. No começo, a região era só mata de madeira de lei. O desmatamento propiciou o surgimento das primeiras culturas de café, feijão e milho, que era escoada por Cachoeiro ou Vitória. Nesse período o único caminho, ligando Vitória a Cachoeiro era feito através de uma **picada**, que passava por Virgínia (Jaciquá) e Boa Esperança. Já nessa época, estava em andamento a construção da ferrovia, que ligaria Vitória a Cachoeiro. Apenas o trecho até Matilde, que se chamava Engenheiro Reeve, estava concluído. Foi, então, que o governo vendeu este trecho a **The Leopoldina Railway Company Limited**, que ficou com o compromisso de acabar a construção do restante da estrada. Assim, em 1910, foi inaugurada a Estação de Virgínia, que impulsionou a economia cafeeira da região de Boa Esperança, ligando-a à Vitória e a Cachoeiro do Itapemirim.

Com a inauguração da estrada de ferro, muito coisa mudou no povoado, como dizem os irmãos Altoé. Por volta de 1922, foi construído o Instituto Salesiano Anchieta de Boa Esperança. Uma imponente construção, que aos moldes dos estabelecimentos de ensino da época, iria servir como seminário (internato) e colégio, beneficiando, principalmente, os filhos dos proprietários e produtores de café da região e também de outros municípios. No início, o colégio funcionava apenas uma escola noturna e depois da ampliação, passou a contar com o seminário e ginásio. Neste colégio, pela sua tradição, guarda em seus diários, toda a história do desenvolvimento do estabelecimento e, logicamente da região, e merece um estudo ou uma pesquisa mais elaborada para se ter um quadro melhor desse processo.

Por volta da década de 60, quando a produção chegou a níveis altíssimos, e o povoado juntamente com toda região, apresentava um processo de desen

volvimento. Veio a erradicação do café, que levou a um coláps<sup>o</sup> a economia local. Antes dessa época, pelos idos de 1951, os produtores se reuniram, liderados pelo Sr. Rafael Altoé, e criaram a Cooperativa de Cafeicultores de Jaciguá, com sede em Boa Esperança. O Sr. Rafael foi eleito presidente, cargo que ocupa até hoje. Com a retomada do café, e com a política cooperativista implantada, a produção em 10 anos aumentou 500%, setundo o Sr. Rafael. Em 1976, foi inaugurado o Hospital Pedro Olívio, que funciona ao lado do Colégio Salesiano, e atende a toda região serrana, Boa Esperança, Jaciguá, Prosperidade, Fruteiras, etc.; inclusive a região de Venda Nova utilizam dos serviços do hospital.

A estatística populacional do povoado nestes quase 100 anos de existência aponta um contingente populacional de 184 habitantes para 1980, passando para 270 em 84 e chegando a 1.336 no ano de 2010.

A cultura de café predomina no entorno do povoado e é a grande mola econômica de Boa Esperança. Esses proprietários são em sua maioria pequenos e médios. Os tamanhos dos estabelecimentos variam em torno de 30 alquieres. Sua relação de produção, há muito tempo mentém o sistema de parceria. Esses colonos, além de trabalharem no café, plantam milho, feijão e pastagens para o gado leiteiro. Durante muitos anos e o escoamento da produção era feito pela estrada de ferro, para Cachoeiro ou Vitória. Hoje essa produção é comercializada pela Cooperativa e escoada diretamente para Vitória pela BR-262, que está sendo asfaltada, o que contribuirá ainda mais para o desenvolvimento da região. Há também uma pequena população flutuante de diaristas, que trabalham no plantio e colheita de café. Essa população atua também em outras regiões, como São José de Fruteiras. Pela proximidade da região produtora de mármore, ainda existe uma serraria operando no povoado, mas menor escala, pois a produção de Boa Esperança é pequena.

Já que o povoado e muito próximo da Vila de Jaciguá, existe no local, apenas vendas que comercializam gêneros de 1ª necessidade, qualquer consumo superior é realizado em Jaciguá ou diretamente em Cachoeiro. A Cooperaç

tiva de Cafeicultores, mantém um armazém para seus associados, que vendem desde produtos de implementos agrícolas. Tem também um armazém para estoque de café. Ao lado da Cooperativa funciona uma oficina mecânica para autos e tratores. A Cooperativa ainda apresenta uma máquina de beneficiar café e um proprietário mantém em seu estabelecimento uma máquina de beneficiamento de arroz.

O sistema viário e transporte de Boa Esperança é um dos mais privilegiados, pois é atendido pela rodovia ES-164, que liga Cachoeiro do Itapemirim à BR-262-Vitória, onde circulam diariamente, vários horários de ônibus. A 2km, do povoado, na Vila de Jaciguá, está situada a Estação Ferroviária onde passa a estrada, antiga Leopoldina, hoje RFFSA, que faz o trajeto Vitória x Cachoeiro.

No que se refere a infra-estrutura urbana, Boa Esperança apresenta, um atendimento completo de energia elétrica, que beneficia a quase totalidade da comunidade. A distribuição de água é administrada pela SAAE, que faz o tratamento e distribuição à população. O sistema de esgoto é por conta do morador, que faz a rede direta para o correço. A presença da FSESP, com a construção de **casinhas** para utilização dos moradores. Não tem coleta de lixo, nem drenagem ou pavimentação das ruas.

Na parte de equipamentos comunitários, o povoado apresenta uma escola de 1º Grau, **Escola Singular de Boa Esperança** que atende da 1ª à 4ª Série, com um fato curioso. Nesta escola só existe uma sala de aula e uma única professora. Desse modo, assim funciona o curso: na parte da manhã, estudam os alunos da 1ª e da 2ª Série, i.é., as duas séries funcionam ao mesmo tempo, com uma turma virada para um dos fundos da sala, com um quadro negro e a outra, para o outro fundo com outro quadro, e assim o curso se desenvolve. A cada momento a professora atende uma turma, enquanto a outra está entretida. Na parte da tarde do dia, o mesmo processo se repete com as turmas de 3ª e 4ª Séries. O número de matrícula em 1983 foi de 43 e em 1984 também 43. Basicamente os estudantes são filhos de pequenos proprietários e de colonos, o que faz com que muitos deles não acabem o curso, por ter que trabalhar desde cedo na la

voura. Há ainda em funcionamento o ginásio, no Colégio Salesiano que atende a população de Boa Esperança e das comunidades vizinhas.

Na área de saúde, como já foi dito, existe o Hospital Padre Olivio. Não tem posto telefônico nem correios, mais pela proximidade de Jaciguá, onde estas necessidades são satisfeitas. Quase todas as moradias são servidas por televisão, que juntamente com o futebol, e as quadras de bocha, consistem no lazer da comunidade.

## II - 1.5. PROSPERIDADE

Características do Povoado de PROSPERIDADE

Distrito de VARGEM ALTA

Município de CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM

Uma das mais belas e produtoras regiões do Espírito Santo, é conhecida como Vargem Alta, como o próprio nome diz, faz parte das áreas férteis nas montanhas do Estado. É formada pelas Serras do Itaoca e São Vicente, por onde corre o Rio Fruteiras que alimenta a Usina Hidrelétrica de Fruteiras. Encravado na Serra São Vicente, está localizado o povoado de Prosperidade. Para se chegar a localidade, saindo de Vitória, existem dois caminhos a saber, via Cachoeiro do Itapemirim, sede do município, e passando pela BR-262. No primeiro, segue-se pela rodovia BR-101 até o trevo de Cachoeiro, a direita pela BR-482 até a cidade. De Cachoeiro pela ES-164,, que liga a sede à BR-262 até a Vila de Vargem Alta, desse ponto ao povoado são pouco mais de 3km. O outro caminho, mais perto, segue-se pela rodovia BR-262, Vitória x Belo Horizonte, até o trevo com a ES-164, entre Aracê e Venda Nova. Pegando esta rodovia, que está sendo asfaltada, em direção ao sul, até a Vila de Vargem Alta.

Ao chegar a área do povoado, tem-se uma agradável surpresa pela beleza natural e também, pelo tipo de formação da área urbana. Isto, porque o povoado é bem antigo, com ruas sinuosas e o casario de arquitetura in

fluenciado pela colonização italiana. O aglomerado é cortado pelo Rio Fruteiras, que segue serra abaixo, num vale entre as montanhas, formando um belo quadro. A área urbana é pequena, o que limita a expansão do aglomerado. O solo é de boa qualidade, especialmente para fruticultura, hortaliças, que se nota pela presença de pomares e hortas nos fundos das casas e nas propriedades do entorno.

Em conversas de bar que se descobre a história do lugar. E foi num dos armazém-bar de Prosperidade que conhecemos a família Sacaramussa, na pessoa do Sr. Aleixo Sacaramussa, que detém a memória e documentos do desenvolvimento histórico de Prosperidade.

O povoamento do aglomerado começou no século passado quando só existia a fazenda do Dr. João Belisário Vieira. Foi quando, já nesse século, mais precisamente em 1900, a propriedade foi adquirida por Agostinho Costalonga. Nessa ocasião predominava a produção de café e gado. Quando iniciou a imigração italiana na região, um grupo liderado pelo Sr. Luis Scaramussa, já em 1913, recém chegados de Parma, Itália, adquiriu terras e começaram a desmatar a floresta e incrementar o plantio de café. Segundo o Sr. Aleixo Soaramussa, nesse período que começou a nascer a cidade, quando as famílias de italianos se agruparam e construíram suas moradias, onde hoje se ergue o povoado. O nome escolhido pela comunidade para o povoado, expressa bem a intenção dos imigrantes na terra, pois vinham de uma situação pior em seu país com intuito de prosperarem em terras novas. Plantando café, milho, feijão, o povoado se desenvolveu e chegou ao auge da produção por volta de 1935/40. Mas o inesperado mudou a estrutura de produção, baseada na cultura de café e pecuária. No ano de 1957, em Prosperidade, foi descoberta a primeira jazida de mármore do Estado, e o começo da exploração dessa riqueza mineral. Segundo o Sr. Aleixo, todo mundo queria só explorar essa nova atividade, por isso instalaram várias empresas extrativas e serrarias para o beneficiamento. Esse novo processo produtivo influenciou muito a produção cafeeira, no sentido negativo, já que o mármore era da melhor qualidade, conhecido como mármore rosa, o que dinamizou a extração e benefi

amento, prejudicando a lavoura, até a erradicação do café, na década de 60. Com a erradicação do café e o fim da jazida de mármore, o povoado entrou numa fase de estagnação econômica, já que a retomada do café não se concretizou em Prosperidade. Um dado interessante na história do povoado, diz respeito a existência de um jornal local, **O Martelo** de Prosperidade do chargista Tônico Vieira da Cunha, o que demonstra o nível cultural do povoado em certo momento da sua existência. Analisando a situação sócio-econômica do povoado de Prosperidade, nesse momento, em quase 90 anos de vida, se tem um quadro geral da região.

A descoberta e o processamento industrial do mármore, a partir de 1957 deu margem à expansão dessa atividade. Hoje estas jazidas estão no fim e a produção só abastece a 03 laminações, i.e., serrarias, que empregam poucas pessoas do povoado, não tendo muita importância no que se refere a viabilização de empregos nesta atividade. A pouca produção de mármore é escoada por Cachoeiro do Itapemirim.

Após o apogeu da cultura de café em 35/40 e a dinamização da produção de mármore e o esgotamento dessas reservas, Prosperidade retomou a atividade de cafeeira, mas não no ritmo apresentado em outras regiões próximas, como Vargem Alta e Boa Esperança. Segundo os agricultores, isto acontece pelo direcionamento tomado por eles no sentido de abrir um leque produtor. Hoje os estabelecimentos estão dando mais ênfase a lavoura policultora de milho, arroz, feijão, café e principalmente o incremento da fruticultura e hortaliça, aproveitando a terra, que segundo esses mesmos agricultores são excelentes para essa atividade. A estrutura é baseada em pequenos proprietários, de mão-de-obra familiar, ocasionado por colonos fixados no povoado. Foi identificado também a entrada de pecuária leiteira, que é escoada para Cachoeiro, como também parte da produção agrícola, sendo a outra parte direcionada diretamente para Vitória. Não foi constatada a existência de bóias-frias, porém nas épocas de colheita aparecem trabalhadores da própria região, mas que não se fixam no povoado.

O comércio é formado por estabelecimentos de pequeno porte, varejista de generos de primeira necessidade. Os produtos são adquiridos em Cachoeiro do Itapemirim e, ocasionalmente de vendedores ambulantes. São em número de 03, armazéns, e 2 botequins de bebidas e jogos, como sinuca, etc.

A população do aglomerado estava em 1980 com 155 habitantes, em 85 evoluuiu para 224 e, baseado na projeção para o ano de 2010, chegará a ter 1.411 **almas** no patrimonio.

O processo de ocupação urbana, como na maioria dos povoados, não obedeceu a critérios técnicos. Esse movimento seguiu simplesmente o contorno das propriedades existentes. Nesse sentido o assentamento urbano adquiriu uma conformação mais livre, espalhada; com as ruas seguindo os limites das propriedades. Um elemento importante na arquitetura das casas, se refere ao fato da utilização do mármore, muito abundante num certo período. Certas casas chegam a ostentar como revestimento, placas de mármore rosa, um dos mais cobiçados e raros o que não existe mais nas minas da região.

No que se refere a infra-estrutura urbana, o povoado se insere no seguinte contexto: no setor de abastecimento de água, não existe tratamento ou distribuição, cada morador utiliza um abastecimento que lhe é mais favorável. Alguns tem poço em sua propriedade, outros nescente e a maioria puxa água dos córregos que servem o povoado. Se tratando de energia elétrica, o fornecimento atinge a maioria dos moradores, e é considerado satisfatório. Não há rede de esgotos, os moradores ou constroem fossas ou jogam diretamente no rio. Também não há coleta de lixo, as ruas não tem drenagem pluvial e somente a rua principal é pavimentada, as outras são de terra, e quando chove, as águas descem dos morros e as ruas ficam intransitáveis, como atestam os moradores.

Na parte de equipamentos comunitários, Prosperidade conta com um estabelecimento de educação, a **Escola de 1º Grau de Prosperidade**, que atende da 1ª a 4ª Série. No mesmo prédio, a noite, funciona um curso de supletivo, que atende, não só ao povoado, mas também a toda região serrana. O atendimento hospitalar é todo feito no Hospital Pe. Olívio, em Boa Esperança-Jaciguá, pois Prosperidade não conta com posto médico ou ambulatório. Na área de comunicação com outros centros e vice-versa, a carência é grande, pois não existe telefone ou correio (no período desenvolvimentista, Prosperidade tinha até telefone, que era raro em outras localidades), utilizando apenas os serviços da linha de ônibus para Cachoeiro ou, o cidadão tem que se dirigir à Jaciguá, a poucos kms. do povoado. Além disso, se constata a presença da televisão e do rádio, que figuram, juntamente com o futebol e o jogo de bocha, como os equipamentos de lazer da comunidade, além é claro, das brincadeiras que as crianças praticam, soltas como vivem diariamente no espaço em que habitam, beneficia das pelo meio-ambiente sadio, que deve ser preservado para as futuras gerações.

**II - 2.****MUNICÍPIO DE ITAPEMIRIM**

---

**II - 2.1. POVOADO: GOMES**

Gomes constitui uma aglomeração recente, tendo o seu processo de crescimento urbano sido resultante da transferência de população de sede distrital de Itaipava. Na virada para a atual década, Itaipava apresenta uma reformulação de sua economia, essencialmente calcada, até então, nas culturas de subsistência. A instalação de um estaleiro de reparos navais e a concomitante abertura para a pesca industrial são as primeiras manifestações dessa nova mudança. Paralelamente, forma-se um mercado imobiliário especulativo, ocasionado pela valorização crescente dos lotes, pelo aumento da demanda de turistas à região. Com isso, as populações mais carentes, egressas das atividades de subsistência, são justamente aquelas expulsas.

Grande parte dessas vende suas terras e vai se localizar na antiga fazenda Gomes, situada junto à orla do mar e à rodovia do sol. Em sua maioria tendo afinidades parentescas, essas pessoas vão constituir um casario, há cerca de três quilômetros de rodovia do sol, em acesso secundário. As habitações formam um adensamento, em sítio plano, ocupando pequenos lotes, notadamente distribuídos entre dois eixos viários. Ao sul dessa aglomeração, ainda existe uma pequena mata próxima à lagoa sete pontas.

Ao norte da ocupação, uma pequena elevação, cuja vegetação já apresenta sinais de esgotamento e erosão. A leste situa-se faixa litorânea e a oeste uma outra elevação onde se situa a igreja local. O casario é dominado por construção de alvenaria, havendo, também, a presença de alguns barracos.

A maioria da força-de-trabalho local, integrada por homens, trabalha em empresas pesqueiras fluminenses, passando cerca de 15 a 20 dias em alto mar. Ao cabo do período, esses pescadores retornam às suas famílias por meio de ônibus da linha Campos-Vitória. Dessa forma, o grosso das atividades é assegurado fora de suas cercanias, o que dá ao lugar um caráter singular. Essa renda é complementada por atividades de subsistência, tais como alguma pesca artesanal, cultivo de cana e de abacaxi, em pequenas propriedades situadas próximo ao aglomerado.

Até a formação do povoado, na atual década, predominava em Gomes a média propriedade. Emiliano Benevides é o mais antigo morador da região. Nasceu em Lagoa Funda e levado para aquele local com seis meses de idade. Nesse tempo, o local denominava-se Pirandelo do Norte, propriedade que pertence a Domingos Roseira. A chegada do pai, em 1897, possibilitou ao proprietário meios de fixação à terra, quando passaram a trabalhar com plantação de milho, feijão e mandiçoba (espécie de seringueira).

Emiliano Benevides conta que, nessa época, a mata era densa, havendo muita caça, como onças, cutias, pacas e outras. Não haviam estradas e os casarios dispersos eram feitos de estuques. E foi justamente ele quem abriu a primeira estrada, há cerca de 50 anos, quando pode adquirir um pedaço de terra, denominando-o de Fazenda Mandiçoba. Com o passar do tempo, os filhos foram desmembrando a propriedade de Emiliano Benevides e mais tarde vendendo suas propriedades. E, recentemente, esse desmembramento serviu para receber a atual ocupação, com a transferência em escala dos pescadores de Itaipava.

Atualmente, a infra-estrutura, equipamentos e atividades econômicas garantem apenas a própria subsistência de Gomes. O comércio é formado por três bares, que vendem alguns produtos de primeira necessidade. A água consumida é proveniente de cacimbas, colhidas através de um sistema de bombeamento para uma caixa, instalada no ponto mais alto do aglomerado, e distribuída à população. Não há rede de esgotos, mas a eletrificação

atende a todos. Gomes é servido por linhas de ônibus que ligam Itapemirim a Itaipava e Itaóca, três vezes ao dia.

Entre as principais culturas de subsistência destacam-se o abacaxi, o feijão, o milho, a banana, o café e o cacau. Isso tem possibilitado o incentivo para a transferência de outros habitantes de Itaipava, sendo expressivo o número de prédios em construção, cerca de 17% do total de residências existentes, formado por 74 casas, 7 prédios de uso misto e 4 construções para outros fins.

Em relação às perspectivas futuras, acrescenta-se o fato de o asfaltamento da rodovia, praticamente concluído até suas cercanias, poderá ocasionar um novo impulso à expansão do aglomerado, dada sua acessibilidade, cerca de 10 quilômetros tanto da sede do Município, quanto de Itaipava. Paralelamente, o próprio asfaltamento da rodovia é feito com aterro cujo material é retirado em Gomes, pela retirada de material em seus morros. Isso, ainda, possibilita a expansão da malha urbana, facilitando o aumento das potencialidades de crescimento induzido.

A vida social é manifesta pela existência de um campo de futebol e pela presença de duas igrejas, Católica e Batista, que congregam a comunidade e possibilitam um pouco de entretenimento a seus habitantes. O restante do tempo, é ocupado por outra diversão, definida por Emiliano Benevides, em seus 89 anos de existência: **o cabo da enxada.**

## II - 2.2. POVOADO: GRAÚNA

Região de domínio absoluto da Usina Paineiras, Graúna situa-se em suas terras, estendendo-se ao longo da rodovia que liga a BR-101 a Itapemirim. O casario é disperso, havendo uma miscegenação com residências situadas em área rural. A maior parte da aglomeração situa-se na interseção de duas pequenas elevações, e o próprio leito da rodovia, formando um desenho triangular. Aos poucos, a aglomeração facilitou a contaminação dos lençóis artesianos e, conseqüentemente, criou problemas para o próprio

abastecimento de água potável à população. Dessa forma, a água é considerada escassa.

O povoado é mal servido no atendimento de recolhimento de lixo, na eliminação dos esgotos, embora seja bem servido em relação à iluminação pública e residencial. Da mesma forma, o atendimento de transportes é favorecido, dada a localização do povoado e da disponibilidade de ônibus intermunicipais que trafegam por aquela rodovia.

A Usina Paineiras, por ser um grande complexo agro-industrial, domina a região. A maioria da população é formada por trabalhadores assalariados permanentes da própria usina, que não mantém quaisquer outras atividades. Praticamente inexitem bóias-frias naquela localidade, mas há alguns proprietários de pequenos estabelecimentos circunvizinhos. Por isso mesmo que a vida e a produção são controlados diretamente pela agro-indústria, que inibe qualquer atividade ou iniciativa que não se coaduna com seus interesses. A própria produção local constitui elemento cativo da demanda daquela empresa, sendo as terras ocupadas tão somente para aquela monocultura, exaurida e mantidas pela mecanização e pela utilização intensiva de adubos.

Seus habitantes mantêm uma relação histórica com Paineiras. No início, esses contingentes localizavam-se em área mais próxima da usina, em pequenas propriedades. Mais tarde, com a venda das terras e a concomitante instalação de energia elétrica ao longo da rodovia que liga a BR-101 a Itapemirim, localizaram-se no atual sítio de Graúna. O processo de ocupação se fez por divisão de médias propriedades, notadamente e pertencente a José Rodrigues. A maioria desses habitantes é descendente de negros africanos, antigos escravos que formaram uma comunidade fechada, de onde nasceu o nome Graúna, que significa pássaro preto.

Esses negros localizaram-se em Graúna logo no início da ocupação e continuaram a constituir um grupo fechado, em área mais interna à área do povoado. O restante da população foi se micuando num espaço mais adensa

do. No período de 1980 a 1984, a aglomeração experimentou um pequeno crescimento, sem que isso signifique alteração no status quo vigente.

Como atividades complementares, verifica-se a presença de uma olaria, que emprega, como força-de-trabalho, menos do local, cerca de 20 ou 30 que subsidia a construção civil local. Paralelamente, há a instalação de uma farinheira, que opera com insumos de estabelecimentos situados fora da região, empregando mão-de-obra aciosa, durante o período de plantio da cana, em pequena escala, já que é mecanizada.

Em termos de comércio, há 5 estabelecimentos que vendem artigos de primeira necessidade, além de bebidas. A educação às crianças é ministrada pela escola de 1º Grau Graúna, que mantém uma média anual no número de matrículas, assim como do número de evasão, que não chega a 10%, sendo o número de transferências praticamente ocasionais.

Ao que tudo indica, Graúna tende a reproduzir, no futuro o mesmo status quo vigente, já que sua ordem econômica já está dada. A produção local segundo os interesses da própria Usina Paineiras, que não oferece alternativas para absorção de novos braços, nem possibilita a fixação de bóias-frias em suas cercanias, sendo essas localizadas em bolsões de baixa renda de Itapemirim.

Por situar-se próximo à sede, cerca de 10 quilômetros, consegue ser polarizada por essa e a ter o seu crescimento inibido por sua própria configuração.

ESCOLA DE 1º GRAU **GRAÚNA**

13 de novembro de 1985

NÚMERO DE MATRÍCULAS DOS ANOS			
ANO	NÚMERO DE ALUNOS	NÚMERO DE EVASÃO	NÚMERO DE TRANSFERÊNCIAS
1980	102	10	-
1981	126	13	-
1982	115	-	-
1983	133	14	10
1984	140	09	04
1985	155	04	02

II. 2.3. BREJO DOS PATOS

Brejo dos Patos pode ser considerado um povoado **sui generis**, entre todos aqueles visitados pela equipe de Estudos Populacionais. Sua constituição espacial é formada por pequenas glebas de terra, cuja disposição do casario, na margem de cada propriedade, permite a conformação do aglomerado. Essa ocupação é antiga, apresentando crescimento lento, quase ao nível vegetativo. A população residente é descendente de duas famílias sendo os espaços divididos de acordo com a reprodução familiar.

Um dos primeiros moradores é José Luiz Marvilla, hoje com 96 anos de idade. Seu avô, José Soares dos Santos e sua mãe, Ursa da Conceição, foram um dos primeiros proprietários de terra no local. Quando nasceu, em

1989, os primeiros casarios já existiam já que ali se localizava uma atividade de confecção de postes para linha férrea que passava por Itapemirim. Aos poucos, a madeira farta e a promessa de vida promissora foi possibilitando o adensamento da região, vindo gente de Vitória, de Minas, de Pernambuco, pois, como mesmo relata: **era só chegar e pegar a terra.**

José Luiz Marvilla adquiriu 175 alquieiros, com os quais iniciou atividades extrativistas e de plantio de feijão, milho, café, mandioca, melancia, e outras. E assim se consolidou Brejo dos Patos. O nome do local, como já sugere, deve-se ao fato de o local cresceu em área de brejo, onde existiam muitos patos. Desse período para cá Brejo dos Patos sempre assumiu as mesmas características, isso é, um local pequeno, onde predominam as relações familiares, as pequenas propriedades e vinculação a centros maiores somente pela produção econômica.

Nesse sentido, cumpre salientar que Brejo é um dos maiores produtores de abacaxi do Estado, e o maior do município, sendo a sua produção comercializada diretamente para os estados de Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, esse último o maior consumidor. Paralelamente, Brejo dos Patos produz cana de açúcar, cuja produção é destinada a Usina Paineiras sendo produzida dentro de processos de mecanização, sendo a mão-de-obra existente familiar. A nível de subsistência, produz café, principal produto até a sua erradicação, na década de 60, melancia, mandiçoba, feijão e leite.

Essa situação prevalece desde 1932, quando se acelera a ocupação do aglomerado, porém sempre em ritmo lento, já que, até 1960, não haviam estradas, mas a existência de picadas entre a mata. Com a derrubada das matas, desapareceram também tamanduás, macacos, cutias, jecutingas, jaós e outros animais comuns naquelas paragens. Entre as madeiras mais nobres que desapareceram destacam-se os jacarandás, as perobas e os jequitibás.

A comunidade local é congregada pelas igrejas católicas, adventista e Batista. No mês de março a comunidade comemora a festa de e padroeiro,

São José, onde há procissão, missa e festejos populares, notadamente leilões de gado, quando recebe muitos visitantes. Recentemente passou a ligar-se ao contexto nacional com a captação de sinais das principais emissoras de televisão do País, além, é claro, da sintonia das emissoras de rádio cujas ondas são captáveis em Brejo dos Patos.

O povoado é constituído por uma malha que se estende ao longo de dois eixos, na interseção das estradas que ligam Itapemirim a Boa Vista e Itapemiririm a Jaboti. O casario se estende ao longo de um brejo, entre duas pequenas elevações, não havendo ruas calçadas, sendo as edificações de alvenaria, em sua maioria. O comércio é formado por 4 vendas, para atendimento das necessidades mais imediatas. É polarizada por Itapemirim, distando apenas 7 quilômetros dessa, o que dificulta a sua expansão comercial.

Não se registrou a presença de indústrias no local, talvez em decorrência da estrutura familiar de produção e da ausência de bóias-frias capazes de serem utilizados. Em relação à infra-estrutura, saliente-se que o abastecimento de água é feito por poços artesianos, os esgotos são jogados diretamente no brejo, o lixo é depositado in natura.

Em termos de equipamentos, funciona a Escola Unidocente de Brejo dos Patos, com aproximadamente, 100 alunos. O número de evasões é pequeno, em média dois por ano, o mesmo acontecendo com transferências. Muitos alunos, residentes no meio rural, são transportados por um ônibus de empresa privada, que faz o percurso duas vezes ao dia. As professoras se deslocam de Itapemirim diariamente, dando aula para, aproximadamente, 20 alunos, em cada sala.

Ao que tudo indica, Brejo dos Patos tende a reproduzir o status quo vigente, já que seu dinamismo depende de uma atividade primária que tende a se estabilizar tanto no que se refere à produção quanto à produtividade,, já que o preço oscila muito, gera insegurança na comercialização, pelo produtor, além de variar em função dos financiamentos. A produção

de cana, por sua vez, possui uma adequação à demanda estabelecida pela própria Usina Paineiras, quem detém a comercialização na região. As demais culturas não chegam a ser incentivadas, devido às dificuldades de comercialização, ficando ao nível da subsistência.

**II - 3.****MUNICÍPIO DE ICONHA**

---

**II. 3.1. BOM DESTINO**

A região onde está situado o aglomerado é de colonização antiga. Havia nessa região fazendas escravistas de café, que com a abolição e a chegada dos imigrantes europeus, principalmente os italianos, se subdividiram. Caso mais conhecido é o da fazenda Duas Barras, hoje nome de um local muito próximo à Bom Destino. Isso explica o fato da maioria dos habitantes deste local serem descendentes de italianos, embora existam também alguns descendentes de portugueses.

O povoado, entretanto, não é tão antigo. Segundo um dos moradores, as primeiras casas existem há mais ou menos 70 anos.

A região era produtora de café e a maioria da população habitava na zona rural. O local já teve uma máquina de beneficiar café e um matador de boi.

Com a substituição do café pela banana, há 15 a 20 anos, essas atividades acabaram, e a população (pequenos proprietários rurais) praticamente se mudou toda para Bom Destino. São poucos os habitantes rurais.

Bom Destino, apesar de não contar com infra-estrutura de serviços sofisticada, é local de fácil acesso à Iconha. Fica a poucos quilômetros dessa cidade, e existem várias linhas de ônibus diariamente. Além disso grande parte dos moradores possui carro.

Trata-se de uma população de bom nível de vida. As casas são de alvenaria e de bom aspecto, muitas têm telefone e quase todos possuem automó

móvel. São na quase totalidade pequenos proprietários que cultivam a banana. E é exatamente a partir da substituição do café pela banana que os proprietários agrícolas começaram a se mudar para o povoado.

Hoje, no entanto, está acontecendo o inverso. A banana está sendo substituída pelo café. Por dois motivos, por um lado o preço do café está em alta e é sem dúvida a cultura que apresenta maior rentabilidade. Por outro lado o mal de Panamá vem atingindo ostensivamente as plantações de banana, e o combate é dispendioso.

De qualquer forma, trata-se de uma população de nível de renda médio que procura um sistema de vida urbano, processo, aliás, comum no sul do Estado. Isto é, o deslocamento do local de habitação da zona rural para o urbano sem desvinculação das atividades agrícolas.

E isso vem proporcionando um intenso crescimento de Bom Destino. Há cerca de 3 anos foi feito um loteamento do outro lado do rio, local que é chamado de Ilha, embora não o seja propriamente. Esse loteamento (230 lotes) está praticamente todo ocupado. Poucos lotes estão ainda vagos.

A quase totalidade da população é constituída por pequenos proprietários rurais, que cultivam a banana ou por parceiros destes. Alguns poucos trabalham na empresa de comercialização da banana como assalariados. Não existe o assalariado temporário agrícola. Quando se usa esse tipo de trabalhador, recruta-se na cidade de Iconha.

Em termos de infra-estrutura o local não é muito bem servido. Existe água da SAAE, embora muitas casas façam captação direta (de poço). O esgoto é jogado direto no rio sem tratamento algum, e também não existe coleta de lixo. Existe energia elétrica, telefone (em grande parte das casas), e televisão (só um canal), mas não chega correio nem jornal. No caso do correio usa-se o posto da cidade de Iconha.

No que se refere à educação a grande reclamação da população é a instalação do 1º Grau completo (falta o antigo ginásio). Existe uma escola estadual que funciona com 2 professores e oferece da 1ª a 4ª Série. O ginásio e o 2º Grau são feitos em Iconha. Segundo a professora local, o nível de vida da população é bom, já que não há problemas para a compra de material e as crianças são em geral saudáveis e bem nutridas. Também não há abandono da escola em época de colheita. Os únicos casos de abandono da escola são de filhos de trabalhadores do depósito que vão embora. Mesmo assim, a maioria desses trabalhadores são moradores fixos do local. Os alunos também não estão defasados em relação à idade/Série.

As duas escolas atendem aproximadamente 50 alunos cada.

Existe, ainda, um maternal.

## II - 4.

MUNICÍPIO DE ATÍLIO VIVACQUA

---

## II - 4.1. PRAÇA DO ORIENTE

Praça do Oriente caracteriza-se por apresentar um processo de crescimento populacional negativo, ingressando numa fase de estagnação, retrato vivo da situação sócio-econômica da região. A maioria dos habitantes encontra-se numa faixa etária que se define entre a meia idade e a velhice. Seus moradores ainda recordam, nostalgicamente, o tempo em que o povoado crescia, economicamente, estratificando essa tendência.

Segundo depoimentos do atendente do Mino-Posto de Saúde e de Dona Maria, servente da Escola, os áureos dias, vividos pelo povoado, foram ocasionados pela expansão da cultura cafeeira, erradicada na década de 1950 e setenciando-o ao esquecimento. D. Maria fala do tempo em que o povoado exibia o seu dinamismo, quando possuía um açougue, uma farmácia, uma alfaiataria, além de uma máquina de pilar café e arroz. A escola chegou a registrar cerca de 70 alunos matriculados, número considerado expressivo por seus moradores.

Hoje, no entanto, a população local não mais alimenta sonhos de prosperidade, não sendo encontrados quaisquer tipos de reivindicação junto à comunidade local. Uma única liderança é exercida por Dona Lurdes, moradora de uma fazenda localizada próxima à aglomeração, que promove, através da Igreja Católica local, festas e procissões, além de outros eventos. Cabe a Dona Lurdes suprir as deficiências causadas pela inexistência de um pároco no local, já que apenas ocasionalmente o local é visitado por um padre da paróquia de Atílio Vivacqua.

Entre os moradores, desconhece-se a data de formação do povoado, mas sabe-se que sua origem remonta à década de 1940 em decorrência de uma

doação de Joaquim Caiado, proprietário da Fazenda Oriente, aos primeiros ocupantes do local. Por volta de 1860, a Fazenda Oriente foi uma das mais prósperas do Estado, sendo, inclusive, uma das responsáveis pela formação de Marapé, hoje Atílio Vivácqua. Entretanto, até 1920, Marapé permaneceu como o menor distrito de Cachoeiro de Itapemirim, detendo, para isso, inexpressivo contingente populacional.

Foram as duas décadas seguintes que propiciaram maior prosperidade à região, notadamente, pela expansão da cultura cafeeira e desencadeando um processo de crescimento econômico das propriedades locais. Esse, talvez, tenha sido o principal condicionante que ensejou a necessidade de formação de um povoado capaz de lhes dar suporte em suas atividades agrícolas.

Atualmente, Praça do Oriente constitui o locus de instalação da força de trabalho diarista, empregada em fazendas da região. Além desses, os proprietários utilizam, ainda, mão-de-obra dos meeiros, que residem nas próprias fazendas, estabelecendo um tênue vínculo com o povoado. Os únicos empregos oferecidos na área urbana se restringem à escola e ao posto de saúde. O setor terciário praticamente inexistente, formado apenas por dois bares, onde são vendidos pequenas quantidades de bebidas e alimentos. Quaisquer outros produtos e mercadorias são adquiridas, pelos moradores, em Atílio Vivacqua ou mesmo em Cachoeiro do Itapemirim.

Os habitantes de Praça do Oriente não dispõem de postos telefônicos ou serviço de postagem, não recebem jornais, nem mesmo os sinais da Televisão A Gazeta. O abastecimento de água é feito pela Prefeitura de Atílio Vivacqua, sendo ele feito por uma caixa coletora, que distribui água às residências, sem quaisquer meios de tratamento. A energia elétrica é recente, sistema instalado há dois anos, enquanto a ligação de esgotos é feita pelo próprio morador, diretamente ao córrego próximo. Não existindo coleta de lixo, cada residência elimina os detritos à sua maneira, depositando-os simplesmente, **em algum lugar**.

O único ônibus que vai ao povoado pertence à Prefeitura de Atílio Vivacqua, circulando no período matinal, para levar crianças a Escola Unidocente Praça do Oriente, que atende de 1ª a 4ª Séries. Apenas 12 alunos estão matriculados, em sua maioria residentes no próprio aglomerado, enquanto o professor reside em Muquí. Diariamente ele se desloca para aquela localidade, muitas vezes realizando o percurso à pé. Apesar de suas queixas quanto ao desinteresse de seus alunos, há pouca flutuação entre os matriculados. Aqueles que conseguem concluir a 4ª Série e desejam prosseguir seus estudos, são obrigados a se deslocarem até a sede municipal.

Já o Mini Posto de Saúde funciona em decorrência de um convênio, firmado entre o Estado e o Município. Atende a população urbana e rural próximas a Fazenda Oriente, Posto Oriente e outros lugarejos. Chegando a registrar cerca de 20 a 30 consultas, nos dias em que o médico visita o povoado. O Posto mantém, permanentemente, um atendente para os casos menos graves, já que o material e os equipamentos existentes são insuficientes para casos mais graves. O atendimento dentário é feito pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em Atílio Vivacqua.

A população local, 84 habitantes, está alojada em 17 domicílios, um bar / residência e 7 outros, com fins não domiciliares. Esses domicílios conformam a aglomeração urbana, cujo traçado é definido por um pequeno largo central, em torno do qual localiza-se a maioria do casario.

Praça Oriente localiza-se na região central de Atílio Vivacqua, sendo o seu principal acesso feito através da rodovia ES-489, que liga a sede municipal a BR-101 Sul. Apesar de registrar baixa circulação de veículos, a rodovia apresenta boas condições de trafegabilidade, o que facilita o acesso ao povoado, localizado às margens da estrada, no quilômetro 11 (a partir da sede).

Situada a uma altitude de 70m do nível do mar, descortina, ao sul, as serras Linda Aurora e das Torres, que atingem uma altitude de 1.000m.

A oeste, em área também acidentada, situa-se a pedra do Morro do Monte. Já a leste, numa região menos acidentada, o Córrego do Oriente, que se junta ao Rio do Norte. Esse rio desempenhou papel preponderante como via de escoamento do café, até o Porto de Itapemirim, notadamente na virada para o atual século.

## II - 5.

## MUNICÍPIO DE CASTELO

## II - 5.1. ESTRELA DO NORTE

## POVOADO ESTRELA DO NORTE

Localizado a oeste da sede municipal, Estrela do Norte é um povoado situado em área acidentada, a 130 metros do nível do mar, na confluência do Córrego Santa Clara com o Ribeirão Estrela do Norte. Ambos formam uma extensa área de várzea, cercada de pontões graníticos que atingem uma altitude média de 1.000 metros.

A região caracteriza-se por apresentar áreas alagáveis junto aos cursos d'água. Recentemente, com a drenagem levada a efeito, as áreas baixas passaram a oferecer perspectivas para o aumento da produção e da produtividade agrícola.

Estrela do Norte dista 15km do asfalto que liga a sede municipal Cachoeiro e Venda Nova (BR-262), através da rodovia ES 166. Situa-se a 20km da sede, por meio de um corredor, entre os paredões que funilam e formam o vale onde se situa Estrela do Norte.

Historicamente, a região deriva de uma divisão da Fazenda da Prata.

Essa fazenda, que se estendia até Aracuí, possuía uma quantidade expressiva de escravos, sendo ela uma das maiores em extensão da região. Com a abolição da escravatura veio seu parcelamento, sendo retalhada em pequenas propriedades.

Esse quadro se manteve até a década de 30, quando migrantes oriundos da localidade de Duas Barras, no Município de Iconha, se instalaram na

quela região. Segundo o vereador João Alves, 65 anos e testemunha das principais modificações que se processaram em Estrela do Norte, a formação do povoado é recente.

Por volta de 1950, existiam, em Estrela do Norte apenas cinco casas.

Não havia estrada de acesso, sendo o transporte feito por animais de carga. João Alves, proprietário de um estabelecimento com mais de 110 alqueires, acredita que a maioria da população local descende de italianos e portugueses, embora ele mesmo seja descendente de alemães.

Com efeito, verifica-se que a grande leva de migrantes que se fixou no território de Iconha era formada por descendentes italianos, alemães e portugueses. Esses fazendeiros, ao migrarem para Estrela do Norte, tiveram filhos, passando a dividir suas posses em pequenas propriedades, que ainda hoje pertencem aos filhos da terra. O exemplo é dado pelo próprio João Alves, que possui 14 filhos, doze deles residindo nas fazendas, em suas próprias casas.

Desde o início, o café constitui a principal cultura da região. Na fase inicial, o escoamento da produção era feito por Júlio Machado, transportado em lombo de burros até Castelo, em percurso que durava não menos de dois dias, onde era repassado a outros intermediários. Com a abertura de estradas, houve o fomento geral das atividades de produção.

O café ainda hoje constitui a principal cultura da região, mas o gado já marca sua presença, seguida das culturas de arroz, milho e outras de menor escala para subsistência. Como a maioria das propriedades utiliza mão-de-obra familiar, verifica-se uma ausência quase completa de bóias-frias. Contudo, torna-se iminente a utilização de parceiros, nas pequenas propriedades rurais.

De acordo com informações de João Alves, existe uma expansão da cultura cafeeira, provocada pelo ingresso do Programa PROVÁRZEAS naquela locali

dade. Enquanto isso, registra-se uma intensificação, seguida de pequena expansão, da pecuária leiteira. Essa constatação reforça as manifestações locais da tendência registrada em todo o município, pelo Censo Agropecuário, no período 1970/1980. Segundo esse, houve uma expansão de 5% nas lavouras permanentes e ampliação das pastagens, da ordem de 6%, ao lado do decréscimo das áreas de lavouras temporárias.

O café é vendido a intermediários em Castelo, destacando-se os grupos Dalto e Nemer. A produção leiteira destina-se, também, a Castelo, para a Cooperativa Agropecuária de Castelo Ltda. - CACAL, enquanto que a pecuária de corte é quase inexpressiva e destina-se a atender o consumo da população residente na sede municipal.

Atualmente, habitam Estrela do Norte pequenos proprietários da região.

A formação do povoado iniciou na interseção de dois eixos rodoviários que cortam o aglomerado. O primeiro deles ligando Estrela do Norte às adjacentes. O segundo, pela rodovia que liga Aracuí a Rodovia ES-379.

O pequeno comércio, localizado naquela interseção, estava voltado ao atendimento de tropeiros que viajavam pela região. Posteriormente, à medida em que se processou instalação de proprietários rurais no aglomerado, esse casario foi se estendendo, ao longo das vias, notadamente pelas regiões mais planas. A ocupação atual tende a adensar o núcleo inicial da povoação, de forma radioconcêntrica.

O principal marco visual do povoado é definido pela Capela São João Batista, localizada no alto de uma elevação, situada a norte da aglomeração. Construção recente, constitui ela o centro de congregação da comunidade local. Aos domingos, após a missa, a comunidade costuma reunir-se junto ao campo de futebol, situado junto ao largo central de Estrela do Norte.

O pequeno comércio destina-se a suprir as necessidades mais elementares da população, já que essa abastece em Castelo, como principal centro catalizador da região. Quatro alambiques produzem aguardente para consumo local. A matéria-prima é proveniente de Conduru, no Município de Cachoeiro de Itapemirim. Entretanto, essa atividade não se caracteriza como geradora de empregos. Com a melhoria das condições de trafegabilidade das estradas, o comércio tende a se estagnar.

As condições de infra-estrutura e dos equipamentos de Estrela do Norte tem passado por modificações que chegam a justificar o incremento populacional verificado recentemente. A Prefeitura de Castelo vem realizando melhorias de infra-estrutura, notadamente calçamento e drenagem, além de um programa mais amplo de instalação de esgotos e iluminação pública, já em processo. O município instalou mais de 94km de eletrificação rural, esperando, com isso, fixar o homem no campo.

Há que se registrar, contudo, que a melhoria das condições gerais de conforto ocasionou a transferência de colonos locais para a aglomeração de Estrela do Norte. O atendimento de saúde é feito pela Clínica Integrada de Curumim **Angelo Travaglia Junior**. Em termos educacionais, a Escola de 1º Grau **Delza Frasson** atende a demanda da localidade. A destinação do lixo é dada pelos moradores individualmente.

Além disso, Estrela do Norte dispõe de Posto Telefônico, água captada na fonte de Água Limpa, sem tratamento, sendo administrada pela Prefeitura de Castelo. A EMATER possui escritório local, desenvolvendo trabalho de conscientização junto a população do povoado, no sentido de que esses instalassem, em suas residências, fossas e, conseqüentemente, a melhoria geral das condições de salubridade.

Em relação às perspectivas futuras, há que se acrescentar que o povoado encontra-se em área de influência direta da sede municipal, contigência ratificada a partir da própria ligação rodoviária. Paralelamente, Estrela do Norte insere-se na região de monocultura cafeeira, sendo portanto,

dependente, de forma ampla, da dinâmica do setor primário.

Assim, pode-se dizer que Estrela do Norte tende a reproduzir o seu crescimento vegetativo, já que as condições ligadas à retenção de seu excedente econômico, nem a possibilidade de desenvolvimento de atividades terciárias e de prestação de serviços serão viáveis a curto e médio prazos.

## II - 6.

MUNICÍPIO DE DORES DO RIO PRETO

---

## II - 6.1. MUNDO NOVO

O povoado de Mundo Novo encontra-se no raio de influência das transformações ocorridas, recentemente, na região de Serra do Caparaó. O café vem ocupando áreas improdutivas e de pastagens, aumentando a circulação de dinheiro em toda a região e gerando atividades de fomento.

Com isso, Mundo Novo passa a fixar a mão-de-obra, motivando a urbanização de pequenos proprietários de terra, atraídos por recentes melhoramentos urbanos, realizados pela Prefeitura Municipal de Dores do Rio Preto.

A maioria da população residente é originária de Iúna e de Santa Maria, Município de Alegre, fixada nas adjacências e inseridas no processo de urbanização.

Até o início da atual década, Mundo Novo estava praticamente isolada, geograficamente, das demais localidades, uma vez que, apesar da existência de uma estrada, não era ligada por quaisquer linhas de ônibus, sendo a fluidez quase inexistente.

Hoje, o povoado constitui região de influência tanto de Espera Feliz, localidade mineira situada junto a divisa estadual, quanto Guaçuí. A sede municipal não chega a exercer grande influência sobre o povoado, já que sua economia não chega a ser suficiente para reprodução de mais valia capaz de expandir o seu raio de hinterlândia.

Mundo Novo vive em função da produção cafeeira, feita em pequenas propriedades, que utilizam mão-de-obra de parceiros. A produção é vendida

a intermediários locais, o que permite a retenção de um pequeno excedente, transferindo para Guaçuí ou Espera Feliz, que apresentam comércio um pouco mais diversificado.

Por isso mesmo que a situação estratifica-se quanto ao quadro de infraestrutura e equipamentos urbanos. A nível educacional apenas uma escola de 1º Grau atende as necessidades de demanda da região. Há seis anos a ESCELSA instalou rede elétrica no aglomerado. O abastecimento de água é deficiente, já que os moradores instalam cisternas para corrigir o nível de pressão da água, fazendo ainda, face ao atendimento precário, feito apenas poucas horas do dia. O posto de saúde está desativado há três anos, desde que foi construído.

Novo Mundo localiza-se a noroeste da sede municipal, distando cerca de 20km de Dorés do Rio Preto, em estrada municipal que apresenta precárias condições de conservação.

O povoado localiza-se em um vale com extensão aproximada de 300 metros, junto a uma encosta que atinge a uma altitude média de 760 metros. Sua área de influência, sobre a região rural, é pequena, pela própria conformação geográfica do entorno, principalmente ao norte, onde a Serra do Caparaó conforma uma barreira natural de expansão.

A malha urbana possui uma área loteada de 67.539km², ao longo da estrada que liga Dorés do Rio Preto a Santa Marta, no município de Alegre.

A capela situa-se no ponto mais alto do sítio urbano, quase todo ele em área plana, que se estende entre o morro, onde se situa a Capela e o Córrego Azul, situado a leste do povoado.

Mundo Novo não se insere na rede urbana do estado, apresentando tendências à manutenção do atual quadro, configurado pela existência de dependência à produção do setor primário, estando excluída dos eixos rodoviário e de consumo, além de não receber quaisquer fomento da sede municí

pal, já que nem essa apresenta potencialidades de reversão do atual quadro, pela estagnação em que se encontra.

**II - 7.****MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY**

---

**II - 7.1. SANTO EDUARDO**

Localiza-se às margens da estrada estadual ES-162, que corta o município praticamente de norte à sul, próximo à faixa litorânea deste que é o último dos municípios litorâneos do Espírito Santo.

Esta região apresenta um relevo pouco acidentado, notando-se apenas, de vez em quando pequenas elevações em que a declividade não supera a 30%.

A cerca de 15km da sede municipal, por Santo Eduardo chega-se as praias de Morobá e Praia das Neves. Quase totalmente loteadas, essas praias recebem nos meses de verão expressivo contingente populacional. São veranistas, principalmente mineiros que para lá se dirigem, movimentando uma região que nos demais períodos do ano fica vazia.

Este movimento repercute em Santo Eduardo distante aproximadamente 6km da Praia de Morobá, que, localizado no trajeto, tem seu comércio encrementado nestes meses de fluxo populacional.

Mas o que tem dado a dinâmica do povoado não são as praias, mas sim, sua função de coleta da produção rural e distribuição de bens de consumo, adquiridos tanto pela população residente em Santo Eduardo quanto das propriedades rurais próximas.

Nessa região predomina numericamente as pequenas propriedades de até 100ha, onde a lavoura da mandioca é desenvolvida utilizando junto com a mão-de-obra familiar, trabalhadores assalariados temporários. E são eles, os diaristas, que moram em Santo Eduardo, além os proprietários.

Toda a produção da região é aproveitada pela Farinheira Cláudia, situada em São Eduardo, que compra a farinha produzida em localidades próximas, realizando no povoado o reprocessamento da mesma. Esta fábrica absorve mão-de-obra local, sob regime de salário permanente.

Região de baixada, alí também desenvolve a pecuária leiteira, nas propriedades maiores. Esta, se dá de forma extensiva gerando poucos empregos diretos. No entanto, na comercialização da produção que é feita com a Cooperativa de Laticínios de Itapemirim Ltda., é ampliada a abrangência dos serviços gerados por esta atividade.

Esta Cooperativa possui um Posto de Compras na sede municipal, junto do qual uma loja vende aos associados mercadorias diversas, desde alimentos até sapatos, roupas, etc.

Em Santo Eduardo assim, o comércio é bem restrito se limitando a bens de primeira necessidade vendidos em bares e pequenas vendas.

A proximidade da sede municipal aliada a facilidade de acesso, já que pelo povoado passam diariamente várias linhas de ônibus, resulta numa pequena especialização de Santo Eduardo.

Para os serviços públicos a população de Santo Eduardo Também se dirige à Presidente Kennedy, pois o povoado não dispõe de postos de correios e de telefones, assim como de saúde.

Somente o atendimento escolar pode ser satisfeito em Santo Eduardo, onde os moradores locais e da área rural mais próxima contam com uma escola de 1ª à 4ª Série, da Rede Estadual, e uma pequena creche para seus filhos.

Aqueles que tem condições de continuar seus estudos, deverão se deslocar para Presidente Kennedy, onde existe uma escola de 1º Grau completo: Para o deslocamento dos alunos, a Prefeitura Municipal dispõe de ônibus

que diariamente percorrem toda a área rural do município recolhendo os mesmos. Ainda assim, mesmo com a carência de serviços e equipamentos públicos bem como de infra-estrutura básica observadas em Santo Eduardo, percebe-se que o povoado está crescendo. A sua não inclusão na lista de localidade do Espírito Santo da FIBGE-80, que demonstra ser recente sua formação, quando confrontada com os 73 edifícios que hoje constituem o povoado, permite avaliar uma situação de crescimento do povoado. Seu sítio urbano está se estendendo ao longo da ES-162, no sentido da sede municipal, sendo esta tendência claramente perceptível na presença de várias edificações sendo construídas.

O sítio urbano de Santo Eduardo fica assim definido pela Estrada, adquirindo um traçado marcadamente linear, do qual apenas se destaca um pequeno largo formado em frente a Farinheira Cláudia, junto à saída para Jaqueira e Morobá. Este é o único trecho pavimentado no povoado, denotando a força dos proprietários da Farinheira que inclusive conseguiram que a rua da fábrica fosse fechada, tornando um espaço público, privado aos seus familiares.

As possibilidades de Santo Eduardo manter o ritmo de crescimento observado até hoje ficam no entanto condicionadas a dinâmica local no que diz respeito aos aspectos sócios-econômicos.

Uma alteração da estrutura fundiária local, fechamento da Farinheira ou mesmo a instalação de outra indústria, pode vir a dar outra dinâmica ao aglomerado.

## 7.2. JAQUEIRA

Jaqueira localiza-se à sudeste do município de Presidente Kennedy, numa região de antiga colonização, tendo sido, nos Séculos XVII e XVIII, área de uma grande fazenda jesuítica, onde a pecuária era **tocada**, utilizando o indígena como mão-de-obra.

No entanto, o povoado tem sua origem recente, não constando, inclusive da lista de localidades do Estado do Espírito Santo da FIBGE de 1980. Sua formação data da década de setenta, quando ainda dispersos, por ali moravam trabalhadores rurais. Nesta época, apenas cerca de cinco casas acompanham o embrião do aglomerado que irá tomar forma, a partir de 1974, quando da instalação da rede de energia elétrica. Esta conquista resulta de um movimento de pressão da comunidade da Jaqueira junto à ESCELSA, através da administração municipal.

Sem este fator dispositivo para que o povoado conhecesse o período de crescimento, observando-se a partir de então, um intenso fluxo de trabalhadores assalariados, que para ali se dirigem estabelecendo-se através da posse dos terrenos.

Os antigos proprietários das áreas ocupadas, numa tentativa de reaver a propriedade entram com uma ação na justiça que no entanto, ganhou de causa a população residente de Jaqueira, concedendo-lhes o direito de posse.

A partir de então intensifica-se o crescimento do aglomerado que hoje passa por um processo no sentido de obtenção de uso capião.

Hoje são setenta e seis domicílios residenciais nos quais se acrescem seis de uso misto e dezessete onde, entre outros, estão incluídos uma peixaria, cinco bares (estando dois fechados), escolas e pré-escolas, além de duas igrejas e um armazém.

Próximo ao povoado cerca de 1km, já se forma uma expansão do sítio urbano de Jaqueiras, denominado Areinha, onde residem predominantemente diaristas da lavoura de mandioca desenvolvida nas pequenas propriedades existentes no entorno do aglomerado. Lá ainda não tem rede de energia e muitas das construções são bem precárias, em estuque. Além de domicílios residenciais, existe uma pequena igreja e um bar.

A região em que Jaqueira se localiza no município de Presidente Kennedy constitui-se de terrenos baixos, onde a declividade não chega a ultrapassar 30% de inclinação, formado por solo areno-argiloso. Estas condições propiciam o desenvolvimento da pecuária leiteira e da cultura de mandioca, que compõem a base da economia local.

Para a atividade pecuarista é utilizado basicamente o assalariado permanente, tendo em vista o reduzido número de trabalhadores necessários para esta atividade. Acontecendo vias médias e grandes propriedades, dá-se de forma extensiva, sendo seu produto, o leite, comercializado, através da Cooperativa de Laticínios de Itapemirim Ltda.

Já a mandioca predomina nas pequenas propriedades, de até 100ha, onde a mão-de-obra familiar é a base produtiva. Esta situação se altera nas propriedades acima de 100ha, onde junto com a mão-de-obra familiar, o assalariado temporário e o meeiro são utilizados nos trabalhos da lavoura.

Neste caso, a remuneração é bem baixa sendo, entretanto, a falta de renda de grande parte da população, tanto de Jaqueira quanto de Areinha.

A produção se destina ao fabrico da farinha, realizado em Jaqueira pela Farinheira Muribeca que utiliza como mão-de-obra a população residente no povoado. De Jaqueira a farinha se destina à Farinheira Cláudia, localizada no povoado de Santo Antônio, a cerca de 5km de Jaqueira, onde é realizado o reprocessamento da farinha para então colocá-lo no mercado.

Além da Farinheira Muribeca, as possibilidades de trabalho no povoado se restringem nos bares e no comércio existente. Mesmo assim, Jaqueira exerce grande atração sobre a população rural próxima, ao oferecer um comércio bom e dinâmico. Este é realizado basicamente através de bares, onde a população encontra um comércio varejista de primeira necessidade que pode ser complementado no armazém Irmãos Bernadino, cuja matriz se situa em Barra de Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro. Nele,

além de produtos de primeira necessidade, encontra-se para vender material de construção, confecções, etc.

O comércio mais especializado é feito em Presidente Kennedy e Cachoeiro de Itapemirim, em menor escala.

Na pesquisa de campo foram encontrados diversos estabelecimentos fechados que devem abrir na temporada de veraneio quando, no litoral próximo à Jaqueira, principalmente Morobá e Praia das Neves, expressivo contingente populacional para lá se dirige.

Em contrapartida, em termos de equipamentos urbanos, o povoado não é bem servido. O único atendimento de que dispõe a população é o escolar, realizado através da Escola Singular de Jaqueira e de uma Pré-escola. Não existe sequer um mini-posto de saúde em Jaqueira.

Situada na saída para Barra de Itabapoana, a escola atende da 1ª a 4ª Série, tendo no ano de 1984, registrado o expressivo número de 127 alunos matriculados. A maioria deles, filhos de diaristas, residem em Jaqueira e Areinha, tendo alguns que vêm de localidades mais afastadas do povoado, encontrando-se dois alunos, moradores de Praia das Neves que para lá se deslocam à pé cerca de 8km, diariamente. Esta distância torna-se um impecilho para que outras crianças moradoras em Praia das Neves se dirijam à Jaqueira, ficando desta forma sem acesso ao ensino já que em Praia das Neves não há escola.

Na pré-escola, que faz parte da rede escolar do MOBRAL, os trinta alunos (matrícula 84), são atendidos por uma antiga professora da escola de Santo Eduardo que hoje se dedica a pré-escola, conseguindo mantê-la em funcionamento apesar de todas as dificuldades encontradas, já que não recebe normalmente os auxílios do MOBRAL.

Tanto a escola como a pré-escola, funcionam em edificações precárias, com espaços exíguos e em péssimas condições físicas.

Esta situação se agrava com relação à infra-estrutura urbana que é resolvida de forma autônoma e improvisada pela própria população.

A energia elétrica ainda não satisfaz plenamente, na medida que não atende ao **bairro** de Areinha. Para os outros serviços urbanos, a situação se agrava. Na ausência de rede de abastecimento d'água, a solução encontrada pela população é a utilização de poços, enquanto espera atendimento da CESAN, enquanto a coleta de lixo é realizada individualmente pelos moradores, o esgoamento sanitário simplesmente não existe, o que se repete na drenagem e pavimentação das poucas vias que compõem sítio urbano de Jaqueira.

Este desenvolve-se basicamente às margens da estrada ES-162 que corta o município de Presidente Kennedy, quase de norte a sul, passando pela sede. Ao longo da estrada situam-se a maioria dos noventa e nove prédios que compõem o povoado de Jaqueira, ficando o restante no caminho para Areinha.

O traçado pode ser definido como um tê, sendo que na ligação de suas 2 **linhas**/ruas, forma-se um largo, onde localizam-se as duas pequenas igrejas do povoado, sendo que na frente de uma delas, um coreto todo em madeira é utilizado para manifestações políticas e festivas da comunidade.

A população residente em Jaqueira é muito jovem, as famílias são numerosas, encontrando-se casas de dez filhos. Este fato resulta para que se atente para a necessidade de dotar melhor o povoado de serviços como posto de saúde, correio e mesmo telefônico, mas fundamentalmente que se melhore as condições infra-estruturais, via instalação de redes de água e esgoto, que são deficiências injustificáveis em qualquer aglomerado populacional.

3. REGIÃO III - BOM JESUS DO ITABAPOANA (RJ)

---

**III - 1.****MUNICÍPIO DE APIACÁ**

---

**III - 1.1. BOM SUCESSO**

Localizado ao norte do Município, próximo à divisa com o Município de Mimoso do Sul, Bom Sucesso está ligado a sede municipal pela Rodovia ES 192, estrada não pavimentada, e com São José do Calçado, através da Serra do Batatal, onde se descortina uma paisagem muito bonita. A região de Bom Sucesso é acidentada, sendo de difícil acesso no período de chuvas. O povoado está a uma altitude de 600m, em área que forma um pequeno vale, junto ao pé da Serra do Rochedo.

Seus 200 habitantes distribuem-se pelo aglomerado em 60 domicílios, dos quais cerca de 70% estão localizados ao longo da Rua Zehy Ayub, que define o eixo urbano local. Em parte mais elevada, já situada na encostas dos morros, que flanqueiam o povoado, encontram-se a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte e a Escola Unidocente de Bom Sucesso, cuja primeira construção data de 1937, ainda quando denominava-se Escola Singular Pedro Ferreira. Esse nome original foi dado em homenagem a um fazendeiro, de grande influência no local, Pedro Ferreira, responsável até mesmo pelo surgimento daquele povoado. A partir da década de 30, Pedro se encarregou de estimular agricultores a estabelecerem-se naquela localidade, doando-lhes terrenos. Dentre esses, encontrava-se Dona Clarinda, que chegou a Bom Sucesso procedente de Portugal, em 1927, para se casar. Naquele tempo, o povoado tinha uma igreja, um armazém, duas casas e, pouco mais tarde, o Grupo Escolar que Pedro Ferreira mandou construir.

O local servia de passagem para muitos viajantes, o que levou D. Clarinda e seu marido a construir uma casa de muitos cômodos, para acolher esses itinerantes. A pensão consolidou-se e somente veio a extinguir-se há pouco tempo, com a morte do marido de D. Clarinda.

A maioria dos habitantes descendente de migrantes italianos, que, movi

dos pelo sonho da fartura e de terra fértil, se estabeleceram naquela região. O povoado foi crescendo aos poucos, com a transferência desses colonos para o aglomerado urbano de Bom Sucesso. A população local mantém estreita ligação com o vizinho município de Mimoso do Sul, sendo considerada região contestada.

Classificada pela lei de divisão municipal como pertencente a Apicá, constitui esse um dos poucos vínculos que mantém com aquela sede. Todos os serviços de água, luz, esgotos, assim como o atendimento médico e a própria escola são mantidos pela Prefeitura de Mimoso do Sul. E até mesmo em questões eleitorais Mimoso se diz presente, uma vez que a própria urna eleitoral que é instalada em Bom Sucesso é proveniente da Comarca de Mimoso do Sul.

Uma linha de ônibus de Bom Jesus de Itabapoana, que se destina a Conceição do Muqui, faz a ligação diária dos moradores com áreas adjacentes. Em relação à comunicação com a grande massa de população brasileira, os moradores de Bom Sucesso recebem informações através da televisão fluminense, não captando os sinais da televisão Gazeta, nem mesmo recebem jornais da capital capixaba. Não contam com posto telefônico, nem são atendidos pela rede bancária.

O atendimento médico é feito uma vez por semana, mantido pela Prefeitura de Mimoso do Sul, estendendo esse atendimento não só à população local, mas, também à população da zona rural. A educação escolar é feita pela Escola Unidocente, que mantém os níveis pré e 1ª a 4ª série do 1º grau. A inexistência de escolas em áreas rurais faz com que uma parte da demanda escolar seja formada por filhos de colonos, o que ocasiona grande flutuação de matriculados. À noite, a Escola mantém um curso supletivo e, talvez por isso, constata-se que a população não saia do povoado para continuar seus estudos. Em Bom Sucesso a Secretaria de Educação mantém uma Subdelegacia de Ensino.

Para o lazer cotidiano, a população local conta com um campo de futebol onde se organizam campeonatos com times de localidades próximas.

A lavoura é a única fonte de subsistência para a maioria da população residente, composta por diaristas e meeiros. A rotatividade de mão-de-obra é intensa, devido ao período de entre-safras. Afora a colheita, quando o nível de emprego sobe, há uma grande carência de emprego na região.

O comércio local, reflexo do modo de produção, é inexpressivo, todo ele abastecível em Muqui e Cachoeiro de Itapemirim. Desse, destaca-se um armazém, onde são comercializados alguns gêneros de primeira necessidade e a presença de uma farmácia. Para completar a satisfação de suas necessidades, Bom Sucesso conta com o comércio de São José do Calçado, Bom Jesus do Itabapoana e Muqui.

Nota-se, no entanto, através de construções recentes, dentro do sítio urbano e de outras construções, localizadas em área de possível expansão, um crescimento do povoado, sendo este na direção de Conceição do Muqui.

4.

REGIÃO IV - MANHUAÇU (MG)

---

5.

REGIÃO V - COLATINA

---

## 1.

MUNICÍPIO DE COLATINA

---

## 1.1. SÃO JOÃO GRANDE

CARACTERÍSTICAS DO POVOADO DE SÃO JOÃO GRANDE  
DISTRITO DE ITAPINA

Para se chegar a São João, partindo de Colatina, toma-se a rodovia BR-259, que liga Colatina à Baixo Guandu. Essa estrada acompanha o curso do Rio Doce, em sentido contrário, pela margem direita. É interessante notar que ao chegar a Itapina, a rodovia, continua ao lado oposto da margem, sendo preciso atravessar o rio, através de balsa, pois a ponte está com sua construção interrompida. Mas o acesso para São João, é feito antes de Itapina, na altura do Rio São João Grande, que deságua no Rio Doce. Daí até o povoado, são pouco mais de 2km. Todo esse trecho de Colatina ao patrimônio, 22km, a estrada é sem pavimentação, mas já está em andamento o asfaltamento da mesma. Ao se chegar à área onde se situa o sítio urbano, tem-se uma visão belíssima do povoado. Seu traçado é todo irregular, com dois núcleos distintos de casarios. Isso se deve ao fato do Rio São João, separar o povoado em dois aglomerados. No entorno encontra-se colinas de meia altura, limitando a expansão urbana.

Seu Guido, um velhinho que todas as tardes se posiciona em frente de uma das vendas do povoado, a contemplar o finalizar do dia, pensando talvez, nas épocas mais prósperas, em que viveu o patrimônio. E é assim falando baixinho, que seu Guido vai descrevendo a história e a realidade local. Ele chegou no patrimônio por volta de 1947, quando as terras pertenciam a Ernesto Totula, que ao vender parte da propriedade à Alberto, comerciante, possibilitou o loteamento e venda de lotes aos que chegavam para se fixarem. Isso aconteceu já por volta de 1951, quando tudo era mata.

Por causa da sua topografia acidentada, já se plantava arroz e café nas baixadas e a retirada da madeira era feita nos morros. Aí o café foi ex pandindo, mas sem dar chance aos pequenos de se estabelecerem, por moti vos óbvios. Os que chegavam então, foram trabalhando como colonos, divi dindo à meia ou à terça a lavoura produzida. Hoje esta população se rela ciona nas fazendas como diaristas, nas plantações de café. O povoado pro grediu tanto que chegou a ter farmácia e padaria, como diz Seu Guido. Mais tarde, um novo produto natural foi descoberto na região, o que moti vou à população. Nos morros que circundam o povoado, foi encontrado uma rica jazida de Berilo, que no primeiro instante, espalhou uma onda de oti mismo no patrimônio. Isso porque todo pensava que iria ganhar dinhei ro com o achado. Foi engano, o que se viu foi a reação dos proprietários, que até impediam as pessoas de utilizarem as estradas que passavam perto das minas; e posteriormente, a contratação de empresas de Minas e São Pau lo para a exploração do mineral. Contam que aumentou muito o movi mento no povoado com a chegada dos técnicos, que alugavam casas ou ficavam abar racados, para curiosidade dos habitantes. Mas, pouco mudou na ordem eco nômica local, se tratando da população que realmente vive lá. Por essa época até médico do FUNRURAL, aparecia em São João Grande, mas já faz uns 5 anos que não aparece mais. Depois, com a erradicação do café, começou a chegar o gado. Não se tem notícias de emigrações, mas deve ter aconte cido o fenômeno. Com a retomada do café, se vê muita cultura do mesmo, e a relação de trabalho, continua a mesma: diarista. Hoje, é encontrado na região do povoado, 02 máquinas de beneficiamento de café, que não em prega ninguém do patrimônio. Contam também com 01 pila de arroz, que pro cessa de 2 a 3 sacos por semana. O comércio local é formado por apenas duas vendas, sendo uma delas inexpressiva. A outra, além de abaste cer a comunidade de gêneros de primeira necessidade, faz o papel de comprador de arroz, em casca, dos agricultores, geralmente, meio saco, de cada co lono. O comerciante então vai ajuntando o produto, até ter uma quantida de satisfatória para poder beneficiá-lo na máquina de pilar. E depois ven dê-lo em Colatina ou no próprio povoado. Um detalhe curioso; numa venda existe uma geladeira, antiguíssima, marca Crosley, que é uma autêntica raridade, movida a gás.

São João Grande sempre teve uma dimensão, tanto física como populacional, bem reduzida. Seu casario nunca passou dos 53 existentes hoje, como também o número de habitantes, em torno de 140 e, para o futuro, tudo indica que o quadro não mudará.

Na parte de equipamentos e serviços de infra-estrutura, o povoado apresenta os seguintes dados: no setor de educação, conta com um estabelecimento de ensino, a **Escola de 1º Grau Patrimônio de São João Grande**, que atende da 1ª à 8ª série, e apresentou em 1984, 99 matrículas. O restante da educação é feita em Colatina, para quem tem condições, a minoria, pois a maioria acaba indo trabalhar na lavoura interrompendo os estudos. É tão difícil o ensino nestas bandas, que foi presenciado pela equipe do projeto, o problema de uma professora, grávida de 6 meses, que é obrigada a se deslocar de sua casa, que fica afastada do povoado, no lombo de cavalo, para poder lecionar e ganhar uma micharia de dinheiro, que mal dá para viver, mas que faz isso com todo amor do mundo. Em se tratando de saúde, o único recurso da comunidade é o Sr. José Monteiro dos Santos, benzedor e erveiro, que auxilia as pessoas em casos de doenças. Isso acontece, por que não existe Posto Médico no local. Está previsto a instalação de um mini-posto, já em construção. As urgências, são realizadas em Colatina. Não há sistema de comunicação tipo telefone ou correios, só chega rádio e televisão, que só levam informações ao povoado. Apesar de ser banhado por um rio e estar próximo do Rio Doce, a água é um grande problema para a comunidade, já que todo o esgoto é jogado no leito do rio, fazendo com que, a água não sirva para ser consumida, precisando ser tratada. Muita gente sem informação acaba utilizando dela, causando, sem dúvidas, sérios problemas de saúde, principalmente para as crianças. O outro recurso é o poço artesiano, utilizado por alguns moradores mais remediados. Não contam com coleta de lixo, o mesmo é jogado no rio e suas ruas não são pavimentadas nem drenadas. Somente a energia elétrica atende satisfatoriamente a população.

Na parte de transportes coletivos, o povoado é atendido por dois horários diários de ônibus para Colatina.

## 1.2. DIVISA

### CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DE CÓRREGO DA DIVISA MUNICÍPIO DE COLATINA

Localizado a noroeste do município de Colatina, em região acidentada marcada por pequenas colinas, onde se vê em abundância o plantio de café, o aglomerado se situa a 4 quilômetros do asfalto da ES-137, que liga o povoado à São Domingos e Colatina, no sentido sul e à São Gabriel da Palha no sentido norte. Outro acesso para se chegar ao povoado, se faz por estrada de terra, via Novo Brasil.

O sítio urbano, se estende ao longo da estrada, próximo ao Córrego Divisa, que abastece a comunidade e é responsável pela fertilidade do solo. No entorno, ainda pode ser encontrado muitas matas remanescentes da cobertura natural, que sobreviveram ao desmatamento realizado na época da extração madeireira. O traçado urbano é linear e o casario é disperso, em núcleos ao longo da estrada. Na saída para São Gabriel aparece uma de suas duas Igrejas, que pela sua grande dimensão, estabelece um marco visual no sítio urbano. Junto a ela encontra-se o cemitério e o campo de futebol.

A história do povoado, começa na década de 50, quando chegaram ao local 3 famílias, que foram as pioneiras nesse processo. Sthorsch, De Prá e Scaramussa, sendo a última, proveniente do sul do estado, num segundo momento da colonização e migração em terras apixabas. O povoamento teve início, quando cada família proprietária, lotea o patrimônio e doa terrenos para a construção dos equipamentos urbanos. O depoimento de D. Joventina Pancini Scaramussa mostra como foi o processo, que se iniciou com a retirada da madeira e em seguida o plantio de café. Data dessa época a Serraria Pagani, que elaborava uma parte do recurso madeireiro e funciona até hoje, com 12 empregados, exportando para Colatina, Vitória, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O cultivo do café então se desenvolveu, como em todo município de Colatina, até a erradicação, quando mudou todo o aspecto econômico e social da região. Dizem no povoado que pouca gente foi embora, permanecendo as famílias na localidade, principalmente a Scaramussa, hoje a mais influente em Divisa. Com a retomada do café, nas propriedades menores, predomina o sistema empregado de parceria, a meia. Na época de colheita, a mão-de-obra é complementada por trabalhadores assalariados (bóias-frias), vindos principalmente de Minas Gerais. Compondo a população ativa economicamente, tem-se os proprietários dos estabelecimentos e o reduzido número de trabalhadores do comércio local e das serrarias.

Não tendo sido observado qualquer aumento no número de domicílios a partir de 1980, permanece o número de 60, para uma população em torno de 208 habitantes, que indica nítido processo de estagnação. Acontece que os filhos dos habitantes, pelas poucas opções encontradas em Divisa, principalmente no setor educacional, acabam por emigrarem para centros maiores, a fim de completarem seus estudos e, na sua maioria, nunca mais retornam ao patrimônio. Isso porque a rede escolar local não atende as necessidades, pois conta com apenas um estabelecimento, a **Escola de 1º grau Corrêgo da Divisa**, atendendo da 1ª à 6ª série, com 110 alunos matriculados em 1984.

Reflexo dessa situação, o comércio local encontra-se representado por apenas um estabelecimento de secos e molhados, pertencente à D. Joventina Scaramussa, onde são encontrados gêneros alimentícios e utensílios diversos. O consumo superior é realizado em Colatina.

Para o beneficiamento de café, o povoado conta com duas máquinas, sendo uma delas de propriedade da família Scaramussa.

Com relação aos equipamentos de serviços, o povoado não dispõe de agência de bancos, também não conta com equipamentos no setor de comunicação, posto telefônico ou correios, somente a recepção de rádio e televisão, para se ligarem com o mundo.

Na parte de saúde, o quadro não muda, há muito tempo, o povoado conta com uma casa para ser aproveitada para a construção de um Posto Médico, mas até agora nada foi realizado. As emergências hospitalares, são feitas em Colatina ou São Gabriel da Palha.

Os serviços de infra-estrutura urbana, atendem precariamente, somente a energia elétrica, conta com um serviço satisfatório na comunidade. A água que abastece Divisa, é captada diretamente de nascente ou poço artesiano, uma solução particular. O mesmo acontece com o esgoto, sendo utilizado a fossa negra.

Não existe coleta de lixo, bem como suas ruas não são pavimentadas nem há drenagem pluvial.

Pior situação, se refere ao transporte coletivo. A única linha de ônibus que atendia ao povoado acabou, agora a população tem que andar a pé, 4 quilômetros até o asfalto da rodovia ES-137, para se chegar à Colatina ou São Gabriel da Palha.

### 1.3. MORELLO

#### CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DE MORELLO MUNICÍPIO DE COLATINA

O povoado de Morello localiza-se na região nordeste do município de Colatina, aproximadamente 15km da divisa com o município de Rio Bananal. Para se chegar ao patrimônio, toma-se a ES-137 e depois, por uma vicinal chega-se a Morello. Caracterizado por uma topografia pouco acidentada, seu entorno é marcado por cafezais, que chegam até dentro da área urbana. Completando a paisagem, aparece o Córrego Moacir Avidos, que passa perto do aglomerado. Já o sítio urbano é definido por um traçado linear, ao longo do qual se assentam os 56 domicílios que abrigam a população local. Essa mesma população, hoje gira em torno de 275 pessoas; dentro do Proje

to de Projeções de Populações, aparece um índice de 547 habitantes para o ano 2010.

A formação do povoado teve seu início por volta de 1938, quando para lá foram algumas famílias de italianos, procedentes da região sul do estado, principalmente do município de Cachoeiro. Por essa época era abundante o recurso madeireiro, com grandes reservas de florestas. A família Morello, do qual os originou o nome do povoado, logo monta uma serraria, hoje a maior do local. Mas, após o esgotamento das reservas, tornou-se necessário a importância da matéria prima do norte do estado e sul da Bahia, para que as serrarias continuassem funcionando. Com a retirada da cobertura natural, iniciou-se o plantio do café, que passou a ser o principal produto explorado pelas propriedades, sendo ainda hoje o mais importante vetor da economia local.

Mas, foi por volta de 1950, que o povoamento teve seu incremento, com a chegada de várias famílias, atraídas pela riqueza natural do lugar e, pela promessa de trabalho no plantio de café, já em fase mais adiantada. Daí para frente, o povoado passou por uma fase desenvolvimentista até a erradicação do café nos anos 60.

Desenvolvido em pequenas propriedades, o cultivo de café é feito juntamente com o milho, arroz e feijão, utilizando o meeiro como força de trabalho. Não há diarista no povoado, o que ocasiona a vinda de trabalhadores de regiões próximas para trabalharem no plantio e colheita, quando se faz necessário o acréscimo de mão-de-obra. Apresenta ainda o cultivo de cana-de-açúcar, que abastece um alambique, produzindo a cachaça Roda D'Água, de propriedade da família Morello, que absolve mão-de-obra local. Aparece ainda 03 serrarias, sendo uma delas com produção de esquadrias e lambris, emprega de 30 a 40 pessoas, quase todas do patrimônio. Para a produção de café, o local conta com uma máquina de beneficiamento de café, o escoamento de produção é para Colatina.

O comércio local é constituído por 2 vendas, que comercializam gêneros de primeira necessidade, já que o consumo mais sofisticado é praticado, de onde é totalmente polarizado, em Colatina.

Os serviços escolares é constituído apenas por um estabelecimento do ensino, a **Escola de 1º grau Irineu Morello**, que atende da 1ª à 8ª série. No ano de 1984, esta escola apresentou 115 matrículas, basicamente composta de alunos filhos de meeiros e de pequenos proprietários da região.

Já a assistência médica e dentária, é realizada por um médico que visita o povoado 2 vezes por semana, enquanto espera a construção de um posto de saúde maior e mais equipado. Os casos mais urgentes são atendidos em Novo Brasil, distante mais ou menos 30 quilômetros de Morello.

Recentemente foi construída pela Prefeitura de Colatina, uma quadra de esportes destinada a jogos de lazer, como vôlei, basquete e futebol de salão, o que é uma coisa rara, tratando de povoado. Não dispondo de meios de comunicação como telefone, correios, etc; a comunidade conta apenas a linha diária de ônibus que faz o trajeto entre Valério e São Gabriel da Palha e passa pelo povoado.

Com relação aos serviços de infra-estrutura urbana, Morello não conta com nenhum, sendo eles resolvidos individualmente pela comunidade. O abastecimento de água é feito por poço artesiano ou nascente. O esgoto é despachado em fossa negra, nos fundos das residências. O lixo é queimado ou jogado às margens dos córregos e o patrimônio não conta com drenagens pluviais das ruas e nem calçamento.

## 2.

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

---

## 2.1. CRISTALINO

CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DE CRISTALINO  
MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

Cristalino localiza-se no centro-sul do município. Para se chegar a ele, partindo de Nova Venécia, toma-se a rodovia estadual 137 em direção ao sul, até a formação rochosa da Pedra do Elefante, imenso patrimônio natural, com 616 metros de altura. Nesse ponto da estrada, toma-se a direita por via de terra. Esse trecho compreende pouco mais de 10km de extensão, onde já se começa a ter uma idéia da situação geográfica e econômica da região de Cristalino. Ao chegar ao sítio, surpresa maior ao constatar que o povoado se ergue no sopé de uma pedra ainda maior que a do Elefante, formando uma paisagem belíssima e rara no estado. Geralmente os aglomerados mais antigos apresentam um traço irregular, com ruas tortuosas obedecendo os limites das propriedades. É assim Cristalino, apenas quatro ruas, a principal onde se encontra o comércio, as melhores residências, a igreja, a escola, etc. E os outros pequenos logradouros, com belos quintais cheios de árvores, onde se escondem as casas mais humildes. Para se conhecer a história, sua gente, sua situação hoje, encontramos o Sr. João Neves, que detém o conhecimento atual e a memória de Cristalino. **Seu** João chegou no local por volta de 1934, vindo de Alegre, acompanhado de Antonio Domingos e Lucas Matos, já falecidos. Nesse tempo, podemos imaginar, a região era toda coberta da mais pura mata, recheadas de vários tipos de madeiras nobres, como Jacarandá, Cedro, Jequitibá, etc. Diz ele que, no começo ficou 40 dias embrenhado na floresta, até abrir uma clareira, onde hoje se ergue o patrimônio. Demorava-se um dia inteiro para ir e outro para voltar a Nova Venécia, e estavam de volta, acontecia que encontravam pegadas de onças no acampamento. Abatia-se árvores gigantescas,

conta que tinha Jequitibá de 11 metros de rodo. No lugar delas começaram a plantar milho, arroz e feijão. Aos poucos iam chegando gente para tirar madeira e o povoamento começou. Em 1940, foi erguida a primeira capela, onde hoje encontra a Igreja. Era toda de madeira com peças de 35cm de lavra, muito bonita, pena que não se tem nem uma fotografia para ver, como diz **seu** João. No meio da mata corria um ribeirão com águas tão claras, cristalinas, que inspirou o povo a dar esse topônimo ao povoado. Nestes seus quase 50 anos de existência o povoado acumulou uma população urbana em torno de 220 habitantes. Convém notar que essas cifras sofreram variáveis através dos tempos, influenciada pelos vários movimentos migratórios, que implicam, numa projeção de população para o futuro, uma estagnação dos números.

Sua conformação econômica está centrada na produção agropecuária, onde predomina o pequeno estabelecimento. A relação de produção na força de trabalho, predomina os meeiros, conjuntamente com uma minoria de mão-de-obra diarista, que residem no povoado. As maiores produções são café e gado, aparecendo em segundo plano culturas de milho, arroz, feijão. Muitos pequenos proprietários estão vendendo suas terras e indo embora, principalmente para Rondônia. É muito forte a influência de Rondônia no povoado, existe um facínio muito grande pela mata, pela derrubada de árvores. Um exemplo interessante, o nosso informante, **Seu** João, 72 anos, sempre que pode, vai passar algumas semanas em Rondônia, onde tem um filho morando. Diz ele que sente saudades da mata, e apesar de não trabalhar mais como madeireiro, aprecia a convivência com a floresta. O comércio local apresenta 7 estabelecimentos pequenos, basicamente de gêneros de primeira necessidade, já teve farmácia e loja de tecidos, hoje o consumo superior é realizado em Nova venécia.

O abastecimento de água, administrada pela prefeitura, atende apenas a parte central do povoado, tratada e distribuída por encanamento, é de excelente qualidade, sendo que alguns moradores, desprezam esse serviço municipal, e adquirem o líquido através de poços e nascentes. Rede de

esgoto, também só tem na zona central canalizado até o córrego. O restante, utiliza fossa ou sumidouro. A coleta de lixo é realizada 2 vezes por semana, por um funcionário da prefeitura, e levado para fora do patrimônio, onde é acondicionado a céu aberto. Não há pavimentação nem drenagem pluvial das vias do povoado, ocasionando muita lama nas ruas nas épocas de chuva. A energia elétrica atende a maioria dos moradores, sendo raro a residência que não conta com esse serviço.

O transporte coletivo é serviço à comunidade por uma linha diária, de Nova Venécia para Guararema e vice-versa.

No setor de educação, o povoado conta com um estabelecimento de ensino, a **Escola de 1º grau de Cristalino**, que atende da 1ª à 8ª série. O segundo grau é realizado, por quem tem condições, em Nova Venécia. A metade dos estudantes são oriundos do meio rural, o que dificulta a continuação dos estudos na sede do município. Em 1984, foram registradas 126 matrículas. Anexo a escola, existe uma creche, porém, ela está fechada por falta de professores. Está em construção um mini-posto de saúde, pois qualquer necessidade no setor, o lugar mais próximo é a cidade de Nova Venécia.

## 2.2. SÃO JOÃO DA CACHOEIRA GRANDE

CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DE SÃO JOÃO DA CACHOEIRA GRANDE (PATRIMONIO DO BIS)

MUNICÍPIO DE NOVA VENÉCIA

O povoado de São João da Cachoeira Grande, está localizado à NE do município de Nova Venécia. Dista mais ou menos 20km da sede e apenas a 3km de Boa Esperança, pois está bem na divisa dos dois municípios. O sítio se ergue as margens do Rio Cotaxé (ou Braço Norte do Rio São Mateus), cercado por colinas, onde se estendem grandes plantações de café. Seu traçado é todo irregular, características dos aglomerados mais antigos, quando as

construções das casas não seguiam planejamentos. É formado por 10 vias, que correm o povoado em curvas, contornando as propriedades maiores, i.e., as residências que apresentam quintais grandes, onde ainda se criam porcos, galinhas e até vacas.

Não foi possível identificar a data de fundação, segundo os moradores o povoamento começou há muito tempo, quando a estrada que ligava o sul do estado ao norte, passava pelo povoado, para utilização da ponte sobre o rio Cotaxé, a única da região. Por essa época, como agora, o povoado já era conhecido como Patrimônio do Bis; inclusive, ao se indagar na prefeitura sobre o povoado de São João da Cachoeira Grande, foi surpresa pelo desconhecimento da existência do mesmo, justamente porque todo mundo conhece como Patrimônio do Bis. Essas duas denominações tem histórias interessantes. O título de Patrimônio do Bis se deve pela origem do povoamento, já que foi a família Bis, quem loteou e doou, para a comunidade, os terrenos para Igreja e Escola; daí o agradecimento da população, em homenagear a família, que até hoje têm descendentes na região. O outro nome, oficial, muito bonito por sinal, representa uma fase, em que no Brasil o nome dos patrimônios eram a união do nome do padroeiro da cidade e do rio que banha, no caso São João com cachoeira, já que existe no povoado uma cachoeira no Rio Cotaxé.

Nesse período o povoado muito progrediu, pois com o trânsito da estrada passando pelo aglomerado, certamente tornou-se paraca para café, com a proliferação de bares e restaurantes. O comércio desenvolveu, chegando a ter uma loja de venda de tecidos e farmácia. Depois com a mudança da estrada para a ES-130 e a erradicação do café, o patrimônio entrou em decadência, com a população deixando o local em busca de outras regiões. É nesse quadro em que se encontra hoje o povoado, decadente, mesmo com a retomada do café. Sua população está estabilizada em torno de 330 habitantes, o que significa, realmente, perda populacional.

Sua conformação econômica é basicamente agrícola, em função do café. A maioria dos trabalhadores são meeiros, mas já não encontram trabalho

com facilidade, como atestam os moradores. Outros trabalham na pesca para sobrevivência, no rio Cotaxé. Esse pescado é vendido em Pinheiro, Boa Esperança e Nova Venécia. Esta atividade é muito importante para as famílias mais carentes, já que se não fosse o rio e seus recursos gratuitos, fatalmente teriam que ir embora a procura de alimento. Completando informação, no tempo áureo, existia no povoado 07 serrarias, 1 farinheira, 1 loja de tecidos e uma farmácia. A população foi embora, se fixou em Boa Esperança, quando da formação do novo município. Existem 83 domicílios e mais 10 outros prédios, dos quais muitos estão fechados, inclusive, moravam, ali, alfaiate, dentista, etc. Nos fins de semana, o quadro é outro, centenas de pessoas vindas de Boa Esperança, vão desfrutar das delícias do rio Cotaxé e suas cachoeiras, mas nada consomem no povoado, somente compram peixes, principalmente o cascudo, o mais saboroso da região. Só existem dois comércios de vendas de 1ª necessidade, abastecidos por vendedores que veem de Minas. O Sr. José Milagres, um desses comerciantes, já teve uma farmácia porém, fechou, devido a falta de vendas e abriu o botequim. Prático farmacêutico, o nosso informante vive constantemente ameaçando deixar o lugar, a procura de melhores condições para ganhar o seu sustento e da família.

Na parte de infra-estrutura urbana, o quadro é muito carente e deixa muito a desejar. O povoado não conta com serviço de tratamento e abastecimento de água. Os moradores tem que se virar com cisternas nos fundos das residências ou a coleta diretamente no rio, o que compromete muito a higiene e a saúde da população. O mesmo acontece com o esgoto, que é ainda pior. Por estar bem próximo do leito do rio, não é possível a utilização de fossas, pois o terreno não absorve os dejetos. O mesmo é despejado diretamente no rio. A coleta de lixo é feita ocasionalmente por um gari da prefeitura, que o deposita bem próximo do rio, contribuindo ainda mais para a poluição das águas. Não há drenagem pluvial ou pavimentação das ruas. Somente a luz elétrica chega ao povoado, e segundo os moradores é satisfatório o fornecimento, atingindo a maioria da população. Transporte coletivo também é um grave problema, somente uma linha de ônibus passa pelo local, Boa Esperança x Nova Venécia, e quando chove

e a estrada fica intransitável, o recurso é ir a pé até Boa Esperança, distante 3km.

Patrimônio do Bis conta com um estabelecimento de ensino, a **Escola Unidocente de Cachoeira Grande**, atende da 1ª à 4ª série do 1º grau. Os alunos, em sua maioria, são filhos dos meeiros e pescadores, e segundo a professora muitos não acabem o ano, devido a mudança de seus pais que vão trabalhar em outro local. Em 1984 foram matriculados apenas 22 alunos, contra 68 em 83, o que demonstra a instabilidade dos mesmos. Os que têm condições de continuarem os estudos vão fazê-lo em Boa Esperança, onde existe uma escola agrícola, eles vão a pé à escola. Não existe posto médico, sendo as necessidades realizadas em Boa Esperança. O mesmo acontece no setor de comunicação, i. é., telefone, correios, etc.

### 2.3. SANTO ANTONIO DO XV

Se você quiser encontrar o povoado de Santo Antonio do Quinze, pergunte pelo Patrimônio do Quinze e com certeza você chega lá, pois é assim que ele é conhecido no município de Nova Venécia.

As margens do Rio Quinze de Novembro - não se sabe quem deu nome a quem... o pequeno Patrimônio do Quinze aparece numa curva da estrada, a ES-137, que liga o povoado à sede municipal. Esta estrada praticamente atravessa o município, permitindo-nos conhecer uma paisagem muito bela, que surge do movimento da topografia, marcada por elevações que atingem, em média 200m de altitude.

Marcando também a paisagem local, inúmeros córregos vão se juntar ao Quinze de Novembro, que bem próximo ao Patrimônio encontra o Rio Cotaxé.

É neste quadro que Patrimônio do Quinze se desenvolve. Seu sítio urbano desce as encostas, num arruamento espontâneo, indo terminar junto ao Quinze de Novembro.

Para quem quiser seguir na direção norte que leva a São João do Sobrado, Mucirici e outras localidades, ao norte do Estado do Espírito Santo, uma ponte toda em madeira leva à margem oposta do rio. Sobre ela pode-se admirar o rio e o patrimônio, de onde semostra inteiramente.

Mas para quem fica, não é difícil conhecer Patrimônio do Quinze. Logo à esquerda avista-se a igreja, que mais ao alto domina a paisagem. Seguindo chega-se a um pequeno largo onde no meio, a administração municipal constrói um posto telefônico junto ao posto de correios já existente.

Virando à esquerda, na Rua Carlos Krauser, encontra-se a Escola de 1º Grau José Zamprogno, cuja construção recente, que veio substituir a anterior que nas épocas de chuva tinha seu acesso impedido, mais parece um quartel. A maioria dos estudantes, filhos de proprietários e meeiros, não moram no patrimônio, para lá se deslocando diariamente.

Logo na esquina fica o comércio do Sr. Antônio Zanotti, que juntamente com outros poucos abastece a população local e rural de gêneros de 1ª necessidade. Tem de tudo, desde cachaça, orelha de porco, arroz, papel higiênico, enlatados, etc. Parece ser o ponto de encontro dos homens, onde vão para um joguinho de baralho, com muita cachaça e cigarro de palha.

Descendentes de italianos lá chegaram a cerca de 30 anos. Luiz Cruz loteou um pedaço de terra, que deu início ao povoamento. Os Zanotti vieram a seguir, comprando grande parte das terras que formam hoje a maior propriedade da região. Aos proprietários juntam os diaristas que são utilizados em suas propriedades no trabalho da lavoura. O café, após a erradicação da década de 60, volta a ocupar as terras, sendo o produto básico da economia local. Tem também arroz, milho e feijão, que nos pequenos estabelecimentos, entre 15 e 50ha, são cultivados.

No entanto, alguns pequenos proprietários e meeiros estão indo para Rondônia e Mato Grosso, em busca de melhores condições de sobrevivência. Este processo migratório, embora pequeno, tem resultado numa crescente concentração de terras na região do patrimônio, tendo à frente o Sr. Antônio Zanotti que compra a grande maioria destas propriedades.

Detendo hoje cerca de 500 alqueires, ao norte do patrimônio, o Sr. Zanotti compra a grande parte da produção de café da região, estoca, após secagem em sua máquina de café - a única da região -, realizando a 1ª intermediação do café. Depois, o mesmo é vendido em Colatina, ao Sr. Dionísio Gobbi. Em sua propriedade, utiliza grande número de diaristas que mesmo no período da estresafra ali encontram trabalho, limpando e capinando o terreno.

Mesmo assim, na época da colheita, a mão-de-obra local é suplementada por bóias-frias que vem de Ponto Belo e Itabaiana, povoados de Mucurici e de Minas Gerais. No final da safra estes trabalhadores voltam para seus locais de origem, pois segundo o Seu Oscar, só os homens da família se deslocam para este trabalho.

Desenvolvidas nas grandes propriedades, a pecuária não é uma atividade expressiva na região.

Ainda no patrimônio encontra-se, para o atendimento médico da população local e da área rural próxima, um posto de saúde que funciona diariamente com um atendente que, uma vez por semana, é substituído por um médico. Desta forma, em casos graves e de urgência, faz-se necessário o deslocamento até Nova Venécia, onde este serviço encontra-se bem desenvolvido.

Mas, para andar pelo patrimônio, só mesmo se não estiver chovendo, pois aí as ruas, que não são pavimentadas, ficam em péssimas condições. Este fato se agrava na parte mais alta, junto ao cemitério, onde já se forma uma área em que trabalhadores de baixíssima renda, residem em construções precárias e só tem energia elétrica.

Enquanto isso, no resto do patrimônio os serviços públicos de infra-estrutura satisfazem parcialmente, à população. Entre estes, a água que é tratada e distribuída pela CESAN. O mesmo não se dá com a rede de esgotos, que é lançado diretamente no rio Quinze de Novembro. O lixo, após a coleta feita diariamente por um gari da prefeitura, é simplesmente **colocado** na mata, a céu aberto.

Já em relação ao transporte coletivo, satisfaz na medida que, passam diariamente vários ônibus, ligando Nova Venécia ao norte do Estado. Só mesmo a chuva prejudica o deslocamento da população em direção à Nova Venécia, quando vão obter maioria dos serviços e que não tem um Patrimônio do Quinze, como bancos, para obtenção de créditos agrícolas.

Lá também se dirige em busca do diversificado e especializado comércio que a sede oferece.

#### 2.4. PRAÇA RICA

Localizado a noroeste do município de Nova Venécia, numa região de relevo levemente ondulado, Patrimônio de Praça Rica desenvolve-se no longo de um pequeno vale, às margens do córrego que leva seu nome.

Este, juntamente com as encostas que a topografia local apresenta, define os limites do sítio urbano de Praça Rica, assim como seu traçado linear. Com a rua principal, apenas mais duas ruas dividem os 93 domicílios de Praça Rica, sendo 84 deles, residenciais. Formando a expansão do sítio, segue o Córrego Terra Roxa, pequeno afluente do Córrego Praça Rica.

Os dois córregos funcionam assim, quase que como eixos de indução do crescimento da malha urbana. Provavelmente tem muito a ver também, por serem estas, áreas baixas, mais fáceis de serem ocupadas.



Além do café, a região é produtora de milho, feijão, mandioca e arroz, que começa a ser produzida em força com o plantio se desenvolvendo nas várzeas dos Córregos e , estas culturas são basicamente por subsistência das famílias, notando-se entretanto um pequeno excedente de mandioca que é comercializado em Boa Esperança. Também a pecuária leiteira gera excedente, que vai para Nova Venécia, para a SPAM.

A importância e o volume da produção da lavoura cafeeira pode ser percebida com presença nos limites dos povoados, de uma máquina de café.

No patrimônio, as residências e estabelecimentos comerciais se somam duas igrejas e a escola local. Situada próximo à entrada do patrimônio, vindo de Vila , numa pequena elevação, a Escola Unidocente de Praça Rica tem como maioria de seus alunos, filhos de meeiros, sendo alguns de pomeranos. Quase a metade reside fora do patrimônio, nas propriedades ou mesmo, em outras localidades. Tem meeiros que vem de Conceição do Rio 15 de Novembro a pé.

A escola recebe mantimentos da prefeitura de Nova Venécia para a merenda escolar, encontrando-se entre eles, macarrão, biscoito, arroz, e carne seca. Mesmo assim, repete-se como na maioria das escolas em que a demanda mais significativa é de pequenos trabalhadores rurais, frequentes ausências à escola, principalmente na 3ª e 4ª séries. Este fato se agrava após o término da 4ª série, quando a maioria dos alunos não continuam os estudos.

O reduzido número de transferências de alunos para outras escolas, somado a quase inexistência de evasão, pode ser encarado como indicadores de estabilidade no movimento populacional de Praça Rica.

Por outro lado, observa-se o retorno de algumas famílias que estão voltando de Rondônia para Praça Rica.

Estas, no entanto, trazem a malária, que encontra-se difundida entre os moradores de Praça Rica.

Não contando com posto de saúde, a população tem que se deslocar até Vila ou Nova Venécia para receber atendimento médico. Por outro lado, existe um dentista no patrimônio para os medicamentos de urgência.

Para a comunicação, o povoado conta com um pequeno posto de correio. É a Viação Pagung, que liga o patrimônio à Vila , utiliza o transporte das correspondências. Também a linha Nova Venécia x Ecoporanga, passa em Praça Rica, realizando o deslocamento diário da população.

A situação do povoado de Praça Rica, no que diz respeito à infraestrutura urbana não satisfaz a população. A água, apesar de suficiente, não apresenta boa qualidade. Levado do Córrego Terra Roxa para uma caixa d'água de 33.000 litros, é distribuído diretamente para as residências sem qualquer tratamento, ficando totalmente barrenta quando chove.

Com relação ao serviço de energia elétrica, este abrange todo o patrimônio, o mesmo não ocorrendo o esgotamento sanitário que é resolvido individualmente por cada morador, que joga diretamente no Córrego Praça Rica. Já a limpeza pública é feita duas vezes por semana por um funcionário da prefeitura, o mesmo que cuida da água. Como tratamento, é feita a queimação do lixo, quando o tempo está bom.

Para quem quiser ir a Praça Rica, é só pegar a ES 137, até Nova Venécia e de lá, por via vicinal, seguir para Vila de onde o patrimônio se encontra a cerca de 30km. O trecho de Vila até Praça Rica percorre uma região de agradável paisagem, acompanhando o Córrego Campinho.

## 2.5. SÃO LUIZ REI

Patrimônio dos Bebedos era como se chamava o povoado de São Luiz Rei, localizado no extremo norte do município de Nova Venécia. Mas isso foi antes do cabo Vitalino **lá botar ordem**, quando muitos posseiros brigavam pela posse da terra e a polícia tinha que intervir.

Nesta época, não tinha quase ninguém no povoado, os donos da terra moravam longe, em suas propriedades. Segundo D.Maria, que chegou em 1953 vindo de Vila (Córrego Guandu), tinha que se fazer picada na mata para poder chegar no patrimônio, que surge nesta época, com a exploração da madeira da região. Seu Benício Antônio de Souza, marido de D.Maria, foi quem abriu a estrada que hoje liga o patrimônio de Nova Venécia, para poder tirar a madeira da região.

Essa estrada, não permitiu o acesso a região. Vão viabilizar a formação do aglomerado que surge da ocupação de um loteamento feito em 1954 pela **família Dega**.

O povoado era então só fazenda de arroz e mandioca, existindo apenas um botequim para o abastecimento da população, onde todos se encontravam, realizando desta forma, a comunicação entre os moradores. Todos exploravam a madeira e culturas de sobrevivência como mandioca, feijão, e o gado, que no entanto, não era muito expressivo.

Ainda segundo D. Maria, a primeira missa realizada no povoado foi celebrada na margem oposta do Rio 15 de Novembro, que passou próximo no povoado, que naquela época, pertencia no município de Ecoporanga.

Hoje a igreja localiza-se numa pequena elevação, no final da rua da **Matriz**, tendo a seu lado um pequeno cemitério.

Nesta mesma rua, a Escola Unidocente São Luiz Rei recebe seus alunos que são, em maioria, filhos de pequenos proprietários e meeiros. Todos trabalham na lavoura, ajudando na renda familiar, o que os leva mais tarde, a não continuarem seus estudos.

Mesmo nas séries incidentes, a frequência a escola é seriamente comprometida pela significativa distância que os alunos têm que percorrer diariamente, ao se deslocarem de suas casas para a escola. Com isso, a ausência às aulas torna-se fato corriqueiro na escola de São Luiz Rei, comprometendo, em grande parte, o rendimento escolar.

Conformando o sítio urbano de São Luiz Rei tem-se, além da rua da Matriz, apenas mais quatro pequenas ruas. Todas de precárias condições de uso, dadas pela inexistência de drenagem das águas, bem como de pavimentação. A situação se agrava nos períodos de chuva, quando as ruas tornam-se verdadeiros rios pela força das águas que descem das encostas diretamente para as vias.

A população de São Luiz Rei fica desta forma, praticamente ilhada nestes períodos, não só em relação a outros aglomerados, mas dentro do próprio patrimônio, quando as águas dificultam enormemente o deslocamento pelas ruas.

Na rua Principal, onde pode-se encontrar vários domicílios fechados, ficam as três vendas do patrimônio que abastecem as necessidades imediatas da população. Este comércio é complementado em Nova Venécia ou em Vila Obde se encontra um comércio mais especializado.

Segundo os moradores, o comércio de São Luiz Rei já foi maior, como loja de tecidos e farmácia, antes da erradicação dos cafezais, que em todo Estado, trouxe sérios danos à localidade. Delá para cá, o patrimônio perdeu significativa parte de sua população, fato ainda hoje observado, na saída de ônibus com famílias inteiras para Rondônia, Mato Grosso e

Nos últimos três meses saíram nove famílias do patrimônio. São meeiros que na ausência de perspectivas, dada pela condição de não proprietários, vão em busca de novas terras, de uma nova vida.

este movimento migratório resultou num esvaziamento do patrimônio, cuja população não cresceu de 80 para 85, mantendo-se os 202 habitantes e não deverá crescer na conjuntura econômico-social atual. Assim, a projeção da população para 1985 deverá ser acrescida de insignificantes 8 habitantes.

Toda a produção do café, base da economia da região de São Luiz Rei, é vendida através de intermediários, passando pelo patrimônio do Quinze, chegando finalmente em Colatina.

Esta situação resulta a não fixação do excedente gerado da comercialização da produção local, na medida em que esta se dá fora do aglomerado, via intermediários, como já foi dito.

Tem-se assim, uma população residente formada basicamente de trabalhadores diaristas, cujos baixos rendimentos inibem, por outro lado, o desenvolvimento de atividades comerciais, bem como, a instalação de serviços e equipamentos públicos, que inexistem em sua totalidade.

Assim, além do atendimento escolar, a população de São Luiz Rei não dispõe de qualquer outro serviço, como por exemplo, posto de saúde, posto de correio, telefônico, agência bancária.

E no tocante à infra-estrutura básica, a coisa não muda. A água da qual se abastece a população, é captada de poço e quem não tem, o Rio 15 de Novembro é a solução.

Com relação à energia elétrica, instalada a cerca de 6 anos, foi detectada a constante falta no atendimento. O mesmo acontece com os serviços de esgotamento sanitária e drenagem pluvial que simplesmente inexistem. Já a coleta de lixo é feita uma vez por semana por um funcionário da prefeitura de Nova Venécia que o deposita na beira da estrada para Patrimônio do 15, a céu aberto.

Mesma situação precária se dá com o transporte da população que conta apenas com uma pequena **empresa** particular. O proprietário de ônibus realiza a linha Nova Venécia - Veloso três vezes por semana, sendo esta a única opção disponível nos moradores de São Luiz Rei ou a quem para lá deseja se deslocar. Quando chove muito o povoado fica simplesmente ilha do.

Seu acesso é feito por estradas vicinais de precárias condições de tráfego, em sua totalidade. A mais utilizada é a que liga São Luiz Rei ao Patrimônio do 15 que, apesar de muito ruim, permite que se desfrute de uma paisagem rica, formada por uma vegetação, marcadamente regional e que **resiste** ao desmatamento, e pelo Rio 15 de Novembro, presente em todo o trajeto.

Como se pode perceber, o pequeno patrimônio de São Luiz Rei e sua população necessitam de urgentes atenções por parte da administração municipal e mesmo estadual, no tocante nos serviços de abastecimento de água, luz e esgotos. Desta forma, acredita-se que se possa minimizar a grandeza de seus problemas.

## 2.6. TODOS OS SANTOS

Em 1949, seu Joaquim Pereira de Souza chega a região de Todos os Santos, quando ainda era município de São Mateus.

No entanto, a constituição do patrimônio data de 1951, quando o Sr. Eugênio Betim fez parte de suas terras, dando origem no aglomerado. O Sr. Betim veio de Panas e foi ele quem deu o nome ao patrimônio, numa homenagem a todos santos.

As terras onde se localiza o patrimônio foram adquiridas à Ana Campista, viúva de um dos posseiros, que, quando o Sr. Eugênio chegou, ocupavam a região. O restante da área foi posteriormente loteada e vendida aos pou

cos, para quem chegava no aglomerado. Nesta época chegava gente de toda parte. Mas principalmente de Minas Gerais, todos atraídos pela mata que até então existia com exuberância na região. Conta-se que tinha jequitibá de até seis ou oito metros de rodo e toda a madeira ia para Colatina. Localizado à noroeste de Nova Venécia, próximo a divisa com o município de Barra de São Francisco.

O patrimônio de Todos os Santos tem acesso relativamente dificultado pela sua posição fora dos principais eixos rodoviários do norte do Estado: ES-137 e ES-320. Este acesso é feito por estrada vicinal que liga o aglomerado, por um sentido, a Nova Venécia, via Vila Paulista e por outro, à Barra de São Francisco, via Vila Paulista.

A topografia do entorno do patrimônio é relativamente acidentada, encontrando-se atualmente sua cobertura vegetal totalmente desfigurada. Hoje, substituindo a vegetação original, as encostas encontram-se em parte, cobertas pelas lavouras de café, milho, mandioca e feijão, ficando o restante para pastagem.

O processo de ocupação das terras pela pecuária traz em seu bojo uma significativa alteração da estrutura fundiária pela concentração das propriedades, que aos poucos substituem os pequenos estabelecimentos. Este processo, que se iniciou após a erradicação dos cafezais do Espírito Santo na década de 60, quando muitos proprietários venderam suas terras vindo para o Paraná e depois para Rondônia, ainda hoje continua só que em menor escala.

E o café que predominavam na região está então, hoje é outra vez, a cultura principal, seguido pela pecuária e pelas culturas de milho, mandioca e arroz, basicamente para subsistência.

Para o desenvolvimento destas atividades, além da mão-de-obra familiar, é utilizado o trabalhador assalariado temporário, bem como o parceiro que reside predominantemente nas propriedades. Já os diaristas, fazem do aglomerado o local de fixação de suas residências, na medida em que sua relação com a atividade produtiva é flutuante, o que exige que se estabeleçam junto no aglomerado. Estes recebem 6 mil por dia, sem comida e muitos têm que ir a pé para o trabalho nas propriedades.

O escoamento da produção é feito através de Vila ou diretamente para os locais de comercialização.

De Todos os Santos sai o café para Colatina, o milho para Nova Venécia, bem como o leite cujo resfriamento é feito na SPAM, saindo diariamente por volta de 5 tanques do aglomerado.

A mandioca tem como destino, além de Nova Venécia, Boa Esperança e Pinheiro.

No entanto, boa parte da produção local sai diretamente das propriedades sem que o povoado consiga reter parte do excedente gerado na comercialização da mesma, o que restringe em grande parte às possibilidades de que o patrimônio desenvolva funções específicas.

É assim que o comércio que atende a população local e rural próxima se restringe a três bares/armazéns, onde apenas o essencial pode ser obtido, ficando Vila com o papel de complementá-lo, já que lá o comércio se encontra mais diversificado e especializado.

Antes da erradicação, o comércio já foi maior, existia a **Casa dos Macacos**, pois a região tinha muito macacos.

Também da carência de equipamentos e serviços públicos se resente o patrimônio, onde não existem postos de correio e telefones, posto de saúde e muito menos, ficando a população condicionada a ir a Vila ou Nova Venécia, dependendo da urgência e gravidade do atendimento.

mento.

Com relação à infra-estrutura urbana, a situação não muda, sendo Todos os Santos o único povoado visitado que não conta com o serviço da energia elétrica. Esta deficiência é suprida pela utilização de um gerador que é ligado no período noturno para a iluminação pública. Apesar de contatos já realizados, entre a Prefeitura e a ESCELSA, a população continua aguardando a solução. No patrimônio tem gente esperando a luz para abrir uma padaria enquanto que numa propriedade próxima, uma secadora de café está a 5 anos sem funcionar. Num dos bares do patrimônio, a solução encontrada pelo Sr. Jadir foi a utilização para mover a geladeira.

Para o abastecimento de água, a população se verá como pode: algumas têm poço, outros poucos puxam água do Córrego Todos os Santos por meio de canos expostos e ainda têm aqueles que tiram diretamente do córrego.

Situação pior se encontra o esgotamento sanitário e drenagem pluvial que inexistem. Também o deslocamento da população é dificultado tendo em vista a dependência em que se encontra a população das linhas Nova Venécia x Barra de São Francisco e Nova Venécia x Ecoporanga que por lá passa 1 vez por dia.

A população se distribuem pelos 59 domicílios residenciais que se localizam predominantemente ao longo da estrada, que define o traçado do sítio urbano do patrimônio.

A esta se completou uma outra pequena rua, onde está a Escola Unidocente de Todos os Santos da qual, um pequeno grupo de futebol proporcionam o lazer dos jovens. É um bonito largo, quase num continuum da rua.

Na escola estudam em sua maioria, filhos de meeiros e pequenos proprietários, que não morava nas propriedades e têm que se deslocar diariamente para o patrimônio.

Este fator, aliado aos períodos de colheitas acaba por afastar os alunos da escola, sendo frequente a ausência as aulas, tendo caso de alunos que faltam até 2 meses e aqueles que permanentemente faltam de 2 a 3 dias por semana. Não precisa nem dizer os resultados maléfic<sup>o</sup>s que isto faz ao rendimento das crianças, ficando clara a necessidade de se começar sensivelmente a pensar num calendário escolar rural de acordo com as especificidades da demanda a ser atendida pelas escolas, tanto municipais quanto estaduais.

### 3.

### MUNICÍPIO DE MARILÂNDIA

---

#### 3.1. MONTE SINAI

#### CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO MONTE SINAI (PATRIMÔNIO DO RÁDIO) MUNICÍPIO DE MARILÂNDIA

Monte Sinai é conhecido como **Patrimônio do Rádio**, devido a um acontecimento ocorrido na época da 2ª Guerra Mundial, quando um morador chegou ao local exibindo um aparelho radiofônico, o único por aquelas bandas. Rapidamente se espalhou a novidade na região pegando a denominação e quando alguém queria se referir ao povoado, dizia **Patrimônio do Rádio**. Esta história é relatada por moradores acompanhada de muitas rizadas. O Rádio é distrito de Sapucaia, dista 3 quilômetros da sede municipal de Marilândia, um dos mais novos municípios do Estado, já que fazia parte do município de Colatina.

Para se chegar ao povoado, saindo de Colatina, há dois caminhos. Um deles passa pela ES-248, rodovia que liga Colatina à Linhares, margeando o Rio Doce. Esta estrada é asfaltada até Marilândia, por isso é a mais usada. De Marilândia, segue-se até Sapucaia e chega-se no Rádio **pelos fundos**, como se diz lá. O outro caminho, mais antigo, começa pela ES-248, que vai direto para o Rádio, pela ES-336, sem precisar passar em Marilândia e Sapucais, porém a estrada não tem trecho asfaltado.

O sítio se estende em área plana, ao longo da estrada. É cercado por colinas verdes plantadas com café de um lado e por uma vargem, na parte baixa, alagadiça nas épocas de chuvas, onde existe uma plantação de arroz. Bem próximo do aglomerado encontra-se uma mata fechada de

rara beleza, conservada pelo proprietário para ficar como exemplo na região. Nela vamos encontrar várias espécies de **Castanha de Sapucaia**, árvore de grande porte. Um detalhe interessante, como diz alguns conhecedores da história natural, em especial o Agrônomo Paulo Fraga, é que a Castanha de Sapucaia tem um valor alimentar muito grande, inclusive era um dos principais alimentos dos índios Botocudos, que habitavam a região do Rio Doce.

A história do Patrimônio do Rádio, é contada com grande entusiasmo pelos membros da família Padovan, uma das primeiras a chegarem no local e até hoje moram alguns membros. As primeiras famílias que ali estabeleceram são descendentes de italianos, como os Padova, Altoé e Arribene, que muito influenciaram no povoamento do patrimônio. Nesse período só existia mata de madeiras nobres, como jacarandá, jequitibá e outras, o que proporcionou o aparecimento de serrarias. A medida que ia se limpando a mata, iniciava o processo de plantio do café, que foi o responsável pelo maior incremento da economia e povoamento. A formação de pequenos proprietários, gerou o emprego de diversas famílias vindas de outros pontos, para trabalharem como meeiros nas fazendas de café. Nestes termos, o povoado atingiu o seu auge econômico, no final da década de 50 e início de 60. Como aconteceu em todo estado, com a erradicação do café, Patrimônio do Rádio entrou numa fase de estagnação, quando vários proprietários venderam suas terras e juntamente com os colonos que não tinham culturas agrícolas para explorarem, emigraram. Alguns foram para outros estados, principalmente os que não tinham condições de irem para os grandes centros, outros foram para Colatina e Vitória, alguns proprietários, entre eles fazendeiros da família Padovan. Dentro desse quadro, segundo o projeto Estudos Populacionais realizado pelo IJSN, a tábua populacional do patrimônio tem os seguintes dados estimativos: em 1980 a população estava em torno de 197 habitantes; em 1985 gira em 315 e num cálculo projecional para o ano de 2010, 1.204 **almas**. Em contagem feita no local, Monte Sinai conta com 83 prédios residenciais e comerciais.

segundo alguns moradores, já que quando chove o ônibus que faz a linha Graça Aranha x Colatina muda sua rota, deixando a população sem transporte. Normalmente, o patrimônio conta com dois horários diários, para Sapucaia, Marilândia e Colatina.

Na parte da educação, até que é bem servido, em comparação a outras localidades, pois conta com o 1º grau completo e é bem próximo de Sapucaia. A **Escola de 1º Grau São Judas Tadeu** atende até o ginásio e a **Escola de 2º Grau Monte Sinai** da primeira a quarta série. No ano de 1984, teve 100 alunos matriculados.

O setor de saúde é precário, pois o Posto de Saúde, foi fechado no dia da inauguração. As emergências são satisfeitas em Sapucaia ou Marilândia. O mesmo acontecendo com telefone e correios, só encontrados nas cidades vizinhas.

**4.****MUNICÍPIO DE LINHARES**

---

**4.1. SÃO JORGE DA BARRA SECA****CARACTERÍSTICA DO POVOADO DE SÃO JORGE DA BARRA SECA  
TRANSFORMADO EM DISTRITO**

A área do município de Linhares é a maior do Estado, ocasionando uma grande distância entre a sede e alguns distritos e povoados. Barra Seca enfrenta esse problema, distante 60 quilômetros da sede, encontra sérias dificuldades para se relacionar com a administração municipal. Localizado na divisa entre os municípios de Linhares, Nova Venécia e São Gabriel da Palha, sendo mais próximo dos dois últimos, é polarizado por eles. O acesso ao povoado, a partir de Linhares, é realizado pela Rodovia Estadual 358, que passa por Comendador Rafael, esta via não é pavimentada. De São Gabriel da Palha, existe dois caminhos, um passando por Valério, também não pavimentada a ES-342; e o outro, pela rodovia ES-137, asfaltada, até o acesso para o povoado, distante 12km do asfalto, esse é o mesmo trajeto de Nova Venécia.

O sítio urbano é banhado pelo Córrego Jacarandá, nome dado em função do grande manancial madeireiro existente na região, antes de se processar o desmatamento. O solo é considerado fértil pela maioria dos agricultores, mas a agricultura predominante é a monocultura do café. Na área urbana, o espaço é ocupado sem alinhamento das construções, formando um aglomerado disperso, entre as colinas cultivadas. A história do povoamento teve início por volta de 1957/58 quando a região já estava desmatada e o plantio de café já predominava. A venda dos lotes foi feita aos agricultores que chegavam para trabalhar de meia com os proprietários e para alguns pequenos produtores que se fixaram na região. Esse processo foi realiza

do por Alcides Pontini, doou os terrenos para os equipamentos sociais, como igreja, escola, posto médico, etc. Assim, a comunidade desenvolveu-se até a erradicação dos cafezais quando iniciou um novo processo de esvaziamento pelo movimento migratório de trabalhadores e pequenos proprietários que, ao venderem suas terras foram embora, mas a grande arrancada econômica de Barra Seca, foi a partir de 1970, com a retomada do café, principalmente o tipo Conilon, que imediatamente correspondeu o investimento, aumentando consideravelmente a produção local, e com isso, como dizem os moradores, reiniciou o desenvolvimento de São Jorge. Inclusive, já iniciou o processo para o povoado passar a condição de Distrito. Também, a respeito da população, muita coisa mudou, depois da fase de esvaziamento, quando começaram a chegar famílias que se fixam no aglomerado. Sua população, segundo Estudos de População realizado pelo IJSN, tem o seguinte quadro variável: 1980: 248 - 1985: 256 e sua projeção para o ano 2010 girará em torno de 346 habitantes.

A conformação econômica de Barra Seca se expressa na agricultura, principalmente na lavoura de café, já que está situado no complexo cafeeiro do Estado. Em segundo plano aparece a atividade pecuária, que começa a crescer na região. Outras atividades agrícolas encontrada nos estabelecimentos são: milho, arroz e feijão. Sua estrutura fundiária é formada por pequenas propriedades. A relação do trabalho, em sua maioria, é de colonos, com algumas famílias morando no patrimônio, mas, já começa entrar diaristas que fixam no povoado atendendo aos médios proprietários. O escoamento da produção ocorre em direção a São Gabriel da Palha e Colatina. No povoado existe dois secadores de café CASP, de grande porte, que atende a todos produtores, juntamente com duas máquinas de pilar café.

7  
O comércio apresenta 4 vendas que basicamente oferecem produtos de primeira necessidade. Um desses armazéns se projeta como comprador local de café em coco dos colonos. Uma cena presenciada pela equipe de pesquisa,

mostra bem essa relação, quando um colono aparece no comércio para vender um saco de café de sua parte da produção. O consumo superior é feito em São Gabriel da Palha e Nova Venécia e alguma coisa em Linhares.

Informações sobre o quadro de infra-estrutura, mostra que o povoado, há 12 anos, é servido por abastecimento de água feito pela SAAE, que consiste em caixa d'água e rede de distribuição. Energia elétrica também é oferecida a quase todo o povoado. Já o serviço de esgoto é carente cada domicílio tem que dar o fim nos dejetos por conta própria, normalmente usam a fossa nos fundos das casas. A limpeza das ruas e o lixo é realizado por um gari da prefeitura que deposita-o a céu aberto, num lugar afastado do patrimônio. Não há drenagem pluvial nem pavimentação das ruas. O transporte coletivo consiste em 3 linhas diárias de ônibus: uma de Linhares, uma de Nova Venécia e uma de Colatina.

No que se refere a equipamentos comunitários, o povoado conta com um estabelecimento escolar, a **Escola de 1º Grau São Jorge de Barra Seca**, que atende da 1ª à 8ª série. O prédio da escola é de boa qualidade, mas segundo os professores, falta material didático. A escola atende aos filhos de pequenos proprietários da região e de outros lugares como, Jacarandá, Pavão e Jacutinga. Em 1984, contou com 145 matrículas.

Há no povoado um posto telefônico da TELEST, viabilizado por um convênio entre a CEPLAC e a Prefeitura. Não tem posto de correios, sendo esse serviço realizado pelos ônibus.

## 5.

MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA PALHA

---

## 5.1. SÃO ROQUE DA TERRA ROXA

CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO DE SÃO ROQUE DA TERRA ROXA  
MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL DA PALHA

O povoado de São Roque da Terra Roxa se localiza às margens da rodovia ES-137, estrada muito importante no território capixaba, pois faz a ligação entre o sul e o norte, pelo interior do Estado, paralela à BR-101. O acesso, a partir de Vitória, é feito primeiramente pela BR-101, até João Neiva, quando há o cruzamento com a ES-080, passa em Colatina e vai até a Vila de São Domingos, novo entroncamento com a ES-137, que segue para Nova Venécia, Boa Esperança e o norte, até o povoado.

O aglomerado se estende ao longo de uma via paralela a rodovia. É todo cercado por colinas plantadas de café até dentro do sítio urbano. No entorno, correm dois córregos que fertilizam o solo, o Córrego São Roque e o Córrego do Gato. O aglomerado é constituído por 65 prédios residenciais e comerciais, que se espalham por quatro ruas e algumas vielas.

O Sr. Jovelino Souza Valentino reside há 34 anos em São Roque, e ninguém melhor do que ele sabe da história, pois sendo dono da farmácia, desde essa época, conhece todo mundo por ali, como também detém todas informações atuais. O povoamento de São Roque começou por volta de 1935. Nesse período, as terras pertenciam ao Estado, conhecidas como terras devolutas, e quem quisesse apossar era só requerer ao governo. Essa região tinha muita madeira nobre e a medida que eram desmatadas, plantava-se o café. A expressão **terra roxa** surgiu numa ocasião em que se construía a estrada, a medida que a máquina remexia a terra, surgia pedaços de terra roxa, o que muito valorizou a região e até foi comparada com as terras de São Paulo. Tinha tanta madeira de lei, diz **Seu** Jovelino, que os madeireiros as

trocavam por beneficiamento nas estradas, pois era muito difícil o escoamento, tanto das madeiras como da produção de café. A colonização foi feita por imigrantes italianos e até poloneses, um destes, França Majest, foi o primeiro comerciante do lugar, ao inaugurar um botequim para atender aos madeireiros.

A primeira Igreja do povoado foi toda feita de madeira e foi doada uma imagem de São Roque por um devoto, aí completou o nome do patrimônio. Infelizmente, hoje não se encontra nem uma fotografia da antiga igreja que pela descrição dos moradores, tinha uma belha arquitetura, e foi substituída por uma imponente construção de alvenaria.

O povoado teve fases distintas de desenvolvimento e estagnação. Quando começou o plantio de café, a terra correspondeu e a produção foi grande fazendo com que muita gente ganhasse dinheiro. Após a erradicação o patrimônio entrou em declínio. Esse fenômeno pode ser comprovado pelo êxodo rural e urbano. Na tábua de projeção de população, encontramos os seguintes dados relativos quanto a sua população: em 1980 apresentava uma população em torno de 269 habitantes, já em 85 caiu para 234 e a projeção para o ano de 2010, gira em torno de 285 habitantes.

Sua economia é quase que totalmente vinculada ao setor primário, basicamente na cultura do café, predominante em todas as propriedades. Estes estabelecimentos são em sua maioria os pequenos, mas tem também médios estabelecimentos. Antes da erradicação, tinha fazenda com até 80 metros, que emigraram para Rondônia, movimento que atingiu a maioria das fazendas locais. Com a erradicação e o êxodo rural, o patrimônio emergiu numa fase de estagnação até a retomada do café, desta vez com o Conilon, em meados da década de 70.

Existe no povoado uma grande fábrica de móveis de nome **Santo Antonio**, pertencente a Henrique Antonio Conti. Hoje conta com 67 empregados, recebe madeira da região como também de outras localidades, Bahia e Amazonas. A

empresa tem planos de construção de um conjunto de casas para os trabalhadores perto do povoado. Sua produção é escoada para Vitória, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

O comércio de Terra Roxa é formado por três vendas e um armazém que vende de tudo, panelas, roupas feitas, picolé, bar, concerto de bicicletas e alimentos. Há também a farmácia de **Seu Joselino**. Informações sobre o comércio local, são conta que, no auge da produção de café, existiam 8 lojas de roupas no povoado, o que demonstra o nível de consumo que tinha naquela época. Hoje o consumo superior é realizado em São Gabriel da Palha, distante 14km e Nova Venécia, 32 quilômetros.

A CESAN iniciou a construção de uma caixa d'água para atender a população, enquanto isso, cada morador se abastece de água através de poço próprio com a bomba. Energia elétrica é fornecido a todo o povoado. Um sistema de captação de esgoto doméstico só existe nos planos administrativos, pois as casas contam apenas com fossa negra. Diariamente o lixo é recolhido pela prefeitura de São Gabriel e transportado para uma área nos arredores do povoado, onde é depositado a céu aberto. Não existe drenagem pluvial nem pavimentação das ruas. Um setor de infra-estrutura urbana privilegiada em São Roque é de transporte coletivo, pois, pela sua localização às margens da rodovia, diariamente tem 16 horários de ônibus para São Gabriel, Nova Venécia e Vitória.

No setor de educação, o povoado é servido por um único estabelecimento, a **Escola Singular de São Roque**. Com a visível decadência econômica e com o êxodo rural, caiu muito a frequência estudantil, inclusive, o oferecimento de séries, já que antigamente existiam as 8 séries do 1º grau e hoje a escola conta apenas da 1ª à 4ª série. No ano de 1984 foram matriculados 46 alunos, contra 61 em 1981.

Na área de saúde, o atendimento médico é realizado na farmácia do Joselino, porque o Posto de Saúde está fechado, mas os moradores esperam a reabertura do mesmo. As urgências são feitas no hospital de São Gabriel que é considerado um dos melhores do interior do estado.

Posto telefônico não tem, mas conta com um posto dos Correios e Telégrafos.

## 6.

MUNICÍPIO DE BOA ESPERANÇA

---

## 6.1. SANTO ANTONIO

Próximo à Boa Esperança, cerca de 8km, Santo Antonio encontra-se localizado às margens da estrada que liga a sede à ES-137, que vai para Mucurici, passando por São João do Sobrado, fazendo a ligação de Boa Esperança com a região noroeste do Estado do Espírito Santo.

Não pavimentada, a estrada no entanto apresenta boas condições de tráfego, o que facilita a comunicação do aglomerado com a sede municipal.

Ao chegar na área do povoado, avista-se Santo Antonio à direita, numa curva da estrada, a partir da qual se define o aglomerado urbano, cujo traçado se estende até as proximidades do Córrego do Meio.

A região se caracteriza por uma topografia suave ondulada, marcada pontualmente por belas formações rochosas que formam, ao fundo, na direção oeste, um belo quadro, muito bem exemplificado pela formação rochosa conhecida como Pedra do Botelho.

E foi nesta paisagem que constituiu-se o aglomerado, primeiramente denominado Pouso Alegre. No início da década de 50 o Sr. José Leonardo doou terras para a formação do patrimônio, que chega em 1954 com apenas umas poucas casas de palha.

Mas sua formação tem origem na derrubada da mata, que na região era muito rica, composta por árvores de madeira de lei como jequitibá, jacarandá e outras que chegavam a alcançar entre 6 e 12m de diâmetro. Nesta época, chegaram muitos madeireiros que, acabando a mata, passam a plantar o café e recentemente, a cana.

Hoje resta apenas uma **reserva** de 40 alqueires na propriedade do Sr. Helvé cio, onde pode-se encontrar jequitibá de 7m de diâmetro.

A população de Santo Antonio é composta em sua maioria, por pequenos pro prietários, cujos estabelecimentos, oscilam entre 50 e 100ha. Contam com culturas de café, mandioca, cana e feijão. Para o trabalho na lavou ra, é utilizada a mão-de-obra diarista juntamente com meeiros, que compõ em, com os proprietários da terra, a população do aglomerado.

Estes trabalhadores se deslocam diariamente para as fazendas, sendo que, há casos em que a distância é muito longa para ser percorrida a pé, sen do utilizados caminhões para o transporte. Este é o caso de uma fazenda localizada as margens do Rio do Norte, onde é feito o plantio de cana e café, bem como capim para o gado, que com o fim das matas ocupa grande parte das propriedades.

Café e pecuária predominam na região de Santo Antonio. Porém, a cana vai aos poucos tomando conta, na medida que, a presença de Usinas de Álcool em Conceição da Barra incentiva os proprietários a investirem no cultivo da cana. E, recentemente, o início da instalação de uma usina, próxima 2km de Santo Antônio amplia as áreas de cultivo de cana. Mesmo com pe quena capacidade, prevista em 40.000/dia, a usina junto aos proprietá rios locais e, muito provavelmente de todo o município de Boa Esperança, a perspectiva de ter consumo certo para a produção.

Mas é que determina fundamentalmente, a dinâmica do aglomerado é sua pro ximidade à sede do município, ao facilitar o acesso da população a um co mércio diversificado, bem como aos serviços básicos de saúde, educa ção, infra-estrutura urbana e de comunicação. Esta opção inibe no povoado es tes serviços, resultando num precário atendimento à população.

Temos assim, um comércio incipiente, formado basicamente por 5 bares/ar mazéns, onde a população encontra, cachaça, biscoito, balas, refrigeran

tes, etc. Só mesmo produtos primários, sendo o grosso do comércio feito em Boa Esperança.

A mesma situação se percebe na escola local, que mesmo sendo de 1º grau, divide com Boa Esperança o atendimento a população que reside no povoado, bem como aquela residente na área rural. Este fato tem como fator contribuinte, a existência de um ônibus da prefeitura de Boa Esperança, que diariamente realiza o transporte dos alunos, facilitando o acesso às escolas da sede, estabelecendo definitivamente a concorrência.

A ausência de postos bancários, de correio e telefone têm, provavelmente, a mesma razão. O serviço de atendimento médico oferecido à população de Santo Antônio através de um Posto de Saúde que mesmo assim, só atende 1 vez por semana, ficando a população, em casos de urgência e gravidade, recorrer ao hospital de Boa Esperança.

Com relação aos serviços de atendimento de infra-estrutura, estes encontram-se em situações distintas. Enquanto a energia elétrica cobre todo o aglomerado, não existe drenagem nem pavimentação das vias, bem como rede de esgotos. A população resolve este problema utilizando fossa particular.

A água é captada do córrego para a caixa d'água e atende a todos os domicílios, mas, não satisfaz devido à precária qualidade pela ausência de tratamento.

O que mais tem em Santo Antônio é igreja. Três dividem hoje os fiéis do povoado. Logo na entrada, à esquerda, fica a maior delas, debaixo de um grande flamboyant que florido marca a paisagem para quem chega a Santo Antônio.

A distribuição da população pelo povoado já mostra sinais de marginalização. Percebe-se claramente a formação, junto a caixa d'água, de um

núcleo de famílias de baixíssima renda, são os diaristas e suas casas são construções precárias e insalubres.

O traçado confuso é marcado por uma via que corta o povoado e de vielas onde se distribuem os 178 domicílios e os 703 habitantes de Santo Antônio.

## 6.2. SODRADINHO

MUNICÍPIO: BOA ESPERANÇA

AGLOMERADO: SOBRADINHO

A noroeste de Boa Esperança, numa região de topografia ondulada, marcada por formações rochosas de grande beleza, situa-se o povoado de Sobradinho. São estas formações que, ao mesmo tempo que definem, caracterizam o entorno do aglomerado. Desta que para a Pedra do Botelho que projeta-se como marco visual para quem se dirige ao povoado.

Para chegar a Sobradinho, dois caminhões podem ser utilizados. A partir de Boa Esperança, por estrada vicinal que corta todo o município e liga as rodovias ES-313 e 137. Para quem vem de Nova Venécia, a ES-137 e o melhor acesso. Ambas não são pavimentadas, apresentando fora dos períodos de chuva, tráfego satisfatório.

E nas margens da ES-137 que se desenvolve o sítio urbano de Sobradinho, em função da qual, se conformou sua estrutura física, que é definida basicamente pela estrada, que é a via principal, e outra transversal a ela. Neste contexto corre pelo povoado o Córrego Sobradinho.

Formado em sua totalidade por terras devolutas, o povoado tem sua origem em 1949, quando D. Maria Salomé loteou a área. Foi quando chegaram os medeiros que, atraídos pela mata da região, ali se estabeleceram. E, mais uma vez, como em todo o norte do Espírito Santo, depois do desmatamento, assenta-se a lavoura acfeeira e passa a ser o sustentáculo da econo

mia local. O nome do patrimônio vem de um grande sobrado que existia nesta época.

Após a erradicação dos cafezais, a maioria dos proprietários continuam com suas terras. Por isso, nos últimos anos o café retoma sua posição na economia local, junto com o feijão, também cultivado pelos pequenos proprietários. Já nas propriedades é a pecuária que predomina.

Em todas elas, utiliza-se a mão-de-obra assalariada, meeiros residentes nas propriedades e diaristas, que fazem do povoado seu local de moradia. Junto com os pequenos proprietários e alguns comerciantes, estes compõem a população residente de Sobradinho que hoje é de 539 habitantes (85).

Entre os comerciantes locais, encontramos Mário, dono de dois estabelecimentos comerciais do povoado. Mineiro de Aimorés, Mário veio morar no Patrimônio em 1954 para montar comércio.

Lá encontra-se juntamente com gêneros de primeira necessidade, tecidos, roupas, cachaça, sorvetes e equipamentos agrícolas. Apesar de não se configurar com um atacadista, a quantidade de mercadoria exposta demonstra um grande movimento comercial no povoado. O abastecimento da população completa-se em outras pequenas vendas. Boa Esperança. Pinheiros e Nova Venécia, a população tem acesso a um comércio mais especializado.

Dentre os povoados do município de Boa Esperança, Sobradinho é o mais distante da sede, podendo ser este, dos fatores que contribuem para o pequeno, mas significativo desenvolvimento do comércio e de alguns serviços públicos.

Em relação aos equipamentos comunitários, Sobradinho encontra-se razoavelmente bem servido. Um Posto de Saúde atende a população e em casos de urgência, o hospital de Boa Esperança.

Para ligá-lo a outras localidades, a população conta com um posto telefônico, apesar de não dispor de serviços de postagem, nem receber jornais. Mas tem televisão.

O atendimento escolar encontra-se bem servido. Dentro do plano escolar implantado no município, durante a administração Amaro Covre, a escola de 1º e 2º grau atende a população bem como a comunidade da região, a maioria, mais de 5km de distância. São elas: Água Fria, Gameleira, Córrego da Garrucha, Comunidade do Sete, Córrego do Itaúna e Farofa.

Para quem precisa estudar a noite, a prefeitura fornece transporte de ônibus escolar, através de passe. Isso apenas para as turmas de 5ª a 8ª série do 1º grau e para todo o 2º grau.

A escola de Sobradinho próxima à saída para São João do Sobrado, encontra-se em boas condições de uso, oferecendo inclusive, merenda escolar. No entanto, o significativo número de alunos matriculados no 1º grau, 315, não se rebate nas turmas de 2º grau, encontrando-se seu funcionamento ameaçado.

Isto decorre de dois fatos, já se completam e somam: por um lado, existe a dificuldade dos jovens nesta idade irem a escola, pois dedicam grande parte do dia no trabalho na lavoura, e por outro a incompatibilidade do curso de contabilidade oferecida, com as reais necessidades dos alunos, já que são trabalhadores rurais. Esta incoerência já transparece, encontrando-se junto à administração da escola, a reivindicação de que este curso seja substituído por um profissionalizante agrícola.

Esta mudança poderia incentivar a fixação dos alunos junto ao povoado, bem como a manutenção desta população na área rural.

Com relação ao atendimento dos serviços de infra-estrutura urbana, a situação é precária, principalmente na área onde os diaristas estabeleceram suas moradias.

Ali conformou-se uma verdadeira favela onde apenas o serviço de energia elétrica satisfaz os moradores. Para o abastecimento d'água a prefeitura instalou duas caixas de 1.000 litros cada, na tentativa de contornar as constantes faltas que ocorrem.

E no restante do povoado a situação não é muito diferente. A água captada pela prefeitura e distribuída de uma caixa, não atende toda a demanda, que se ressentida da mesma forma, da inexistência de rede de esgotos, drenagem e pavimentação das vias.

A coleta de lixo é feita uma vez por semana por um gari da prefeitura de Boa Esperança.

Para deslocar-se do povoado, a população conta com um significativo número de ônibus que passam diariamente por Sobradinho, fazendo as linhas Nanuque - São Mateus e São João do Sobrado-São Mateus.

## 7.

## MUNICÍPIO DE BAIXO GUANDU

---

### 7.1. MASCARENHAS

Mascarenhas, no município de Baixo Guandu, é um povoado bastante antigo, que inclusive já foi sede de distrito.

Está localizado entre a rodovia Colatina x Baixo Guandu e a Estrada de Ferro Vitória Minas e o Rio Doce, na altura da Usina Hidrelétrica de Mascarenhas.

O povoado é também um dos locais de parada do trem da Vitória-Minas. O sítio urbano se encontra num plano mais elevado em relação ao Rio Doce, e de alguns pontos pode-se ter uma bela vista do rio e da usina hidrelétrica. A principal rua do povoado é larga a meia distância entre a estrada de ferro e o rio, existindo algumas ruas perpendiculares. Do outro lado da estrada de ferro e de rodagem existe também uma antiga vila de operários.

Dona Benuinda é uma das mais antigas moradoras do local e veio de Santa Maria de São Fel, interior de Governador Valadares, quando tinha 8 anos. Hoje, com 95 anos, conta que quando chegou existia muito índio, muita mata e onça e no local onde hoje é o povoado tinha apenas alguns barracos de madeira. As terras para o patrimônio foram doadas por Henrique de Paula Mascarenhas, antes da implantação da estrada de ferro, o que foi feito, segundo seu Noé, outro morador antigo, por volta de 1904.

Pelo Rio Doce subia o vapor, que de 15 em 15 dias fazia o transporte de mercadorias de Linharea até a Fazenda do Porto Final, da qual eram sócios o Viana de Brito, o Mascarenhas e o Milagre, onde existia um armazém. Da

li, as mercadorias eram distribuídas para outros lugares. Três embarcações fizeram esse percurso até o ano de 1910 e tinha os nomes de Milagre, Juparanã e Muniz.

A Cia. Forestier explorava madeira na região e tinha uma serraria na barra do Rio Mutum.

Na região, habitavam os índios Botocudos, cuja tribo, seu Noé da Silva Santos é descendente. Ele tem 75 anos e nasceu no povoado, sua avó era Tapuia (sangue-puro) e o seu pai saiu da aldeia já rapaz. Para a comunicação com os índios Dona Beninda lembra que existia o Língua, um sujeito que traduzia a linguagem dos índios.

Na época da construção da Usina Hidrelétrica muita gente foi morar no povoado. Também foi construída uma vila para moradia dos trabalhadores da firma construtora, sendo que, com o término das obras da hidrelétrica, esse conjunto foi incorporado ao povoado.

Nas últimas três décadas, a localidade decaiu muito. Deram baixa na vila e não existe mais o posto de correio, cartório e a farmácia, diz seu Noé.

Recentemente, foi descoberto uma jazida de ouro bem próximo ao povoado e houve uma grande corrida para lá, modificando a vida do povoado. Ainda moram por lá alguns trabalhadores dos garimpos, acontecendo também alguns casos em que o chefe de família vai trabalhar em Vitória e a família permanece no povoado. No entanto, a grande maioria trabalha na ESCELSA, sendo pouco os que vivem em função da pecuária, que é a base da economia da região.

O comércio é bastante precária, atendendo somente as primeiras necessidades. A proximidade com Baixo Guandu e a facilidade de transportes fazem com que os moradores de mascarenhas se dirijam a ela para consumo mais especializado.

A escola de 1º Grau Alaide Trindade Paiva atende até a 5ª série, devendo complementar até à 8ª série nos próximos anos. A escola apresenta boas instalações físicas e matriculou em 1984, 149 alunos. Nela também funciona o pré-escolar.

No mini-posto de saúde existente no local só existe o atendimento preliminar, de urgência, não tendo um médico para atendimento mais específico.

O sistema de abastecimento de água é de responsabilidade do SAAE e foi implantado com recursos da ESCELSA. O sistema constitui-se de tratamento e rede de distribuição, sendo a água distribuída de boa qualidade. Não existe uma rede pública de coleta de esgotos e dessa maneira cada um faz uma rede particular até o Córrego Holofote ou o Rio Doce.

Não existem problemas com a energia elétrica e o local recebe bem os sinais de rádio e televisão.

As ruas não são pavimentadas e não há coleta de lixo nem limpeza das ruas.

Como meio de transporte, o povoado conta com o trem, que faz a linha Vitória x Itabira, passando duas vezes indo e duas vezes voltando. Os ônibus usados pelos moradores de Mascarenhas, são os que fazem a ligação entre Colatina, Baixo Guandu, Governador Valadares, Vitória e Aimorés e um que sai do próprio povoado se dirigindo para Baixo Guandu.

A população de Mascarenhas, que é atualmente de 416 habitantes, está estabilizada, não devendo alterar muito nas próximas décadas.

## 8.

MUNICÍPIO DE PANCAS

---

## 8.1. MONTE CARMELO

Situado em região de relevo acidentado numa das partes mais altas do município de Pancas, Monte Carmelo é um pequeno povoado de aproximadamente 200 habitantes.

Desses, a maioria são trabalhadores diaristas nas lavouras de café, existindo também alguns meeiros.

Monte Carmelo está localizado a beira da rodovia ES-164, no trecho entre Pancas e Alto Rio Novo, que por sinal está sendo asfaltado. O povoado dista aproximadamente 30km da sede e 8km de Alto Rio Novo e é bem servido por transporte coletivo. Por ali passam vários ônibus que fazem a ligação de algumas localidades no Norte e na parte Oeste do Estado, bem como Resplendor e Mantena em Minas Gerais, com as cidades de Colatina e de Vitória.

O casario do povoado se distribui numa área plana, cercada de morros e que é cortada pelo Córrego Rio Novo, estando a Igreja Católica posicionada num ponto mais elevado. A construção que mais se destaca no povoado é o Templo Batista Monte Carmelo, que pela suas dimensões, mostram uma época áurea, quando essa religião chegou a ter cerca de 500 membros. Essa religião é a mais antiga no local, pois chegou há aproximadamente 50 anos. A sua influência se dá também no nome, pois até hoje os antigos moradores o chamam de **Batista**, como todos os chamavam antigamente. A área para construção desse templo foi doada por seu José Teodoro e seu Benedito Rodrigues, donos das terras do entorno.

Grande parte da área ao redor do povoado é ocupada por pequenas e médias propriedades, onde se cultiva intensivamente o café, o milho, o feijão e o arroz como culturas de subsistência. Na mão-de-obra, são utilizados os membros da própria família do proprietário, bem como o meeiro. A mão-de-obra diarista é empregada geralmente nas grandes propriedades.

Nessa região também se verificou o êxodo para Rondônia, sendo que em Alto Rio Novo tem ônibus saindo direto para lá.

Como na maioria dos povoados, a falta de serviços e de infra-estrutura é o grande problema da população.

O comércio restringe-se às primeiras necessidades, sendo que a compra de produtos mais especializados é feita em Alto Rio Novo.

Quanto à educação, a Escola Unidocente Monte Carmelo atende da 1ª à 4ª série, estando o prédio onde a mesma funciona em péssimas condições físicas, o que levou os professores a transferirem uma das turmas para uma sala da igreja católica. O número de matrículas no início de 1984 foi de 59 alunos, que, de acordo com os professores, é muito baixo. Muitas crianças da comunidade não estudam, devido principalmente ao fato dessas crianças começarem a trabalhar muito cedo, ou na lavoura ou levando a **bóia** para seus pais na roça.

Existe a previsão de instalação de um mini-posto de saúde em 1985, sendo que atualmente, inexistindo qualquer serviço de saúde no local, as pessoas têm que se deslocar até Alto Rio Novo. Outro serviço que está previsto implantação e o abastecimento d'água através da CESAN. Para minorar os problemas, alguns moradores construíram um sistema particular, que atende a uma parte do povoado, sem no entanto ter um tratamento adequado. Os que não puderam participar desse sistema, pedem ao vizinho a água utilizada para beber e pegam no córrego para os demais usos. Os esgotos são jogados nesse mesmo córrego.

A prefeitura municipal tem no povoado uma pessoa que fica encarregada da coleta do lixo, da limpeza das ruas, que não são pavimentadas, da limpeza da caixa d'água e da manutenção da iluminação pública. É necessário que as pessoas se desloquem até Alto Rio Novo para utilizarem os serviços de correio e telefone.

Tendo vivido uma época melhor antes da erradicação dos cafezais, Monte Carmelo perdeu parte de sua população, atualmente, devido às suas características de local de moradia de bóias-frias e a necessidade dessa mão-de-obra temporária na região, torna-se possível a retomada do crescimento populacional nas próximas décadas.

6.

REGIÃO VI - MANTENA (MG)

---

## VI - 1.

MUNICÍPIO DE BARRA DE SÃO FRANCISCO

---

## VI - 1.1. VARGEM ALEGRE

Vargem Alegre está localizado no sul do município de Barra de São Francisco, distando da sede aproximadamente 9km. Esse percurso é feito através da ES 080 e antes de chegar a Barra, toma-se uma estrada vicinal que beira o córrego Branco até encontrar o povoado.

O meio de transporte coletivo que liga o povoado à sede é o ônibus que faz a linha Pinheiro, em São Gabriel da Palha, a Barra de São Francisco, via Vargem Alegre

Situado próximo ao encontro dos córregos Branco e dos Bois formando o córrego Vargem Alegre, que dá origem ao nome do povoado, o sítio urbano se desenvolve numa área plana, formado por uma rua principal e duas outras secundárias perpendiculares.

O primeiro parcelamento no local foi feito por volta de 1952 por Olímpio Andrade, que já tinha um comércio estabelecido, sendo que este vendeu o loteamento para João Galvão.

**Seu** Sebastião Teixeira Neto veio de Mutum-MG em 1953 e comprou terras de Orcílio Sabino, loteando mais uma área. Nessa época, como disse **seu** Sebastião, **todo mundo fazia casa com duas portas**, isto é, o comércio era grande e **muito animado**.

Como aconteceu em todo o norte do Estado, a ocupação da região se deu com a retirada da madeira e o plantio de café. A madeira era **puxada** para Colatina.

Quando da erradicação dos cafezais, muita gente saiu da região, afetando em

muito a vida do povoado.

Atualmente o café voltou a ser plantado e constitui-se no principal produto. A produção é vendida em Barra de São Francisco ou a compradores de Colatina. O milho e o arroz são culturas secundárias, mas de grande importância para o povoado. Esses produtos são vendidos em Barra de São Francisco.

No entorno do povoado predominam as pequenas propriedades, que utilizam além da mão-de-obra familiar, a parceria nas culturas do milho e do arroz e o diarista na cultura do café. No povoado moram principalmente diaristas e em menor escala proprietários e meeiros.

O comércio é insuficiente, atendendo somente às primeiras necessidades e contando com duas vendas e um **boteco**. Os moradores de maior poder aquisitivo fazem as compras em Barra de São Francisco.

O único serviço oferecido no povoado é a educação, através da Escola Singular de Vargem Alegre que funciona da 1ª à 4ª série. Devido à inexistência de um posto bancário, o crédito agrícola é feito nas agências do BANESTES, Banco do Brasil e Bradesco na sede municipal. Para utilizar serviços médicos, os moradores têm que se deslocar para Barra de São Francisco, pois no povoado não existe posto de atendimento. Recentemente foi realizada uma campanha de erradicação da esquistossomose pela SUCAM.

Não existe posto de correio, nem tampouco posto telefônico.

A distribuição de energia elétrica não apresenta problemas e a coleta de lixo é feita por um encarregado da prefeitura que faz também a capina das ruas, pois estas não são pavimentadas.

O maior problema relativo à infra-estrutura concentra-se nos serviços de água e esgoto, pois não existe um sistema adequado, que vise atender a todo o povoado. As soluções são individuais e feitas pelos próprios moradores, sem nenhum investimento da prefeitura. Assim, para se abastecer de

água, os próprios moradores é que têm que se virar, sendo que alguns têm poço e outros utilizam a água do córrego. Existe o caso de alguns moradores que se juntaram e construíram uma caixa d'água, captando água de uma nascente, e distribuíram para as suas casas. Quanto ao esgoto, a história se repete, cada morador arranja um jeito de afastá-lo de sua residência, ou jogando a céu aberto em valetas, ou fazendo a ligação direta no córrego, ou ainda, como em poucas casas, usando fossas.

O povoado apresentou um crescimento demográfico nos últimos quatro anos, e também tem-se notado um ligeiro crescimento no comércio e na procura de lotes. A tendência é que o crescimento deverá continuar!

#### VI - 1.2. CAFELÂNDIA

Café Ralo. Era assim que chamavam o patrimônio a princípio denominado São Jorge e que há aproximadamente 10 anos passou a ser chamado de Cafelândia. Como contam os moradores, o povoado recebeu essa denominação devido à fama que tinha, entre os camioneiros que por lá passavam, de que o café servido na única venda era muito fraco. O dono era bastante sovina e economizava no uso do pó de café, ficando assim, o café ralo. Por esse motivo, ocorreu um certo dia um desentendimento em sua venda que culminou com a sua morte.

A origem desse povoado se deu por volta do ano de 1952, quando seu José Agostinho doou a área para o loteamento, e depois, junto com seu irmão Otávio Agostinho, doaram a área para a igreja.

Seu José Luciano de Souza lembra do início do patrimônio, pois chegou há cerca de 29 anos, vindo de Afonso Cláudio, quando a área onde se situa o povoado ainda era contestada entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Localizado na parte oeste do município de Barra de São Francisco, bem próximo à divisa com o Estado de Minas Gerais, Cafelândia dista aproximadamente 30km da sede, através de uma estrada vicinal que liga o povoado à vila de Governador Lacerda de Aguiar, situado na rodovia ES 080, e por essa rodovia até a sede. Somente o trecho entre o encontro da ES 080 com a ES 320 e a cidade de Barra de São Francisco é asfaltado. Por uma estrada não pavimentada Cafelândia se liga a Matena-MG, distando desta aproximadamente 16km.

O relevo da região é acidentado e o povoado é entrecortado pelos córregos Cachoeirinha e do Garfo, que aí se encontram e vão desaguar no Rio Cricaré (braço sul do Rio São Mateus).

As ruas do povoado não apresentam um traçado regular e algumas delas se desenvolvem numa área de topografia ondulada e outras em área plana.

Local de moradia de diaristas e meeiros, Cafelândia é um lugar estabilizado, onde o comércio se resume a duas vendas/bares e não existe nenhum tipo de indústria. Esse comércio é bastante fraco e só atende às necessidades mais imediatas. Geralmente os moradores fazem suas compras, mensalmente, em Mantena (MG) ou, raramente, em Barra de São Francisco. Mantena polariza Cafelândia também nos serviços de saúde, pois no povoado não existe nenhum tipo de atendimento médico.

A cultura principal da região é a pecuária, sendo expressivo também o café, o milho e feijão. Estes dois últimos produtos são vendidos principalmente no Estado de Minas Gerais.

No entorno do povoado predominam as pequenas propriedades, que utilizam principalmente a mão-de-obra familiar tanto na pecuária como no café, no milho e no feijão. Os dois últimos produtos, geralmente são plantados em regime de parceria e na cultura do café utilizam também os diaristas na época da colheita.

Os diaristas que moram no povoado além de trabalharem nas fazendas próximas, também são levados pelos proprietários nas localidades vizinhas de Nova Belém e Santa Rita em Minas Gerais.

Como aconteceu em toda a região Norte, a saída dos pequenos proprietários para Rondônia foi muito grande, principalmente nos dois últimos anos.

A Escola de 1º Grau Soares Dutra funciona atualmente da 1ª à 5ª série e a partir de 1985 vai ser criada a 6ª série e assim sucessivamente até à 8ª série. A escola atende às crianças do povoado e das redondezas, tendo matriculado 154 alunos no início de 1985.

Não chega jornal no povoado e não existe posto telefônico nem de correio, sendo a correspondência remetida para Governador Lacerda de Aguiar, e daí de alguma maneira chega ao destinatário. Não é boa a transmissão de sinais de televisão, nem da TV Gazeta nem da TV Globo de Minas. No povoado existem aproximadamente 12 televisores.

Não existe um sistema regular de abastecimento de água nem de coleta de esgoto. Desse modo, os próprios moradores é que têm que arranjar uma solução, quando têm recursos para isso. Assim, algumas residências utilizam água de nascente, que é armazenada e distribuída entre elas. As outras têm poço ou utilizam água do poço da escola, que foi construído com recursos da própria comunidade. O esgoto é lançado a céu aberto, sendo raro o uso de fossas.

Um encarregado da prefeitura faz a limpeza das ruas e coleta o lixo domiciliar.

O sistema de energia elétrica apresenta problemas na transmissão, pois quando chove ocorre a falta de energia.

Duas linhas de ônibus fazem o transporte da população, sendo todas duas com destino a Mantena, não existindo linha para a cidade de Barra de São

Francisco. Uma sai de Novo Horizonte e a outra de Santo Antônio de Nova Belém, duas localidades situadas mais ao Norte, na divisa dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Santo Antônio fica do lado de Vila Nelita.

O povoado, que apresentou uma população de 132 hab. em 1980, deverá ter seu crescimento acelerado nas próximas décadas, principalmente devido à sua característica de local de assentamento de bóias-frias.

#### VI - 1.3. BOM DESTINO

Localizado no noroeste do município de Barra de São Francisco, próximo ao limite com Ecoporanga, em região de relevo acidentado, Bom Destino é um pequeno povoado com 68 residências e 5 construções de outros usos.

O núcleo urbano se distribui num pequeno vale, constituindo-se da rua principal, que corre paralela ao córrego Bom Destino, e de pequenas ruas secundárias que afluem até àquela. No entorno desse pequeno núcleo encontramos uma cadeia de montanhas, que dão ao local um belo visual.

Para se chegar a Bom Destino deve-se pegar a rodovia ES 080 e no trecho entre Vila Nelita e Santo Agostinho, na altura da Fazenda das Três Barras, tomou-se a estrada que margeia o córrego Bom Destino. Nenhum trecho da estrada é pavimentado, o que dificulta o acesso na época das chuvas. Existem duas linhas de ônibus que fazem o transporte da população local. Uma, liga o povoado a Ecoporanga, fazendo esse percurso duas vezes por semana, e a outra liga Barra de São Francisco x Vila Prata (Prata dos Baianos), no município de Ecoporanga, diariamente.

A origem do povoado remonta a 1957 quando os proprietários de terras das redondezas pediram a seu José Nonato, que já tinha uma casa de comércio no local, para que loteasse uma parte de suas terras para formar um patri

mônio. A dificuldade de meios de transportes e o precário sistema viário da época, aumentando as distâncias entre os aglomerados, dificultava a vida dos pequenos proprietários da região. Muitos destes venderam suas terras para morar no patrimônio, passando a viver do comércio, havendo muitos casos em que não conseguiram **ir pra frente**. Estas pessoas iam embora, **tentar a vida em outro lugar**.

Esses fatos nos foram contados por Maria Belo de Oliveira que era filha de **seu** José Nonato de Oliveira, citado anteriormente. **Seu** José Nonato veio de Minas Gerais para a região em 1956, depois de ter vivido alguns anos em Santo Agostinho, vila próxima a Bom Destino. D. Maria Belo nos contou ainda que seu pai foi quem abriu a **braço** o caminho de Santo Agostinho até a Prata, povoado no município de Ecoporanga. Com a exploração da madeira na região, José de Souza, comprador de madeira, abriu a estrada a trator para facilitar o transporte.

Naquela época o café já era plantado onde se ia tirando a madeira. No início da década de 60 tinha quatro máquinas de beneficiamento de café nos arredores do povoado. Com a erradicação dos cafezais muita gente foi embora, mas os que fiaram, voltaram a plantar o café.

O êxodo rural que naquela época era em direção ao Paraná, Pará e Mato Grosso, nos últimos anos se direcionou para Rondônia, sendo que muitos pequenos proprietários ainda hoje saem em direção a esse Estado.

Atualmente o maior produto da região é o café, que é beneficiado no próprio povoado, onde estão localizadas duas máquinas de beneficiamento, e é vendido em Água Doce e Barra de São Francisco.

O feijão e o milho também são plantados, intercalados com o café, no regime de parceria, geralmente para subsistência.

No entorno do povoado verifica-se que a maioria das propriedades encon

tram-se na faixa até 50ha, sendo que para o cultivo das lavouras é utilizado a mão-de-obra familiar e parceiros. Nas propriedades maiores é marcante a presença do diarista, não havendo mão-de-obra suficiente no povoado para a época da colheita. Para suprir essa necessidade, as grandes fazendas vão buscar trabalhadores nas cidades de Ataléia e Ouro Verde, no Estado de Minas Gerais, ficando estes acampados na própria fazenda até terminar a colheita.

O comércio do povoado se resume a quatro vendas, atendendo somente com gêneros de primeira necessidade à população local. Essa população é composta de parceiros, muitos diaristas e alguns pequenos proprietários, que buscam no povoado satisfazer algumas de suas necessidades básicas.

Dentre essas necessidades está a educação, que se constitui, segundo os moradores, num grande problema do povoado. A Escola Municipal Povoado Bom Destino da 1ª a 4ª série, com 122 alunos matriculados no início de 1984, e a Escola Unidocente Povoado Bom Destino, estadual, oferece a 1ª, 2ª e 5ª séries, e teve 65 matrículas. Esta última não tem um prédio próprio para seu funcionamento e as aulas são dadas na igreja católica local. Como ocorre na maioria das escolas da área rural.

Inexiste serviço de saúde no povoado, que tem graves problemas de doenças, sendo grande a incidência da Hanseníase, da esquistossomose e ainda algumas doenças de pele. Os problemas mais corriqueiros têm que ser tratados na farmácia de Athaniel Belo, casado com D. Maria Belo de Oliveira, que é um forte cabo eleitoral do PDS. Para os casos mais específicos a população procura os serviços em Água Doce e Barra de São Francisco.

A falta de infra-estrutura agrava ainda mais a situação de saúde do povoado. O sistema de abastecimento d'água foi construído com recursos da própria comunidade, constituindo-se de uma caixa d'água que acumula a água que vem de uma nascente, e a rede que distribui a água às casas, sem no entanto receber um tratamento prévio. Não existe um sistema de coleta de

esgotos, sendo que alguns moradores constroem fossas negras, outros jogam a céu aberto e alguns fazem sua ligação direto no córrego. O lixo é coletado por um encarregado da Prefeitura que faz também a limpeza das ruas, como a capina, pois estas não são pavimentadas. A energia elétrica foi instalada em 1977.

Durante o bate-papo, entre um cafezinho e outro, entre a lembrança da época que o povoado era **muito animado**, e fatos marcantes, como no tempo em que residia no local José Toledo dos Reis, vulgo Toledinho, **um militar envolvido com a polícia**, os moradores sentiam toda uma necessidade de falar de seus problemas, de suas necessidades.

Dentre as principais reivindicações está a construção de um prédio para funcionar a escola e a implantação do primeiro grau completo. Outro grande problema é a falta de assistência da saúde pública, devido à existência de córregos contaminados que provoca a disseminação de doenças.

No povoado chega os sinais de televisão da TV Gazeta mas são poucos os aparelhos existentes. A população reivindica a instalação de um posto de correios pois têm que ir buscar a correspondência em Vila Nelita, e quanto ao posto telefônico, existe a promessa de sua instalação. Não chega jornal no povoado.

Os moradores reclamam ainda que a região foi abandonada pelo prefeito, principalmente devido ao fato que o local é reduto eleitoral do partido oposto ao que está na prefeitura.

A população do povoado teve um pequeno aumento nos últimos 4 anos, passando de 242 hab. em 1980 para 279 hab. em 1984. Essa tendência deverá se manter nas próximas décadas.

Existem 6 igrejas no povoado: Católica, Adventista, Presbiteriana, Esotérica, Assembléia de Deus e Batista.

#### VI - 1.4. SANTA LUZIA DO CÓRREGO AZUL

A aproximadamente treze quilômetros da vila de Santa Agostinho, por estrada não pavimentada chega-se ao povoado de Santa Luzia do Córrego Azul. Ele está localizado no extremo noroeste do município de Barra de São Francisco, próximo à divisa com o município de Ecoporanga e o Estado de Minas Gerais. Por algum tempo essa área era contestada.

A região apresenta um relevo acidentado, com a presença de formações rochosas como a Pedra Azul na divisa com o Estado de Minas Gerais.

Quando se chega ao povoado vislumbra-se uma bela paisagem, formada por duas grandes formações rochosas paralelas e a várzea do Córrego Azul entre elas. É aí que se desenvolve o sítio urbano, formado por uma rua paralela ao Córrego Azul que é a principal, e outras duas menores que chegam à essa.

O nome do povoado é devido ao nome do córrego que o atravessa e da padroeira do local. Córrego Azul, porque essa cor transparece quando os raios de sol penetram por entre a mata até o rio, formando um belo espetáculo de luz.

Olegário Martins, um dos primeiros moradores do local, possuía uma imagem de Santa Luzia em sua casa. Quando os moradores resolveram construir a igreja, a imagem foi doada por **seu** Olegário.

Juntamente com **seu** Olegário chegou Júlio de Paula Martins. Eles vieram de Conceição das Laranjeiras e Galiléia, localidades próximas a Conselheiro Pena, por volta de 1952, quando a região ainda pertencia a Minas Gerais.

Nessa época, a região era toda coberta por matas, com grande quantidade de madeiras nobres. As primeiras famílias chegavam, ocupavam um pedaço de terra, desmatando uma certa área. A madeira retirada era vendida a

camioneiros que faziam o transporte para Governador Valadares. A medida que ia se tirando a madeira o café ia sendo plantado juntamente com o feijão e o milho.

No início do povoado o comércio era insipiente e o acesso era difícil, o que fez com que os moradores passassem **seis meses sem tomar café doce**. O sal era comprado em Itabirinha de Mantena.

Hoje o comércio local se resume ao atendimento das primeiras necessidades, contando com uma farmácia, duas lojas de tecidos, quatro vendas de gêneros alimentícios e cinco botecos. O comércio mais especializado é feito em Barra de São Francisco e Itabirinha de Mantena.

A principal cultura da região (atualmente) é o café e tem como produtos secundários o arroz, o milho, feijão e a pecuária. O café é beneficiado no próprio local.

O arroz, o milho e o feijão são plantados geralmente em parceria, no regime de meia.

A maioria dos moradores do povoado são meeiros, existindo também muitos diaristas e alguns pequenos proprietários.

No entorno do povoado predominam as pequenas e médias propriedades, tendo no entanto, uma grande propriedade que exerce influência direta no local.

É a propriedade do Sr. Dirceu Vitorino que tem como atividade principal o café, mas também explora a madeira. Ele é dono das terras ao redor do povoado e quase todos os diaristas dependem dele para arranjar trabalho. Na época da safra ele emprega aproximadamente 500 diaristas vindos principalmente das localidades mineiras vizinhas de Fidelândia, Ouro Verde e

Ataléia.

Muitos dos trabalhadores que vêm para trabalhar na colheita acabam ficando no povoado para morar, pois no local tem possibilidade de se arranjar trabalho o ano inteiro. No entanto, a rotatividade é muito grande, o que pode ser comprovado pela grande evasão na escola local causada pela mudança dos diaristas em busca de um outro trabalho. Existem também as transferências para Vitória e Rondônia. Neste caso são os pequenos proprietários que vendem suas terras e vão embora.

A Escola de 1º Grau Olegário Martins atende da 1ª a 8ª série, e matriculou 277 alunos no início de 1984, sendo que somente 192 alunos chegaram até o final do ano letivo.

No povoado não existe Posto Médico e, quando o problema não é **resolvido** na farmácia, tem que se buscar maiores recursos em Itabirinha de Mantena ou Barra de São Francisco.

Não chega jornal e não existe posto telefônico ou de correios. A TV Gazeta não tem uma boa transmissão no local, mas no entanto a TV Globo de Minas pega muito bem.

A água utilizada pela população é obtida através de poços particulares e os esgotos são jogados diretamente no córrego, sendo essas ligações feitas pelos próprios moradores. Já teve muitos casos de esquistossomose na região.

As ruas não são pavimentadas e não é feita coleta de lixo domiciliar.

Santa Luzia do Córrego Azul se liga por ônibus a outras localidades através de duas linhas que partem do povoado, sendo uma para da sede do município e outra para Itabirinha de Mantena-MG, e outra linha que faz a ligação Novo Horizonte-Mantena.

## VI - 1.5. MONTE SENIR

O povoado de Monte Senir é cortado pela rodovia estadual ES 080, Rodovia do Café, que é pavimentada no trecho de Colatina a Barra de São Francisco, distando o povoado aproximadamente 20km da sede. O povoado se desenvolve justamente no ponto onde a estrada faz um curva acentuada, tipo **cotovelo**, existindo ainda algumas ruas tanto de um lado como do outro da rodovia.

O relevo da região se apresenta ondulado, sendo o sítio urbano de Monte Senir caracterizado por uma área plana onde se distribuem as ruas e as casas, rodeado de morros, sendo uns de pedra e outros de solo propício ao desenvolvimento de culturas agrícolas como pode ser notado nas belas plantações de café.

Antes de se formar o patrimônio o local era denominado Santo Antônio, pois fica bem próximo dali a cabeceira do córrego Santo Antônio que também passa pelo povoado. Com a implantação do loteamento e sua ocupação, surgiu a primeira igreja, a Igreja Batista de Monte Senir. Assim, os moradores locais e da região passaram a chamar o povoado pelo nome da igreja que frequentavam.

**Seu** Horácio Portilho da Silva é de Mar de Espanha e foi para Chalé, ambos no Estado de Minas Gerais, em 1944. Ele chegou nessa região em 1945 e nos conta que o patrimônio surgiu por volta de 1954, quando José Andrade loteou um pequeno pedaço de terra da herança deixada pelo seu pai, Francisco Lourenço Andrade, que era proprietário de toda essa região. Muita gente veio de Aimorés, Lajinha, Alegre e outros locais, passando a morar no patrimônio. Dentre essas pessoas que vieram, Antônio Rodrigues numa época e Isaldino Bretas em outra, compraram partes do loteamento para depois revenderam aos que chegavam. Como diz **seu Horácio**, "só gente pobre vem pro meio do mato, pra morar em patrimônio" e "aqui nunca foi muito animado". A região era só mata e era abundante em madeiras nobres, o

acesso era difícil e as estradas iam sendo abertas principalmente pela necessidade de transporte da madeira retirada. Ao povoado chegavam muitos compradores que levavam a madeira para Colatina.

Hoje a economia local gira principalmente em torno do café Conilon, principal gerador de renda, sendo também produzido feijão, milho e arroz. Esses últimos são quase sempre plantados no regime de parceria, neste caso predominando a meia. O café, que como os outros produtos é vendido em Barra de São Francisco e Colatina, utiliza também diaristas na época do plantio e da colheita.

A predominância na região é de pequenas propriedades, sendo que muitos desses proprietários moram no povoado. O povoado é também local de moradia de diaristas e meeiros que vão também trabalhar em Cachoeirinha de Itaúna e na localidade de Ebenezer em São Gabriel da Palha.

O comércio do povoado é muito precário, contando com duas vendas e um bar que oferecem somente gêneros de primeira necessidade. Para se abastecer com produtos mais específicos, a população tem que se deslocar até a cidade de Barra de São Francisco.

Quanto aos serviços existentes, no setor educacional a Escola de 1º Grau Monte Senir funciona da 1ª à 8ª série, tendo matriculado 247 alunos em 1984. Sem posto bancário no povoado, os proprietários utilizam o crédito agrícola através do Banco do Brasil e do BRADESCO na sede do município. Como não existe nenhum tipo de atendimento médico, os moradores têm que ser atendidos em Barra de São Francisco.

Não existe um posto de correio ou telefônico, nem recebem qualquer jornal no povoado, somente recebem bem os sinais de rádio e televisão.

Os moradores de Monte Senir não têm problemas de deslocamento pois, estando à beira da rodovia, podem utilizar os transportes coletivos que se dirigem para Barra de São Francisco. O mesmo não acontece com os servi

ços de água e esgoto, onde cada morador tem que dar uma solução. Assim, para o abastecimento d'água, os que têm maior poder aquisitivo constroem poços, e os que não podem fazer o mesmo, pedem água para beber e cozinhar ao vizinho e utilizam água do córrego para limpeza. Quanto ao esgoto, a maioria utiliza fossa, mas quem mora perto do córrego joga direto nele.

A energia elétrica foi instalada pela ESCELSA há aproximadamente 8 anos e não apresenta problemas. A limpeza das ruas, que não são pavimentadas, e a coleta de lixo domiciliar é feita por dois encarregados da prefeitura.

Monte Senir não apresentou grande variação populacional no período 80-84, pois passou de 377 para 403 habitantes. Nesse período, várias famílias deixaram o povoado em direção a Rondônia, acontecendo também caso de antigos moradores que retornam de Vitória para o povoado. Segundo declarações dos próprios moradores, não houve novas construções nos últimos 3 anos.

Analisando a economia local verifica-se que as perspectivas de crescimento demográfico do povoado nas próximas décadas são bem pequenas, não devendo apresentar grandes alterações no número de habitantes.

Os afazeres da população de Monte Senir se dividem entre o trabalho no campo, os jogos de futebol aos domingos, as rezas nas três igrejas existentes (Batista, Católica e Assembléia de Deus) e outras atividades, como a formação de grupo de teatro infantil e outras atividades através da Igreja Católica. O acontecimento mais importante no povoado é a festa da padroeira do local, que é Santa Luzia, onde, durante quatro dias, são realizados cultos ecumênicos, torneios de futebol, bringos e instaladas várias barraguinhas.

## VI - 2.

MUNICÍPIO DE ECOPORANGA

---

## VI - 2.1. ITAPEBA

Situado às margens do rio Cotaxé, o povoado de Itapeba, no município de Ecoporanga, dista aproximadamente 30km da sede, sendo que o acesso pode ser feito tanto por Imburana pela ES 320 quanto por Joaçuba, através de estradas vicinais. O único meio de transporte coletivo existente é o ônibus que faz a ligação do povoado com a sede.

O sítio urbano do povoado se caracteriza por uma rua plana à beira do rio Cotaxé, e outras que dão acesso à Igreja e à escola, que se localizam num plano mais elevado.

Itapeba, um local muito pobre, é habitado, na sua maioria, por trabalhadores que são pagos por seu trabalho diário. Os valores pagos aos diaristas são os mais baixos da região, sendo que as mulheres recebem menos que os homens.

O povoado que, segundo próprios moradores, já foi **muito animado**, palavras que mostram como foi o dinamismo local, hoje se encontra numa total desolação, sendo que os pequenos proprietários que moravam ao redor, na sua maioria já deixaram a região, indo para Belém do Pará e, atualmente com grande intensidade, para Rondônia.

O comércio existente no povoado se restringe a uma venda e um boteco, que vendem produtos de primeira necessidade, a preços elevados, levando os moradores a fazerem as compras maiores na sede do município.

O surgimento do aglomerado, que já teve o nome de Itupeba, se deu há aproximadamente 30 anos, quando os Srs. Geraldino e Manoel Bahia doaram as terras para formar o patrimônio. Estes, tempos depois, venderam suas

terras e foram para o Mato Grosso e Belém, respectivamente. Os pequenos proprietários residentes no local viviam basicamente das culturas de milho, feijão e arroz e o dinamismo também era dado pela madeira explorada na região que era levada para Colatina.

Na **época áurea**, o povoado contava com farmácia, pensão, casa de tecidos e muitas casas de comércio de secos e molhados.

Com a forte concentração de terras e devido à sua inserção no complexo de pecuária do norte do Estado, Itapeba é hoje um local muito pobre, não se inserindo na rede urbana do Espírito Santo. A população que era de 255 habitantes em 1980, passa para 154 em 1984, apresentando um crescimento negativo que deverá continuar até o ano 2010, quando a população projetada é de 118 habitantes.

Os serviços e a infra-estrutura do aglomerado são precários, refletindo a situação em que se encontra hoje. A Escola Unidocente Itapeba atende da 1ª à 4ª série, com um total de 81 alunos matriculados no ano de 1984. Não existe atendimento médico no povoado, nem tão pouco um mini-posto de saúde para atendimento de urgência. Os meios de comunicação são o rádio e a televisão, que todavia não tem uma boa transmissão, contando o povoado com 06 aparelhos. A correspondência tem que ser buscada em Ecoporanga.

Não existe sistema de abastecimento de água, sendo que os moradores utilizam a água do rio Cotaxé para uso geral e, para beber, fazem uso de dois poços particulares.

Sem um sistema de abastecimento de água reguer, as águas utilizadas são jogadas diretamente no rio Cotaxé ou correm pelas ruas livremente. As ruas não são pavimentadas nem há coleta de lixo.

Esse quadro se reflete na saúde da população, pois já foram constatados muitos casos de esquistossomose e a incidência de verminose é muito grande.

## VI - 2.2. MURITIBA

Muritiba se localiza no norte do município de Ecoporanga, bem próximo à divisa com o Estado de Minas Gerais. O povoado se encontra na estrada que faz a ligação da sede com o município mineiro de Carlos Chagas, distando da sede aproximadamente 55km.

A região apresenta um relevo suave e o povoado se desenvolve numa área às margens do córrego Muritiba, que é afluente do rio Cotaxé (braço norte do rio São Mateus). O traçado das ruas é regular e apresenta três ruas paralelas ao curso do rio e outras três perpendiculares, sendo que a topografia dessa área apresenta ondulações. O povoado está sujeito a inundações, tendo sido bastante castigado, na sua parte mais baixa, na enchente de 1979.

A origem do povoado remonta a 1960, quando a região ainda pertencia a Minas Gerais e o **seu** Estevão doou 5 alq. de terra a Antonio Pereira, prefeito de Ataléia na época. No local já havia uma venda que atendia aos **tiradores de madeira** da região. Esses abriam as estradas à medida que retiravam a madeira, sendo a Firma Alves Marques a que atuava na região. Depois de doada a terra o prefeito construiu a igreja, o mercado e a escola. Muitos proprietários da região, pequenos e médios, passaram a morar no povoado e aí se desenvolveu um comércio ativo, contando inclusive com farmácia e loja de tecidos. Na década de 70, com a desestruturação da economia da região os pequenos proprietários venderam as suas terras e foram para o Mato Grosso e o Pará. Mais recentemente esse êxodo tem sido em direção a Rondônia. Com a forte concentração de terras e a denominação da pecuária extensiva, o povoado decaiu, são fechadas várias casas de comércios e muitas residências ficam vazias.

Hoje o comércio se restringe a três vendas e um boteco, que vendem somente os produtos essenciais. Os moradores são na grande maioria trabalhadores diaristas. Dentro desse quadro, Muritiba é hoje um povoado estacionado, sem perspectivas de crescimento. A sua população que em 1980

era de 272 habitantes, em 1984 apresentava cerca de 255 habitantes, de vendo apresentar crescimento negativo nas próximas décadas.

A Escola Unidocente de Muritiba, que atende da 1ª à 4ª série e ao pré-escolar, apresentou uma grande evasão em 1984, tendo matriculado 107 alu nos no início do ano e somente 78 chegaram até o final. O prédio onde funciona a escola está em péssimas condições, havendo, no entanto, a possibilidade de que seja construído um novo prédio em curto espaço de tempo. Outro problema é a merenda escolar que tem faltado muito, nece sitando portanto de grande incentivo para as crianças irem à aula. Assim, a frequência é bem reduzida.

Os problemas de saúde no povoado são significantes, sendo constatado foco de esquistossomose. Algumas medidas foram tomadas para combater esse problema, mas esse pode persistir pois no povoado não existe qualquer tipo de atendimento médico. O problema se agrava ainda mais porque não existe sistema de abastecimento de água ou de esgoto e os moradores utili zam a água do córrego. Somente a água para beber é retirada de dois ra ros poços existentes e que pertencem a particulares. Quanto ao esgoto, somente alguns moradores possuem fossa.

As ruas do povoado não são pavimentadas e a limpeza dessas e a coleta de lixo domiciliar é feita por um encarregado da prefeitura.

A energia elétrica foi implantada em 1978 e não apresenta problemas. No povoado é captada a imagem da TV Gazeta e não existe posto telefônico nem de correio. O ônibus que faz a ligação de Ecoporanga com Carlos Cha gas passa por Muritiba, existindo também uma linha que liga o povoado à sede.

## VI - 2.3. PRATA DOS BAIANOS OU VILA PRATA

Localizado na parte oeste do município de Ecoporanga, a aproximadamente 30km da sede está o povoado de Prata dos Baianos. Além de estrada, não pavimentada, que liga o povoado à sede, o acesso ao povoado pode ser feito pela rodovia ES 080 e, na localidade de Santo Agostinho, em Barra de São Francisco, torna-se uma estrada vicinal que acompanha num trecho o córrego Santo Agostinho e em outra, o córrego das Almas.

O sítio urbano se desenvolve numa área que tem uma parte plana e outra mais elevada, com algumas ruas em aclive. Contornando essa área, encontram-se o rio da Prata e o córrego das Almas, que é afluente do primeiro. A praça do local é na verdade um grande largo, uma área descampada, que está situada junto à rua Principal.

Em uma das duas vendas do local, conversamos com o seu proprietário, **seu** Daniel Borges de Athaide e sua companheira Valdina Pereira de Souza. **Seu** Daniel é também o Juiz de Paz e chegou na Prata em 1956. Antes de chegar **seu** Daniel, que é de Rio Novo do Sul e filho de pais pobres, morou em Vitória, Conselheiro Pena e Matenópolis, onde comprou terras. Na época da sua chegada já existia comércio e muitas casas, e foi instalada uma serraria por pessoas que vieram de Minas Gerais, sendo essa fechada por volta de 1965. A mata já tinha sido bastante devastada e as pessoas que moravam no povoado tinham o seu pedacinho de terra e plantavam o feijão e o milho. Nessa mesma época já existia a estrada para Ecoporanga e para Mantena onde seguia o maior fluxo.

**Seu** Daniel lembra também das histórias que os antigos moradores contavam da época em que esses chegaram. Eles tinham que buscar comida em Teófilo Otoni e para chegar lá tinham que ir a pé, através de picadas nas matas.

Um dos mais antigos moradores da Prata é o **seu** Otaviano Francisco da Costa, um baiano que ali chegou quando ainda era mata pura, há aproximadamente 50 anos.

O comércio do povoado, que hoje se restringe a duas vendas de gêneros de primeira necessidade, já que foi bem dinâmico, chegando a ter 22 estabelecimentos comerciais.

A pequena fábrica de telhas e lajotas existente não tem uma produção constante, assim como também não são constantes os três empregados. O material produzido é vendido nas propriedades vizinhas, para fazer cocheiras, e em Ecoporanga. Os donos estão desistindo do negócio, estão querendo vender tudo e ir embora para Rondônia.

Pois foi isso que fizeram vários pequenos proprietários dos arredores, que venderam suas terras para os grandes proprietários e foram para Rondônia.

A economia da região é formada, basicamente na pecuária, tendo como culturas secundárias o café, o milho e o feijão. Como a maioria da população do povoado é trabalhadora diarista e a pecuária não tem necessidade de muita mão-de-obra, os trabalhadores tem que se deslocarem para as fazendas de café na região próxima ou no município vizinho de Barra de São Francisco. Nos últimos dois anos, os grandes proprietários de fazendas de gado estão cedendo uma pequena parte de suas terras para ser plantada em parceria, numa tentativa de manter alguns trabalhadores no local, para atender à sua necessidade.

Prata dos Baianos tem atualmente cerca de 830 habitantes e muitas casas vazias e pode-se constatar que, devido as características da economia local, a tendência é que nas próximas décadas a população diminua um pouco.

Quanto aos serviços oferecidos no povoado, pode-se constatar muitas deficiências. A Escola de 1º Grau Prata dos Baianos, que funciona da 1ª à 8ª série e matriculou 238 alunos em 1984, atende principalmente aos que moram no povoado e redondezas. Aí ocorre uma evasão muito grande na 1ª e 2ª séries e é grande também o número de faltosos na época da colheita de café.

O único meio de atendimento, no caso de alguns problemas de saúde, é com

um tratador, dono da farmácia local, pois no povoado não existe um posto de saúde e qualquer caso mais grave ou específico tem que ser atendido em Ecoporanga.

Não tem posto telefônico nem de correios, sendo a correspondência encaminhada para a venda do seu Daniel, que também vende selos. No povoado são captados os sinais da TV Globo de Minas.

Atualmente, para se abastecer de água, alguns moradores têm cisternas e outros utilizam a água do córrego. O abastecimento de água é um dos grandes problemas do povoado, no entanto, a CESAN está implantando um sistema de abastecimento adequado.

Quanto aos esgotos gerados, são jogados em fossas em alguns casos, ou, aqueles que não têm condições de construí-las, jogam os dejetos diretamente na rua.

A limpeza das ruas, que não são pavimentadas, é feita por um funcionário da prefeitura que também tem a função de cuidar do cemitério local.

Prata dos Baianos é ligada através de ônibus com Ecoporanga e Barra de São Francisco.

#### VI - 2.4. SANTA RITA

Santa Rita está situada na região norte do município, considerada das mais pobres de Ecoporanga. Por uma estrada vicinal com aproximadamente 13km, o povoado está ligado a BR 342 (não pavimentada) que por sua vez o liga a sede do município.

O povoado está acentado numa região plana e sua malha urbana é formada, basicamente, por duas largas ruas, sendo uma a estrada que corta o povoado. Estas estão ligadas entre si por três vias pequenas, que atravessam o córrego de Santa Rita, que divide o povoado.

Segundo **Seu** José de Oliveira, vindo de Conselheiro Pena e a 21 anos no povoado, **tudo começou aqui** quando o **Velho** Franklin e **Seu** Mazílio doaram a área para a implantação do patrimônio, há cerca de 40 anos atrás.

Nas primeiras décadas de sua existência o povoado vivia da extração de madeira, foi uma época próspera mas curta. Logo após, a pecuária de grandes propriedades começou a sua expansão na região, tornando-se a base da economia.

Hoje apesar da pecuária extensiva do local, encontramos como cultura secundária o café, milho, feijão e arroz.

A maioria da população local é diarista e os poucos pequenos proprietários que existiam migram para o norte do país, Rondônia principalmente, devido a isto é comum encontrar no povoado casas fechadas e até mesmo caindo aos pedaços.

Há somente uma venda que não consegue cobrir as necessidades da comunidade. Geralmente o carro que transporta a produção de leite faz compras coletivas em Ecoporanga e chega também a ser meio de transporte coletivo uma vez que o povoado não é servido por linha de ônibus.

Como era de se esperar, no povoado não foi encontrado nenhum equipamento sócio-comunitário exceto a Escola Unidoscente de Santa Rita (1ª à 4ª séries) que tem enfrentado problemas de evasão de alunos e baixa frequência na época da colheita do café, uma vez que as crianças cedo começam a trabalhar para aumentar a renda familiar.

Não há abastecimento d'água por rede ou poço, sendo usada água de péssima qualidade do córrego Santa Rita. Como consequência Santa Rita é hoje um dos maiores focos de esquistossomose do município merecendo cuidados contínuos da SUCAM.

Considerando este quadro desanimador e as projeções populacionais, podemos dizer que Santa Rita não irá crescer nas próximas décadas, havendo

queda de população.

#### VI - 2.5. SANTA TEREZINHA

A beira da rodovia ES 320 e cercada por belas formações rochosas está o povoado de Santa Terezinha, com cerca de 400 habitantes. Está localizada no extremo sul do município de Ecoporanga e a 20km aproximadamente do distrito sede.

Santa Terezinha ocupa o pequeno vale do córrego de mesmo nome e cresce para as encostas deste vale. Seu traçado urbano é regular, com duas ruas paralelas ao córrego de Santa Terezinha ligadas por outras duas ruas e caminhos que formam o centro comercial e de atividades.

Segundo **Seu** Belarmino Manoel de Souza, vindo de Aimorés e no povoado a 36 anos, a ocupação teve início há cerca de 40 anos quando foram doadas as terras para ali se estabelecer o **patrimônio**. O doador foi **Seu** Gemíno Rodrigues Campos que, vindo de Resplendor, comprou as terras para comercialização da madeira de lei, abundantes na época. Logo mais tarde foi aberta a estrada para o transporte da madeira.

Atualmente o povoado tem sua economia baseada na cultura do café, milho e arroz e conta com uma máquina de beneficiar arroz e outra de café.

A grande maioria de seus moradores são diaristas e os pequenos proprietários das redondezas estão vendendo suas terras e emigrando para o norte do país, principalmente Rondônia.

Apesar deste êxodo, que teve início nos primeiros anos desta década, o povoado não chegou a perder população uma vez que outras famílias ali estão se estabelecendo em terrenos cedidos pela prefeitura.

O comércio local, como na grande maioria dos povoados é incipiente, en

contra-se somente gêneros de primeira necessidade. Cabe ressaltar, a existência de uma farmácia.

Além da Escola de 1º Grau Santa Terezinha (1ª à 8ª série) não há nenhum outro equipamento sócio-comunitário, e é reivindicação prioritárias da comunidade um posto de saúde. Casos de esquistossomose e verminose aparecem com frequência o que provocou cuidados especiais da SUCAM no início do ano.

No que tange a infra-estrutura urbana, Santa Terezinha não foge a regra. Não há rede de abastecimento d'água, a população é servida por cisternas sem proteção o que é causa do alto índice de verminose. Na inexistência de esgotamento sanitário a população utiliza fossas ou canaliza seus dejetos para o córrego. A energia elétrica é o único serviço que atende com eficiência o povoado.

Quanto ao transporte coletivo, o povoado é bem servido devido a sua localização a beira da rodovia ES 320. Todos ônibus para Ecoporanga fazem ponto no povoado.

A perspectiva levantada para Santa Terezinha nos próximas décadas é de crescimento, segundo os cálculos de projeção populacional.

#### VI - 2.6. SÃO GERALDO

A beira do córrego Explosão, afluente do rio Cotaxé, está o povoado de São Geraldo, no município de Ecoporanga. Para se chegar lá, só se for com transporte próprio ou a pé, pois não existe transporte coletivo para lá. Os moradores se deslocam a pé por cerca de 15km até Imburana e de lá tomam um ônibus. O acesso a São Geraldo é feito pela rodovia ES 320 até Imburana, percorrendo um trecho não pavimentado de aproximadamente 25km a partir da sede, e de Imburana por estrada vicinal.

A única rua existente no povoado acompanha o córrego Explosão e a meia altura dessa rua encontramos ao seu lado o campo de futebol, com a igreja e a escola ao fundo.

O povoado de São Geraldo surgiu com o loteamento feito por seu Peri, em parte das terras compradas de seu João Raimundo, no início da década de 50. Nessa época tinha muita madeira na região, principalmente peroba, e vinham compradores de Colatina, principalmente das firmas CEMA, MAIA e Vivácqua.

Por volta de 1954 foi construída a igreja com a ajuda de Sebastião Dias. Para tomar conta da igreja foi para o povoado o Padre Fernando, que levou consigo a imagem de São Geraldo, que deu nome ao povoado. No entanto, antes desse nome o povoado era chamado de Mata-Dois, devido a um crime ocorrido no local onde mataram um casal que estava se mudando para lá e levavam dinheiro para comprar terras.

Em 1964 seu Luis construiu a primeira escola, e era ele quem dava aula para todas as turmas.

O povoado já teve farmácia, boas lojas e bares, mas hoje o comércio é muito restrito e os moradores têm que fazer as suas compras em Ecoporanga.

São Geraldo se insere na região de pecuária do norte do Estado, onde também são cultivados o feijão, o milho, o arroz, a mandioca e, em menor escala, o café. Essas culturas são desenvolvidas tanto nas grandes como nas médias e pequenas propriedades, sendo nessa última, plantado para subsistência e nas anteriores como complemento da renda. Essas lavouras são cultivadas pela mão-de-obra familiar ou parceria, utilizando também o trabalhador diarista, que constitui a grande maioria dos moradores do povoado.

Nos últimos anos o povoado começou a perder parte de seu contingente popu

lacional, os diaristas migrando para Ecoporanga e para Rondônia estão indo os pequenos proprietários.

Quanto a infra-estrutura e equipamentos sócio-comunitários o povoado é bastante deficitário. Para se abastecer de água potável a população se utiliza de um dos dois poços existentes. O esgoto é jogado a céu aberto quando não há fossas negras. A falta de saneamento básica faz deste povoado um grande foco de esquistossome e verminoses.

Esta situação é agravada pela total falta de atendimento médico, tendo as moradores que se deslocarem para Ecoporanga.

Tendo em vista a situação descrita, pode-se prever a estagnação ou decréscimo populacional para São Geraldo nas próximas décadas.

#### VI - 2.7. RIBEIRÃOZINHO

Ribeirãozinho é um pequeno povoado que dista cerca de 20km da sede do município de Ecoporanga, através da estrada não pavimentada que liga Ecoporanga à cidade de Ataléia em Minas Gerais, na direção noroeste. Somente uma linha de ônibus faz a ligação do povoado com a sede, uma vez por semana.

Na baixada do córrego Ribeirãozinho se desenvolve o povoado, que é formado por duas ruas por onde se distribuem os 63 prédios existentes, dentre eles a igreja e a escola.

Encontramos pela rua seu Francisco José Damasceno, que muitas lembranças tinha da época áurea do povoado. Seu Francisco chegou de Vitória da Conquista, na Bahia, há 33 anos e lembra que naquela época tinha cartório, açougue e a grande maioria dos moradores tinham a sua terra para plantar a mandioca, o milho e ainda o feijão. Segundo seu Francisco, foi ele quem introduziu essa cultura na região. Naquela época, Ribeirão

zinho era maior que Ecoporanga que tinha somente 15 casas e a ligação entre os dois lugares era feita através de picada na vasta mata que cobria a região.

A economia da região hoje, se baseia principalmente na pecuária extensiva, tendo o café, o feijão e milho como culturas secundárias. Os moradores do povoado, que são na sua maioria trabalhadores diaristas, vivem em função dessa produção e também são deslocados por grandes fazendeiros de café da região próxima, na época da colheita.

É em Ecoporanga que os habitantes de Ribeirãozinho fazem as compras maiores, pois lá o comércio é muito pequeno, oferecendo somente gêneros de primeira necessidade.

Refletindo a falta de infra-estrutura e de serviços de saúde, é grande a incidência de esquistossomose no povoado, não havendo também um controle frequente do problema. Como não há um sistema de abastecimento de água nem de coleta de esgotos, os moradores utilizam o córrego tanto para tirar a água de uso geral como para jogar os esgotos. Poucas são as casas que utilizam água de mina ou constroem fossas. Assim, será muito difícil controlar o problema.

Quanto à educação, a Escola Unidoscente de Ribeirãozinho atende da 1ª à 4ª série e apresenta, como na maioria das escolas, o grande problema de falta às aulas na época da colheita. Outro problema é merenda escolar que às vezes falta ou então, quando a prefeitura não contrata ninguém para preparar essa merenda, é a própria professora que a prepara enquanto dá a aula.

O povoado está em decadência e assim deve continuar.

## VI - 3.1. CEDROLÂNDIA

Um dos mais belos povoados pesquisados pelo Projeto Estudos Populacionais, Cedrolândia representa uma época de grandeza, não de tamanho, mas de equilíbrio entre o homem e a natureza, a partir do seu dimensionamento espacial, na arquitetura e, logicamente, no contexto natural, da área onde se ergue o aglomerado. Situado na região sudoeste do município de Nova Venécia, na estrada que liga a ES 137 à ES 080, cortando todo o sul do município. Dista pouco mais de 5km da sede do distrito a qual pertence, Guararema e 10km da ES 080 e a pouco mais de 30km de Barra de São Francisco. O sítio se insere numa região plana, cercada de pequenas colinas e pedras, que lhe dão uma aparência bucólica onde existia a mata de madeiras nobres, hoje se espalham plantações de arroz, feijão, milho e café; em alguns estabelecimentos aparecem criação de gado; completando o quadro, corre mensalmente o córrego do Cedro, responsável pelo abastecimento de água e fertilidade do solo de Cedrolândia.

Quem detém a memória histórica do povoado, é o Sr. Isaltino, agricultor, proprietário de 40 alq. de terra, trabalhador que chegou ao local em 1942, vindo de Iúna, no sul do Estado quando havia apenas duas casas e o povoamento se iniciava. As terras do patrimônio, pertenciam ao fazendeiro José Venâncio do Amaral, que fez o loteamento e doação de terrenos para a construção da Igreja e da escola. Nessa época, o patrimônio era cercado pela mais bela mata possível, com imensas árvores, que foram sendo abatidas, dando lugar as plantações e as fazendas. Peroba, Jacarandá, Jequitibá e Cedro, eram algumas das árvores que rodeavam o pequeno aglomerado. Diz eu Isaltino, que tinha tanta mata de madeira, que numa visita de Floriano Rubim, este escolheu o nome para o patrimônio, homenageando a abundância madeireira, batizando-o de Cedrolândia. Junto às grandes árvores, era nativo na região, a planta conhecida como **poaya**, muito consumida na época, para fazer remédio e tomar como droga estimulante; acontece que chegavam muitas pessoas de outros locais, para apanhar a erva e vender. A medida que se limpava o terreno, plantavam café, milho, arroz, feijão, que demorava até 3 anos para colher, como atesta seu Isaltino. O café progrediu e o povoado também, vários esta

belecimentos comerciais foram sendo inaugurados. Interessante, que essas Lojas estão até hoje intáctas, mas fechadas. Essas construções são to das juntas umas das outras, na via principal, que é muito larga, dando uma aparência de cidade antiga. Cedrolândia conviveu com um período de abundância, quando, quem trabalhava vivia bem. Até que chegou a erradicação do café e todo mundo arrancou suas plantações e mudou toda a estrutura que vinha sendo sedimentada. O povo se **arrancou**, já não existia mais trabalho para todos, muitos foram embora para Vitória, e grande número para o Paraná, ponto para o qual que se deslocaram milhares de capixaba, após a erradicação. Sua população gira em torno de 370 pessoas; existem 89 domicílios, 9 residências conjugadas com comércio e 23 outros prédios, entre igrejas, comércios, muitos deles fechados. Sua conformação econômica é toda voltada para o setor primário, onde o café se destaca como a principal cultura. Há ainda, no entorno, lavouras de milho, arroz e feijão; e ainda criação de gado, mas em escala menor. A retomada do café, teve início em fins da década de setenta. Apresenta em sua força de trabalho meeiros e diaristas, e os estabelecimentos são de pequeno a grande porte. Ainda tem muita gente emigrando, principalmente para Rondônia. No povoado há uma Máquina de Café e de Arroz, sendo previsto a instalação de uma outra, para o beneficiamento do produto, que é escoado para o sul, pela ES 080 e para Barra de São Francisco. O comércio apresenta um dinamismo de bens para subsistência, sendo polarizado por Barra de São Francisco em relação ao consumo superior. Conta com 8 estabelecimentos, quase todos, uma mistura de bar-mercearia, sendo um, de maior porte, com vendas de confecções, sapatos e utensílios domésticos. Conta também com uma farmácia. Um detalhe é o número de Igrejas existentes, ao todo são 3: Católica, Adventista e Batista.

A CESAN está presente no povoado, um dos poucos do Estado que conta com essa infra-estrutura. A água é captada do Córrego do Cedro, para a caixa onde é tratada e distribuída à população. Mantém análise em Nova Venécia, a partir de coleta de amostra feita de 2 em 2 meses. Segundo a população, é satisfatório o abastecimento. A energia elétrica, atende a maioria das residências de Cedrolândia, apenas as casas mais afastadas

e de menor poder aquisitivo, não se beneficiam com a energia. O mesmo não acontece em relação ao esgoto doméstico. Não há rede e a comunidade tem que se virar para dar um fim nos dejetos. A maioria constrói rede particular em direção ao córrego, ou fazem fossas nos fundos das residências. A coleta de lixo, é feita diariamente por dois funcionários da prefeitura, que além de varrerem as ruas, transportam o lixo acumulado das casas para um local próximo ao córrego onde o depositam, a céu aberto. Dentre as reivindicações da comunidade de Cedrolândia, está o calçamento de, pelo menos a rua principal, já que não há qualquer pavimentação das vias, e ocorre que, quando chove, como foi na visita da equipe do projeto, as ruas ficam intransitáveis, devido a lama acumulada nas ruas, pois não existe drenagem das mesmas. Cedrolândia é servida por duas linhas de transporte coletivo para Nova Venécia e Barra de São Francisco, via o distrito de Guararema, porém encontra os mesmos problemas quando chove muito e o ônibus não passa pelo povoado, dando a volta pelo asfalto. No setor de educação, existe apenas um estabelecimento de ensino, a **Escola de 1º Grau de Cedrolândia**, atendendo da 1ª à 8ª série. Os estudantes são moradores do próprio povoado e também, filhos de agricultores, que andam por dia mais de duas horas a pé para assistirem as aulas. Nas épocas de colheita, acontece uma forte evasão de alunos que vão trabalhar com a família, e o estudo passa a ser segundo plano. O prédio da escola é muito bom, diferente da maioria do interior. Conta com uma biblioteca bem estruturada para o meio, com uma boa quantidade de livros e, convém lembrar as boas intenções das professoras em levar a seus alunos um pouco do conhecimento através da literatura.

Uma grande falha na parte de equipamentos comunitários, é a não existência de um posto de saúde para a população, que contam apenas com uma farmácia, para os primeiros socorros. Em casos mais graves, os habitantes se dirigem a Guararema, num posto médico ou ao hospital de Barra de São Francisco.

Existe também um posto dos correios e está previsto a instalação de um posto telefônico. Rádio e televisão pegam relativamente bem nos apare

Thos domésticos, mas não recebem jornais ou qualquer outra publicação.

Um dos grandes problemas que passam estas populações, é o que se refere ao lazer, pois a maioria das pessoas começam a trabalhar desde a infância, e é nessa fase que mais se precisa de divertimento. Por isso foi com grande emoção que apreciamos um grupo de garotos, brincando no meio da rua, numa algazarra, daquele joguinho com pedrinhas, conhecido como **belisco**, que lá é praticado usando como pedrinhas, cubos de madeira, como se fosse um encontro dessas crianças com aquele material, que de tanta fartura tinha, hoje sobraram apenas esses deliciosos cubinhos.

#### VI - 3.2. BOA VISTA

Localizado a sudoeste do município de Nova Venécia, Boa Vista se situa as margens da rodovia ES 080, importante via que liga a região de fronteira entre Minas x Espírito Santo, conhecida como **zona do contestado**. O povoado está bem numa curva tipo **cotovelo** da rodovia, distante 2km do povoado de Monte Senir, já no município de Barra de São Francisco. A grande distância entre o povoado e a sede, mais ou menos 60 quilômetros de estrada não pavimentada e a proximidade com a cidade de Barra de São Francisco, pouco mais de 20km por asfalto, faz com que seja maior a ligação sócio-econômica de Boa Vista com Barra de São Francisco. O aglomerado se desenvolveu margeando o Córrego Boa Vista, o casario se espalha pela rodovia, por uma via de calçamento de pedra e por duas vias menores sem calçamento. Isto de um lado do asfalto, já que o aglomerado também se desenvolveu do outro lado onde se encontra algumas moradias. O sítio tem poucas possibilidades de expansão, pois é todo limitado por altas colinas, tendo apenas o leito da rodovia para crescer. O crescimento populacional, apesar de período de desenvolvimento quando do asfaltamento da rodovia há 10 anos, está estagnado em torno de 350 habitantes. Segundo os moradores, muita gente foi embora e poucas vieram morar no povoado.

A formação da comunidade de Boa Vista, teve seu início por volta de 1948, com a chegada das primeiras famílias, vindas de Castelo, Alegre e Minas

Gerais. Entre elas, destacam a família de Joaquim Ferreira da Silva e Sebastião Custódio, que enfrentaram sérias dificuldades, já que a região era só mata, não havendo estradas apenas uma picada que servia como caminho para chegar a área. Nesse tempo moravam umas vinte famílias, que começaram a plantar café, milho, arroz, feijão e criar rebanho bovino. A primeira capela foi erguida em 1949, era de madeira e infelizmente não sobrou vestígios, nem mesmo fotografia da construção. Em 51 foi construída a primeira Escola. Era um tempo muito difícil se fixar na região, pois tinham que andar 18km para conseguir sal e querosene, como contam os moradores do povoado. Em 1959 se iniciou a construção da Igreja que hoje serve a comunidade e que tem muita influência na comunidade, com reuniões, onde são tiradas as reivindicações de melhorias para o povoado. Seu Antônio José, comerciante do local, anda muito revoltado com a administração municipal, isso se deve, segundo ele, a distância do povoado à sede, fazendo com que Boa Vista fique muito isolado, tendo uma ligação maior com Barra de São Francisco, mas dependendo oficialmente de Nova Venécia.

A economia é toda voltada para a produção agropecuária. É formado por pequenos proprietários e por alguns médios com 40 e 50 alq. há muitos meeiros, que residem no aglomerado e cultivam café, milho, arroz e gado. Sendo o café a maior produção. Por estar situada na beira do asfalto, o escoamento da produção é facilitado, indo todo para Barra e Colatina. O próprio produtor vende sua mercadoria. A presença de bóia-fria é detectada somente na época de colheita, porém eles não se fixem no povoado. Após a erradicação do café, houve uma forte emigração para Rondônia, movimento este, acontecido em todo norte do estado. O comércio é formado por duas mercearias, sendo uma delas compradora de café, uma farmácia, um bar, que comercializam produtos de primeira necessidade, deixando o consumo superior para Barra, distante 20 quilômetros pelo asfalto.

O abastecimento de água do povoado é feito pela prefeitura; a água é oriunda do Córrego São Pedro, represada em caixa d'água, tratada e distribuída à comunidade. Poucas residências não contam com esse serviço,

tendo que virarem com poços, cisternas nos fundos das casas, principal<sub>mente</sub> os que moram do outro lado do asfalto. O mesmo acontece com o serviço de esgoto, uma parte é drenado direto para o córrego e a outra utiliza fossa.

O povoado não conta com coleta de lixo, sobrando para cada morador a responsabilidade de dispensar dos restos domésticos. Fora a via asfal<sub>tada</sub>, apenas uma rua conta com calçamento, o restante das ruas são de ter<sub>ra</sub>. Não há drenagem pluvial nas vias de Boa Vista.

Em matéria de transporte coletivo, o povoado é bem servido, devido a sua posição as margens do asfalto. Diariamente há vários horários de ônibus tanto para Vitória, Colatina e Barra de São Francisco. Para a sede do município, Nova Venécia, conta com uma linha diária de transporte, que faz o trajeto passando por Guararema, só que quando chove, não tem condições de tráfego, ocasionando uma grande volta para atingir a sede do município.

Na área de educação, o povoado conta com um estabelecimento, a **Escola de 1º Grau de Boa Vista**, que atende da 1ª à 4ª série, sendo as séries posteriores estudadas em Barra. Em 1984 a escola contou com 68 matrículas. Não existe posto médico, os primeiros socorros são satisfeitos na farmácia local e as urgências em Barra de São Francisco.

## VI - 4.

## MUNICÍPIO DE MANTENÓPOLIS

## VI - 4.1. SÃO JOSÉ

São José de Mantenópolis se encontra na estrada que liga a sede do município a Mantena (Minas Gerais), e dista aproximadamente 10km da sede e 12km da vila de Santa Luzia, também nesta estrada.

O povoado evoluiu numa área com topografia levemente acidentada com grande parte da ocupação implantada em dois morros suaves próximos a uma várzea praticamente desocupada. Há cerca de 3 anos o sítio urbano tem se expandido consideravelmente com a construção de novas moradias em terrenos municipais cedidos pelo prefeito.

No ponto central do povoado a estrada de acesso a Santa Luzia e as outras vias do povoado se encontram formando um largo próximo a igreja católica.

A partir do final da década de 70 com o crescimento da produção cafeeira tornou-se um bolsão de bóias-frias que atende as lavouras de Santa Luzia e da divisa com Pancas. É raro encontrar a parceria como relação de trabalho. Com exceção dos comerciantes ou funcionários públicos todos trabalham no campo inclusive as crianças que chegam a abandonar a escola na época das colheitas.

São José não conta com abastecimento d'água, estando em fase de construção pela CESAN de um poço de captação e posteriormente será construído estação de tratamento e rede de distribuição. Algumas residências da baixada contam com poços particulares e esgotamento sanitário com destino final o córrego que passa pela várzea. Não há pavimentação ou calçadas, mas as ruas são limpas diariamente por um encarregado da prefeitura que remove também os entulhos provenientes das encostas, trazidos pelas chuvas. Praticamente

todas as moradias são servidas pela rede de energia elétrica. Não há posto telefônico nem correio.

No comércio local quatro vendas fazem a comercialização dos gêneros de 1<sup>as</sup> necessidades e o comércio mais especializado é feito em Mantenópolis.

O povoado é servido pelas linhas intermunicipais de ônibus que chegam a Mantenópolis saindo de Vitória (1 horário/dia) Colatina (1 horário/dia) e mais as linhas interestaduais Mantena/Colatina (2 horários/dia) e Mantena/Santa Luzia com retorno por São José de Mantenópolis.

O posto médico existente construído a 3 anos nunca funcionou por falta de recursos humanos e material e hoje é usado como sala de aula. A Escola de 1<sup>o</sup> Grau Luiz Simão funciona do pré-primário até a 5<sup>a</sup> série. Foi observado um grande crescimento número de matrículas no ano de 84 em relação a 83, o que pode confirmar a atração que o povoado exerce, por ser um bolsão de bóias-frias, e a conseqüente expansão do sítio urbano nos últimos anos.

7.

REGIÃO VII - NANUQUE (MG)

---

## VII - 1.

## MUNICÍPIO DE MONTANHA

## VII - 1.1. POVOADO: SÃO SEBASTIÃO DO NORTE

São Sebastião do Norte fica localizado no extremo norte do Estado, perto da divisa com o município de Pedro Canário e com o Estado da Bahia. O acesso, ao povoado, é realizado por quem vem de Vitória, pela BR 101, até o trevo, antes da cidade de Pedro Canário, da ES 209. Essa rodovia liga a BR 101 à Montanha, passando por São Sebastião. Outro caminho passa por Pinheiro/Vinhático, pela rodovia ES 130.

Situado no complexo canavieiro de produção, o aglomerado está cercado por grandes propriedades de plantio de cana. São 90 prédios entre residências, comércios e outros, que abrigam uma população em torno de 305 pessoas. Segundo Antonio Falcheto, um dos mais antigos moradores, a organização urbana iniciou por volta de 1954, quando Antonio Pinheiro loteou parte de sua propriedade de 200 alq. Nesse período a economia do lugar se constituía na retirada da abundante mata, que fornecia madeiras das melhores qualidades. Eram 04 serrarias que atuavam na região, escoando o produto para Nanuque e para o sul. Os primeiros moradores que se fixaram vieram, principalmente de Colatina e Accioli. E foram eles que começaram a cultivar a terra, primeiro plantando as culturas de subsistência, como feijão, milho, mandioca etc. e depois o café, até a erradicação e agora, toda essa região está sendo invadida pela monocultura da cana-de-açúcar, para abastecerem as Usinas que aos poucos vão se criando no norte do estado, para a produção de álcool.

Por essa razão, hoje, o povoado é local de bóias-frias, principalmente nas épocas de plantio e colheita. Nesse período afluem ao povoado centenas de trabalhadores vindos de Pedro Canário, Bahia, Minas Gerais etc. Mas esses trabalhadores não se fixam ali, só ficam o tempo necessário para a atividade. Por isso é normal ver, ao longo das estradas, acampamentos

deles. Nesse momento, uma das fazendas locais, contava com 150 peões acampados em seu território.

O comércio apresenta 06 bar-vendas, que pouca coisa oferecem, somente o necessário, ficando o consumo superior realizado em Montanha.

Funciona a **Escola de 1º Grau de São Sebastião do Norte**, que atende da 1ª a 4ª série. À noite, no mesmo prédio, está em atividade o curso Supletivo, que conta com 3 professores, que vêm de Montanha, diariamente. Um grande problema existente no povoado é o processo de migração dos habitantes para outros estados, como Rondônia, Pará etc.; esse movimento é responsável pela evasão de alunos das escolas, alimentado também pela desistência da educação, por parte dos estudantes, que cedo são obrigados a trabalharem na lavoura, junto com os pais.

Na parte de assistência médica, o Posto Médico existente, atende um único dia por semana, quando variavelmente um médico chega ao povoado. Antigamente existia até farmácia.

Uma novidade neste povoado, é a existência de Posto dos Correios, que fica na responsabilidade de D. Maria Cardoso. Correio, rádio e TV, consistem no canal de comunicação do povoado com o mundo, e também no de lazer.

No setor de infra-estrutura urbana, a situação é muito precária. Não há rede de água, nem de esgoto, nem coleta de lixo. Cada morador tem que se virar como pode, abastecendo num poço, descarregando o esgoto em fossas e queimando o lixo nos fundos das casas. Suas ruas não são drenadas nem pavimentadas, o que ocasionam um grande transtorno na chuva. O mesmo acontece com as estradas, que ficam em estado calamitoso, dificultando o tráfego, inclusive das linhas de ônibus que servem o povoado. E são duas linhas diárias para São Mateus, Nanuque e Montanha.

## VII - 2.

## MUNICÍPIO DE MUCURICI

## VII - 2.1. POVOADO: PONTO BELO

Em 1942, a região onde hoje se localiza o povoado de Ponto Belo, não pas\_sava de uma grande mata, que constituia em mais de 12 léguas de madeira de lei. Quem conta isso é o Sr. Alfredo Wegmaker Junke, que nessa ocasião chegou ao local proveniente de Teófilo Otoni (MG). E foi assim, durante uma con\_versa na porta da casa de seu Alfredo, numa tarde de forte calor, protegi\_do pela sombra, que ele narrou a história e a vida atual de Ponto Belo.

Peroba, Jequitibá, Mogno, Jacarandá, Vinhático e outras qualidades de árvores, eram as vítimas dos madeiros, que aos poucos iam abrindo a mata há lâmina do machado. Não existiam estradas e nem serrarias, por isso era comum levar as árvores abatidas para Nanuque, onde tinha uma grande serra\_ria. Por volta de 1956, chegaram as primeiras carretas para arrastar a ma\_deira. Nessa ocasião, já moravam diversas famílias, vindas principalmente da região de Minas Gerais. Foi então que um desses moradores, o Sr. Manuel Pereira, abriu um Ponto de Café para servir aos viajantes. Como a região era muito bonita, o relevo plano e a mata verde, nasceu a denominação do local de Ponto Belo, quando ainda não existia Mucurici. Até então Ponto Belo era conhecido por **Bozó**, que era um albergue que tinha uma casa grande, sem divisões por dentro, onde pernoitavam os madeiros, que a luz do dia derrubavam as matas. Essa casa, hoje funciona uma pensão, onde se serve a melhor comida do lugar.

Quando se encerrou o ciclo de retirada da madeira de lei, na clareira dei\_xada, os moradores começaram a plantar mandioca, banana, milho, feijão e outras culturas. O processo continuou até a chegada do gado, quando alte\_rou toda a estrutura sócio-econômica da região.

Ponto Belo tem uma posição estratégica dentro do município, o que muito

contribuiu para o desenvolvimento e crescimento do povoado. Fica na confluência de 3 rodovias estaduais que ligam o povoado a diversas localidades. Passam por Ponto Belo a rodovia ES 320, que faz a ligação com Cotaxé e Ecoporanga; a ES 137, que desce para o sul, via Itamira e Nova Venécia e a ES 209, para oeste passando por Mucurici e Montanha, até a BR 101. De topografia plana e suave ondulada, as estradas não chegam a ser de péssimas condições, a não ser durante as épocas de chuva e provavelmente, logo serão pavimentadas. Isso devido a posição econômica em que hoje se encontra Ponto Belo.

O sítio urbano, encerra uma grande área ocupada, fazendo com que Ponto Belo talvez seja um dos únicos povoados do Brasil que é maior que a sede do município, notadamente Mucurici. De traçado regular, as largas ruas formam quadras onde assentam os 740 prédios existentes. Em 1980, segundo o IBGE, esse número era de 584 para 2.368 hab., contra os 2.997 de 1985. Pelos cálculos projeccionais, Ponto Belo não para de crescer e por volta do ano de 2010, sua população girará em torno de 6.000 pessoas.

Atualmente a sua conformação econômica, muito importante nesse processo de crescimento, é a seguinte: há 3 farinheiras em atividades, que ocupam cerca de 200 trabalhadores, quando em pleno funcionamento. Quando não há mandioca suficiente, só trabalham as poucas pessoas necessárias para o serviço. Não mais do que 25 trabalhadores tem sua situação profissional regularizada, já o resto do pessoal, são em sua maioria mulheres e crianças, que ganham por produção/dia, para descascar as mandiocas. A mandioca vem das redondezas, o capital é local e o escoamento da produção se dirige a outros municípios e estados, principalmente São Paulo e Pernambuco. Estas indústrias, no entanto, pouco benefício trazem para o povoado. Em se tratando de melhorias urbanas, inclusive o que acontece normalmente é justamente o contrário, pois acabam por poluir os córregos com os dejetos da atividade. Existe também em Ponto Belo uma Usina de Resfriamento de Leite - SPAM, onde se processa, apenas, o resfriamento e envio do leite para a Usina de Nanuque. Emprega 6 trabalhadores.

No setor primário as principais atividades são a pecuária e o cultivo da mandioca. A distribuição fundiária apresenta um domínio das grandes propriedades, quase 90% da área. Encontram-se fazendas de até 1.000 alq. tomado pela criação bovina. E esse quadro tende a aumentar pela concentração de terras que ocorre atualmente, transformando as terras cultivadas em pastagens. As outras atividades na agricultura são o plantio de roças a nível de subsistência como feijão, milho etc.

O comércio local atende apenas ao consumo de primeira necessidade. Existe um **supermercado**, mas que não passa de uma supervenda, com produtos mais modernos, enlatados, plásticos etc. Conta também com uma loja de tecidos e vários botequins-vendas. O comércio superior é atendido em Nanuque. Há ainda uma casa da Cooperativa CCPL, que vende produtos e implementos agrícolas.

O setor de educação conta com um só estabelecimento, a **Escola de 1º Grau Professora Valda Costa Severo**, que em 1984 contou com 887 matrículas, da 1ª a 8ª séries. O 2º grau é feito, por quem tem condições, em Mucurici, distante 6 quilômetros. A Prefeitura Municipal de Mucurici, mantém um ônibus que leva e trás os alunos de graça para estudar na sede municipal.

Na parte de equipamentos urbanos, Ponto Belo conta com um Posto de Serviços do BANESTES. Há ainda um Posto Médico, com atendimento diário. As necessidades maiores, são feitas em Mucurici, onde tem uma Maternidade em convênio com o INAPS e FUNRURAL.

Segundo os moradores, uma das principais causas do crescimento de Ponto Belo, é o manancial de água lá existente. Numa região que é muito quente e que, com a derrubada das árvores e a locação de pastagens tornou-a árida, fez com que a população da redondeza procurasse o povoado para se fixarem. Isso é comprovado pela existência de uma Estação de Tratamento e Distribuição de Água da CESAN, que abastece metade da população. O restante utiliza de água de córrego e poços muitas vezes poluídos pelas fariinhas. Rede de esgoto, no entanto, não existe, obrigando a população

despejar os detritos domésticos e industriais em fossas e muitas vezes diretos nas ruas do povoado. A coleta de lixo é irregular, ocasionalmente realizada por garis da prefeitura. Suas ruas não são drenadas e apenas a rua principal é pavimentada.

Por ter um grande dinamismo populacional e econômico, ponto Belo conta com uma linha de ônibus direto para Vitória, via Mucurici.

## 2.2. POVOADO: ÁGUA BOA

D. Constância e seu marido residem há 20 anos em Água Boa, quando chegaram, o lugar era um grande **capoeirão**, mas a escola já estava em funcionamento num prédio velho que depois foi substituído por outro, que funciona até hoje. Também tinha algumas construções de domicílios. Eles, juntamente com outros moradores, vieram da Bahia e primeiramente foram para um lugar chamado **Palha**, onde hoje se ergue a cidade de Montanha, que naquela época era conhecido como **Comercinho**. D. Constância é uma velhinha, que do alto dos seus 80 anos, não esconde a mágoa de ter trabalhado a vida inteira e ter que curtir uma velhice ainda trabalhando, pois se assim não fosse, **como sobreviveria num lugar destes**, como ela mesmo diz. Enquanto ia contando a história desses seus 20 anos de Água Boa, vão chegando os vizinhos para também participar da conversa, inclusive seu marido, que beira a mesma idade de D. Constância. Ele chega com uma enxada nas costas, pois passou o dia inteiro capinando a roça, para levantar um troco para a comida do dia.

Toda a população economicamente ativa do povoado sobrevive assim, trabalhando como diarista nas grandes propriedades do entorno, no plantio e colheita da mandioca, milho, feijão. **Água Boa está acabando**, dizem os moradores, **de bom mesmo só temos a água**, retruca D. Constância, oferecendo a todos um gole de uma água meia barrenta mas que ela garante **ser da melhor qualidade**. Esta água como toda que serve o povoado é retirada de poço, pois não existe rede de água, nem tão pouco de esgoto, nem calçamento, nem coleta de lixo, muito menos Posto Médico, não tem nada, só tem gen

te, gente e esperança de um dia tudo mudar, e cada um ter um pedacinho de terra para plantar, e comer e quem sabe viver o resto da vida, sem ter que trabalhar para ganhar uma quantia irrisória, que mal dá para comer. E essa gente é em número de 262, contra 300 que tinha em 1980, e a tendência é diminuir ainda mais, já que dá grande imigração de pessoas que partem a procura de sorte melhor do que Água Boa.

Esta estagnação é refletida, nitidamente no comércio local, apenas 4 botecos-venda sobrevivem, vendendo apenas gêneros de primeira necessidade, como cereais, cachaça, velas, carne-seca, sardinha-seca, de São Paulo. Um dos comerciantes, confirma essa situação, mostrando um grande pessimismo para o futuro, se a administração pública não ajudar. E é de muita ajuda que esse cantinho do Estado precisa, senão, daqui alguns anos, Água Boa nem água mais vai ter, e simplesmente sobrar a triste lembrança de um povo massacrado pela estrutura concentradora, que oprime o homem do campo.

A **Escola de Água Boa I e II** e a **Escola Singular Boa Vista**, atendem as crianças dos povoados e adjacentes precariamente, e teve em 1984, apenas 18 matrículas. O estudante que quiser continuar os estudos tem que ir embora para Mucurici, distante 22 quilômetros ou então terá que parar de estudar na 4ª série do 1º grau.

Como em quase todos os povoados do Espírito Santo, o único serviço de infra-estrutura existente, é a energia elétrica. E é pela TV e pelo Rádio, que a população se liga com o mundo e se diverte. De repente D. Cons<sup>ta</sup>ncia intervém, com lucidez e desespero, e diz que **para ir embora daqui, dois ônibus passam pelo local, fazendo a linha Nanuque x São Mateus e Nanuque x Nova Venécia**. Parece que a função dos ônibus por essas bandas é essa mesmo, levar as pessoas embora, para entrar o gado. Pois esse é quem está tomando o lugar do trabalhador na roça.